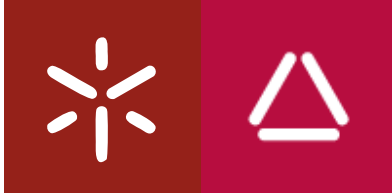




Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Marcelo Balbino

**Um olhar sobre a aceleração social e técnica,
velocidade e os usos do tempo: o caso das
atividades criativas e de comunicação**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Marcelo Balbino

**Um olhar sobre a aceleração social e técnica,
velocidade e os usos do tempo: o caso das
atividades criativas e de comunicação**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Emília Rodrigues Araújo

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença [abaixo](#) indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação de mestrado é muito mais que o volume impresso e encadernado com nosso esforço, dedicação e orgulho. Dentro dela vive um tempo subjetivo, construído por palavras, desafios, distâncias, acenos e travessias que rompem oceanos e desenham novos capítulos.

Tempo de completar parte da jornada, nesta caminhada que não foi só minha. Começa lá atrás, com meus pais me ensinando a andar e a cair! A eles, Neuza e Irineu, que vivem sempre em meu coração, minha gratidão eterna e a maior saudade possível.

Aos irmãos Marcos e Cláudia Balbino, que atravessam comigo os dias que a vida escreve nos caminhos da vida, sempre com amor infinito e alegria que também vem da família: Suzi, Márcio, Artur e Alice. Aos tios, primos e toda a família Tebech.

Toda amor e gratidão para Claudia Mota, com quem escolhi dividir a vida e os caminhos que vamos construindo a cada dia, também com Nelly, Mário, Lilian, Eduardo, Silvana, Beto, Cris e todos os sobrinhos, meus agradecimentos.

Ao grupo “amigos para sempre”, Ronaldo, Cinthia, Cristina, Angelo, Alexandre, Gustavo, Guilherme, aos queridos João e Valquíria, obrigado pela caminhada.

Agradeço a minha orientadora professora Doutora Emilia Araújo e na figura dela amplio as saudações para todos os professores que tive, verdadeiras luzes do caminho a apontar sempre para os lugares onde eu pudesse crescer e me tornar melhor.

Para Daniel, Rafael, Bárbara, Fábio, Mazé, Marcus, Adalberto, Patrícia, Cido, Guta, Michelle e Marcio, muito obrigado!

Ao meu “irmão português,” Fabiano, ao Téo e Renata, por todas as coisas boas que construímos e que levamos no caminho. Aos amigos Graci, Dan, Liana, um brinde e vinhos do Porto. Almôndegas do Ikea para, Morena, Rafa, Isa, Mariana, cinema para Conrado, Douglas. Braga Romana para Priscila, Andrei. Meus agradecimentos para Michele, Vanessa, Hudson e os amigos de sala, do campus, das ruas, do mundo.

Adriano Borges, Francisca e o pequeno Joaquim, um saudoso agradecimento, estendido a todos os amigos portugueses da UMinho e também aos funcionários: nunca vou esquecer o carinho com que me receberam, desde quando a Dra. Susana saiu da sua mesa para me mostrar o prédio onde eu teria aula (que não era o prédio onde eu estava).

Gratidão e saudades dos amigos da Arqueologia, Diego, Lara, Felipe, Fran, Dra. Fernanda, Catarina, Silvia, Jéssica e o pessoal da biblioteca: Luã, Isabela, Carol, Edgard, João Marcelo, Lucas, Dona Hermínia, Alfredo, Dr. Elísio, Isabel. Obrigado ao Paulo e a Virgínia, meus primeiros guias em Braga.

Uma caminhada é formada por passos, amizades e aprendizagens. Sou grato por todos eles.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Um olhar sobre a aceleração social e técnica, velocidade e os usos do tempo: o caso das atividades criativas e de comunicação

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e tem por objetivo analisar a aceleração social e técnica, velocidade e os usos do tempo em algumas atividades de comunicação.

Inicialmente procuramos demonstrar como os conceitos do tempo percorreram um caminho de uma fundamentação natural para um conceito social. Buscamos autores da filosofia, antropologia, sociologia, como Immanuel Kant, Émile Durkheim, Henri Bergson, Max Weber, Martin Heidegger, Alfred Gell, Anthony Giddens, John Urry, Edward T. Hall, entre outros.

Em seguida, enfocamos a sistematização proposta por Hartmut Rosa sobre aceleração social e velocidade. Procuramos demonstrar como tais conceitos provocaram mudanças estruturais na sociedade e em nosso recorte de pesquisa, nos profissionais da comunicação. Incluímos um breve estudo sobre a sociologia e o tempo do jornalismo, a caminho das transformações que acontecem no segmento.

No próximo passo, com o objetivo atualizar o tema, realizamos entrevistas, sob a ótica do tempo, com alguns profissionais que exercem atividades de comunicação como a escrita (reportagens, artigos, livros), peças publicitárias e ilustrações.

Na conclusão do trabalho, verificamos como a velocidade, junto aos aparatos técnicos, tem pressionado e moldado as tarefas criativas e intelectuais. Pelas lentes temporais, acrescentamos reflexões sobre o sector, que se encontra em profunda transformação. Finalmente, analisamos perspectivas para o futuro, por meio das opiniões das entrevistas e dos autores consultados.

Palavras-chave: aceleração social, jornalismo, mídia, tempo, velocidade.

A look at social and technical acceleration, speed and the uses of time: the state of creative and communication activities

ABSTRACT

This research was developed in the context of the final year of the Master in Communication, Art and Culture, at the Institute of Social Sciences of the University of Minho and aims to analyze the social and technical acceleration, speed and the use of time in some communication activities.

Initially we tried to demonstrate how the concepts of time developed within the social sciences studies, considering authors from philosophy, anthropology and sociology, such as Immanuel Kant, Emile Durkheim, Henri Bergson, Max Weber, Martin Heidegger, Alfred Gell, Anthony Giddens, John Urry, Edward T. Hall, and others.

Then, we focus on the systematization proposed by Hartmut Rosa concerning social acceleration and speed. We seek to demonstrate how such concepts have caused structural changes in society as well as in communication domains, including the ways communication professionals deal with their own activities. We have included a brief study on the sociology and time of journalism, with the view to discuss the transformations that take place in the segment.

In the next step, in order to update the theme, we conducted interviews, from the perspective of time, with some professionals performing communication activities such as writing (reports, articles, books), advertisements and illustrations.

In the conclusion of the work, we clarified how the speed, along with the technical apparatuses, has pressed and molded the creative and intellectual tasks. Following the time lenses, we add reflections about the issue, which is in deep transformation. Finally, we analyze perspectives for the future based on the opinions of the interviews as well as of the authors consulted.

Keyword: journalism, media, time, social acceleration, speed.

Engarrafar e beber o tempo

Em milhares de anos de cultivo da vinha nunca sofremos tanto esta influência quanto agora. O mundo do vinho também está acelerado e não conseguimos nos desvincular deste imediatismo, salvo algumas exceções. Então, nem na vinícola, nem nos vinhedos conseguimos estar imunes à pressa do mundo. Infelizmente...

Porém, se por um lado presenciamos esta influência assustadora do mundo apressado, também estamos observando o surgimento de vinhateiros que vão na contramão deste imediatismo. São vinhateiros que retornam aos métodos ancestrais de vinificação, como os vinhos elaborados em talha (ânforas) ou em madeira, resgatando técnicas antigas. Acredito que isso seja um resgate não só para o vinho, mas também para o homem. Talvez possamos, com estas iniciativas, voltar a entender o vinho como uma bebida do tempo. Afinal engarrafamos o tempo, cada safra é fruto de uma uva que viveu todas as estações de um determinado ano e transformou-se poeticamente em vinho.

Luis Henrique Zanini

Vinícola Vallontano – Rio Grande do Sul - Brasil

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
LISTA DE TABELAS:	x
LISTA DE FIGURAS:	x
INTRODUÇÃO	13
1 A PROBLEMÁTICA DO TEMPO SOCIAL	17
1.1 Tempo natural para social	17
1.2 Ser (temporal) no mundo.....	19
1.3 Religião, disciplina e o tempo-relógio.....	20
1.4 Tempo de um novo olhar	22
1.5 Tempo como categoria central.....	26
1.6 Aceleração social: a montanha-russa	28
1.7 Eixos da aceleração social	30
2 A PROBLEMÁTICA DO TEMPO APLICADA A ATIVIDADES CRIATIVAS E INTELLECTUAIS 34	
2.1 Aceleração na comunicação	34
2.2 <i>Slow</i> : movimentos contrários	43
2.3 Sem tempo para saúde	49
2.4 Transformações no jornalismo.....	51
3 PERCURSO METODOLÓGICO	57
3.1 Entrevistas	57
3.2 Condução das entrevistas no terreno	59
3.3 Entrevistas: notas sobre a seleção	61
3.4 Categorias de análise	66

4 DISCURSOS E PRÁTICAS DO TEMPO (RESULTADOS)	68
4.1 Rotinas.....	69
4.2 Percepção da aceleração.....	75
4.3 Modos de lidar com o tempo e a aceleração	79
4.4 Relevância e lugar das tecnologias.....	84
4.5 Qualidade e velocidade.....	89
4.6 Transformação da profissão e futuro.....	94
4.7 Tempo, trabalho e saúde.....	102
5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS	105
5.1 Cinco pontos principais revelados na pesquisa.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118

LISTA DE TABELAS:

Tabela 1 – Temporalidade do jornalismo.....	36
Tabela 2 – Anúncio no LinkedIn	42
Tabela 3 – Sugestão de perguntas	58
Tabela 4 – Diálogo inicial por correio eletrônico.....	60
Tabela 5 – Identificação dos entrevistados	64
Tabela 6 – Perfil dos entrevistados.....	65
Tabela 7 – Categorias da análise	66

LISTA DE FIGURAS:

Fig. 1 – Comercial Mercado Pago	47
Fig. 2 – Comercial Mercado pago	47
Fig. 3 – Comercial Mercado Pago	47
Fig. 4 – Comercial Mercado Pago	47

INTRODUÇÃO

*“Não tenhamos pressa,
mas não percamos tempo.”*

(José Saramago)

Um editor que comanda o telejornal nos estúdios da TV Globo, em São Paulo (SP), em algumas situações tem três segundos para decidir o que fazer (comerciais, reportagem gravada, entrada ao vivo), sob pena de demissão, caso se omita ou cometa um erro grave. A rara flor Udumbara, de acordo com as escrituras budistas, cresce a cada três mil anos. Alguns minutos a mais de permanência acima dos oito mil metros de altura, no monte Everest, podem custar a vida de um alpinista. O navegador Amyr Klink levou pouco mais de 100 dias para ir da Namíbia até o Brasil, em seu barco a remo. Uma jovem, nas ruas do Rio de Janeiro, pede um minuto aos que passam na sua frente para oferecer um serviço.

Em todos os exemplos, a referência do tempo está presente, como um dos eixos para a construção da vida, do trabalho, dos desafios e também da morte. A dança do tempo envolve os indivíduos e suas percepções. Um tempo materializado, negociado, vivido, disciplinado, aproveitado.

Na modernidade, a categoria do tempo e suas dinâmicas mostraram-se imprescindíveis para perceber o mundo e seu desenvolvimento. “Somente o viés de uma perspectiva temporal possibilita uma análise adequada ao caráter da modernidade, seu desenvolvimento estrutural e cultural” (Rosa, 2003, pp. 3-33).

Diante das tecnologias, muitas vezes indivíduos raciocinam em minutos, segundos, em escalas cada vez mais velozes e dias abreviados. É certo que no entendimento das ciências “exatas” os dias têm sempre a mesma duração, determinada por calendários e relógios. Porém, o senso comum e científico tem sinalizado um aumento sistematizado da velocidade, tornando o mundo cada vez mais “imprevisível, irresistível e incompreensível” (Sevcenko, 2004, p. 17).

O cenário acelerado, globalizado e plural, levanta um alerta sobre o uso do tempo nas profissões que historicamente necessitam de maior experiência e profundidade para seus resultados. A dinâmica efêmera da atualidade provocaria interferência em processos nos quais a velocidade não vem em primeiro lugar? Neste contexto reside o problema que investigaremos: o

trabalho de um ilustrador, um documentarista, escritor ou jornalista pode ser acelerado ao extremo sem perdas? A velocidade pode influenciar a qualidade esperada para estes casos?

A fragmentação temporal e espacial impulsiona as relações em uma cultura de brevidade e a sensação de “querer o futuro agora” (Adam, 1990, p. 140). O efeito das ações que se renovam e passam entre imagens, aceleração e fragmentação, “torna cada vez mais improvável que os indivíduos tenham a concentração e resistência para lerem livros complexos do princípio ao fim” (Urry, 2002, p. 397). Portanto, estaria a instantaneidade, funcionando como elemento prioritário, a moldar as relações de trabalho, comunicação e consumo? Em busca de respostas para estes questionamentos seguiremos algumas etapas na pesquisa.

Inicialmente faremos uma revisão dos estudos do tempo, entre conceitos da filosofia, sociologia, antropologia. Neste cenário inicial mostraremos os pilares das reflexões sobre o tempo e seu emprego. O capítulo será composto por um mosaico de pensamentos, a percorrer a história da transformação do tempo, sobretudo ao migrar de um conceito natural para o social. Acompanharemos a criação dos calendários e relógios, instrumentos balizadores de orientação, controle e disciplina, no tempo transformado e significado. Discorreremos brevemente sobre a influência da religião, como modelo disciplinador de tempo, e posteriormente sobre conceitos da modernidade e a ruptura entre o tempo e o espaço, influenciada principalmente pelas tecnologias. É importante lembrar que alguns cientistas consideram ou consideravam o tempo indissociável do espaço, no termo tempo-espaço ou vice-versa. Porém, na literatura verificamos que diversos autores analisam o conceito do tempo individualmente. Mesmo assim, por vezes a questão do espaço estará presente, direta ou indiretamente. Reforçamos, porém, o nosso foco na questão do tempo, seu uso, e, posteriormente, na aceleração social que nele reside. A partir da construção deste mosaico será possível visualizar a natureza do quadro formador dos conceitos de tempo, temporalidades e da aceleração do tempo.

Em seguida nos interessam os processos de aceleração social, a partir das reflexões de seu idealizador, Hartmut Rosa, entre outros pensadores. O caminho percorre o nascimento do conceito de aceleração, sua estrutura, seus motores, sua relação com a modernidade, avanços e a sua relação com o trabalho, incluindo a verificação da velocidade nas tarefas em geral para, em seguida, centrar foco no modelo de trabalho das profissões elegidas.

Outro ponto do trabalho é a metodologia escolhida para a nossa pesquisa, assim como a posição do investigador diante deste processo. Durante a investigação foram colhidos depoimentos com alguns profissionais de diferentes áreas, mas todos atuantes em formatos de produção

criativa. As entrevistas transcrevem a experiência individual em lidar com o tempo e com as tarefas que desenvolvem.

Após percorrer o intrincado mosaico de conceitos poderemos observar melhor o nosso recorte de pesquisa e os nossos objetivos. Diante de muitas correntes de pensamentos, partimos do princípio do tempo que migrou de um olhar natural para uma questão nomeadamente social, que passa a estruturar cada vez mais a vida dos indivíduos em todas as suas camadas. Assim percorre e transforma de forma objetiva e subjetiva o comportamento, trabalho e a cultura dos indivíduos.

Na modernidade, partimos do princípio que vivemos numa dinâmica de velocidade crescente, atrelada, de um lado, à produção e consumo e, de outro, ao desafio imposto pelos sistemas de aceleração e seus efeitos.

Nesse sentido, nossa pesquisa tenta analisar como os processos de alguns trabalhos, dados como criativos ou intelectuais, lidam com as dinâmicas da aceleração social e compressão do tempo. A pesquisa teve como caráter central verificar a influência que a velocidade pode exercer sobre um trabalho, que ainda não é automatizado (salvo recentes inovações) e que depende, em grande parte, do ser humano. Portanto, neste recorte entende-se por criativas as tarefas de concretizar ideias em formatos de comunicação, como a apuração, escrita, edição e revisão do jornalista, ou os traços de uma ilustração, a pesquisa e preparação de um artigo, a escrita imersiva de um livro, roteiro cinematográfico ou mesmo a edição de um jornal para a televisão.

Buscamos perceber como alguns profissionais, que partem de ideias, lidam com o relógio, como se organizavam no passado e como instituem seu tempo hoje, assim como entender as ferramentas e artifícios que utilizam nas dinâmicas do tempo. Nosso recorte ainda promoveu a reflexão sobre o binômio velocidade-qualidade, no sentido de apurar ritmos, pressões, necessidades e resultados.

Nosso caminho nos leva a percorrer conceitos do tempo, da aceleração social para, enfim, voltar o olhar para as dinâmicas e utilização das temporalidades desses profissionais elencados, bem como as suas rotinas e os efeitos da dinamização e velocidade sobre a natureza de suas tarefas.

Foram entrevistados os seguintes profissionais: jornalista (articulista, editor, chefe de reportagem, apresentador de programa de TV), escritor, ilustrador, documentarista, professor, conferencista, publicitário, palestrante, pesquisador (alguns profissionais acumulam mais de um

cargo e a maioria 83% do total atua como jornalista, sendo 58% considerados jornalistas de formação). Os detalhes da pesquisa serão apresentados no capítulo da metodologia.

No desenvolvimento da dissertação vamos incluir um panorama sobre a natureza de alguns trabalhos jornalísticos ou intelectuais, sobretudo no uso das temporalidades utilizadas nos processos criativos e de escrever. Nesta etapa pretendemos mostrar como as tarefas (que não se enquadram a processos automatizados na sua essência) foram moldadas pela modernidade e pelas novas tecnologias. Em seguida vamos incluir os depoimentos que foram colhidos com os profissionais, no relato de suas rotinas e dinâmicas e percepções temporais.

Ao final da dissertação apresentaremos reflexões sobre os testemunhos colhidos nas entrevistas sob a ótica dos autores que se dedicam ao tema do tempo, aceleração social, dinamização. O objetivo é responder as dúvidas propostas neste trabalho, refletir sobre a influência da aceleração social nos processos criativos, assim como entender os efeitos da compressão do tempo em suas tarefas e, se possível, apontar tendências e caminhos.

Cabe ressaltar que o tema está inserido em uma complexa teia mutável, repleta de consensos e interpretações, marcada pela visão de diferentes autores em seus olhares, segmentos e contextos transitórios. “Trata-se, sem dúvida, de um conceito dos mais controvertidos, uma vez que cada pensador o delinea na perspectiva do sistema de pensamento que cria” (Santaella, 2013).

Esperamos, portanto, contribuir para o debate do tema, que tem se mostrado extremamente atual, pertinente e transformado profissionais e setores pelo mundo todo.

1 A PROBLEMÁTICA DO TEMPO SOCIAL

1.1 Tempo natural para social

As civilizações antigas relacionavam o tempo e suas atividades aos fenômenos naturais, como as fases da lua, movimento das marés ou a época das colheitas na agricultura (Giannini, 2012). O tempo surgia como algo que nos era concedido, como uma condição vinculada à natureza e exterior ao Homem. Um tempo que apenas passava e poderia ser aproveitado.

As relações de uma sociedade pautada pela natureza foram documentadas por Evans-Pritchard (1978), em seu estudo antropológico dos Nuer, na África. O conceito de tempo da tribo estava ligado aos reflexos das suas próprias afinidades como o meio ambiente (ao qual denominou tempo ecológico) e suas relações mútuas no interior da sociedade que viviam (tempo estrutural). Distante dos relógios e do mundo ao redor, a tribo tangenciava a sua temporalidade com atividades naturais, intrinsecamente ligadas ao gado, sua dinâmica e seus movimentos.

A tentativa de pontuar esta natureza inexorável e criar instrumentos para a medição do tempo é um plano muito antigo. Os relógios de água mais simples, como a clepsidra, datam de 1500 anos a.C. no Egito (Mays, 2010, p. 17). Na Grécia e em Roma, o instrumento era utilizado para medir a duração de um discurso, assim como dimensionar o ciclo de revezamento e substituição da guarda. Em outra atribuição, o utensílio era empregado em um tribunal ou processo de julgamento. Seu uso anunciava um sentido de orientação: a partir da medição da clepsidra, membros da acusação e defesa mantinham o mesmo tempo para falar.

O relógio de sol, a ampulheta, ou os relógios gigantes, como o Orloj em Praga (século XV) traziam seus propósitos. Instalados em torres, ou locais de grande visibilidade, passaram a orientar algumas das atividades humanas. Inicialmente serviam para medir a duração de tarefas, horário das missas, chegada ou partida nas viagens (Giannini, 2012).

Em busca de um sentido de orientação, relógios, calendários ou comemorações apontavam um comportamento individual padronizado e temporalizado pelas sociedades. Para Kant (1983, p. 84), no interior da condição do tempo “dado a priori”, residia a percepção interna do indivíduo sobre o conhecimento, ordenada no tempo e no espaço. Para o filósofo, o tempo estaria, então, no sujeito que o concebesse. Medir o tempo, de forma mecânica e artificial, indicava um sentido coletivo aos indivíduos, representando um ato carregado de conotação social. Um tempo que era materializado a partir dos homens, em nome do desenvolvimento.

No âmbito da integração do tempo como instrumento da sociedade, Durkheim apontava que as divisões dos calendários correspondiam a periodicidade das festas e cerimônias públicas (atividades coletivas) e asseguravam a sua regularidade. Um tempo que era pensado por todos os homens, aos quais todas as coisas estariam classificadas temporalmente em pontos de apoio, que seriam emprestados da vida social. “Não podemos conceber o tempo senão sob condição de distinguir nele momentos diferentes” (Durkheim, 2009 p. 212). Nesse sentido, o conceito de tempo natural transformava-se em percepções individuais, diante das orientações e necessidades coletivas. O próprio cientista Albert Einstein, que contrapôs as vigentes teorias de Isaac Newton, aprimorou conceitos de um tempo relativo, não só pela física, como também relacionado ao estado de consciência dos sujeitos. “Existe assim, para cada indivíduo, um tempo pessoal, um tempo subjetivo” (Einstein, 2003, p. 11).

Os sistemas e os instrumentos de medição temporal foram moldados e aprimorados e passaram a referenciar dinâmicas, leituras e significados para as sociedades. As percepções individuais sobre a natureza do tempo foram sendo cada vez mais materializadas e orientadas coletivamente nas sociedades, que passaram a classificar o tempo como uma condição social, como ressalta Urry (2002, p.378), utilizando-se do pensamento de Durkheim.

Durkheim defende que apenas os humanos têm um conceito de tempo e que o tempo nas sociedades humanas é abstrato e impessoal e não meramente individual. Além disso, essa impessoalidade é organizada socialmente; é o que Durkheim refere como “tempo social”. Nesse sentido, o tempo é uma “instituição social” e a categoria de tempo não é natural, mas social.

Na trajetória do desenvolvimento da sociedade, em plena era industrial, a medição do tempo despontou como uma necessidade que atingia todos os indivíduos. Depois do relógio de bolso, foi o leitor horário de pulso que ganhou força no século XVIII. Thompson desvenda a trajetória do relógio pessoal, em 1790, quando este aparato passava do escopo do “luxo” para a “conveniência”¹.

O pequeno instrumento que regulava os novos ritmos da vida industrial era ao mesmo tempo uma das mais urgentes dentre as novas necessidades que o capitalismo industrial exigia para impulsionar o seu avanço. Um relógio não era apenas útil; conferia prestígio ao seu dono, e um homem podia se dispor a fazer economia para comprar um. (Thompson, 2005, p. 279)

¹ Com efeito, poderíamos projetar o status do relógio de pulso da época, comparando-o ao surgimento dos telefones celulares? Uma condição de prestígio e modernidade, com uma sinalização (muitas vezes subjetiva) de orientação e dominação, percebida nos conceitos de tempo e espaço.

1.2 Ser (temporal) no mundo

O relógio, de acordo com o pensamento de Heidegger, só pode ser utilizado para regular as atividades no presente, mostrar o tempo do agora. Voltado para uma revisão da filosofia do ser, o teórico considerava que o conceito de tempo demonstrava a natureza do sujeito. Para o filósofo, o tempo passava a representar a condição do ser no mundo (*Dasein*) e o estudo deste ser era realizado somente sob um prisma temporal. Em seu modelo de pensamento, a temporalidade é caracterizada pela finitude humana do homem, a caminho da morte.

Em sua análise fenomenológica, Heidegger discorda da medição do tempo empregada por Aristóteles e Santo Agostinho, que, de forma geral, só poderiam ocorrer por intermédio da alma ou do espírito. Para ele, o ser humano tem uma ligação muito particular com o tempo, pois o mesmo só é decifrado a partir do homem. Portanto “o sujeito não existe no tempo, como as coisas da natureza, ele é no fundo temporal, ele é o tempo” (Dastur, 1990, p. 29).

O tempo então considerado, com efeito, como um sinônimo de homem, sendo ele, o tempo, a sua própria existência temporal.

O que o relógio indica não é a duração, a saber, a quantidade de tempo que flui, mas sim unicamente o “agora” tal como é fixado de cada vez e, relação a ação presente, passada ou futuro. Portanto só posso ver as horas no meu relógio referindo-me a esse “agora” que sou e que remete para essa temporalidade “minha” que preexiste a todos os instrumentos destinados a medi-la. (Dastur, 1990, p. 30)

Portanto, para Heidegger, “Uma ‘meia hora’ não são 30 minutos, mas uma duração que em geral não tem ‘comprimento’: no sentido de uma extensão quantitativa. Essa duração é cada vez interpretada a partir de habituais ‘ocupações’ cotidianas.” (Heidegger, 2014, p. 309). Em sua contribuição é possível perceber como o caráter do tempo é medido, principalmente, imposto nas relações do tempo da cultura ocidental.

Outro pensador relacionado a uma análise do tempo no “agora” foi o americano George Herbert Mead em sua relevante colaboração para uma teoria social do tempo e espaço. Seu trabalho enfatizava, sobretudo, o presente, renegando o passado ou futuro, colocando-os de forma subjetiva em nossa mente. Tanto que a sua obra *The Philosophy of the Present* já anuncia a sua posição sobre o tema nas primeiras linhas. “O assunto desta conferência encontra-se na proposição de que a realidade existe em um presente. O presente, naturalmente, implica um

passado e um futuro, e para ambos nós negamos a existência.” (Mead, 1982, p. 1).² Para Mead, o contexto do passado é recriado no presente, transforma o passado e dá sentido ao futuro.

É a emergência do presente que transforma o passado e que dá sentido ao futuro. Esta emergência tem origem na interação entre as pessoas e o ambiente, sendo que os seres humanos são concebidos por Mead como partes indissolúveis da natureza. Esta emergência é sempre algo mais do que os eventos que lhe dão origem. Além disso, se o presente é real, o passado e o futuro são ideias ou representacionais. Apenas os concebemos através da mente. (Urry, 2002, p. 381)

1.3 Religião, disciplina e o tempo-relógio

Assim como o relógio – utilizado no sentido da construção de dinâmicas e ritmos, observadas e debatidas em diferentes maneiras –, a igreja é considerada como uma das instituições precursoras na orientação do tempo como disciplina. De acordo com Giddens (2003), o mosteiro foi um dos primeiros lugares a ter o dia temporalmente regulado de maneira precisa e ordenada. “As ordens religiosas foram mestres no controle metódico do tempo, e sua influência, difusa ou mais direta, era sentida por toda parte” (Giddens, 2003, p. 174).

Também a religião inspirou o pensamento metodológico de Max Weber. Em seus apontamentos, quando analisa o que chama de “espírito capitalista” (Weber 2007, p. 44) cita a célebre frase atribuída ao americano Benjamin Franklin, “Lembra-te que tempo é dinheiro”, em um paralelo entre a ética protestante e a conduta moral e econômica vigente. Traduzido em valor monetário, o pensamento capitalista também encontrou referências na religião. Tais indicadores são percebidos quando se explora o tempo como uma riqueza, pois o princípio digno e virtuoso do trabalho também glorificava a Deus.

Na sociedade capitalista ocidental a orientação do tempo tornou-se fundamental, relacionando diretamente o tempo ao dinheiro. “A quantidade de trabalho tem por medida a sua duração e o tempo de trabalho mede-se em unidades de tempo, tais como a hora, o dia, etc.” (Marx, 2019, pp. 59-60).

A descoberta de medidas sociais para quantificar as coisas úteis, o valor de troca das mercadorias, o tempo de trabalho, foram conceitos amplamente descritos por Marx. Porém, alguns autores, como Urry (2002), sinalizaram nesse pensamento, uma ausência de percepção no processo de transformação que o tempo físico acarretaria nas pessoas.

² Todas as traduções presentes neste trabalho são de responsabilidade do autor.

Todavia, o que Marx não desenvolveu foi uma reflexão acerca da forma como este domínio do tempo-relógio pode transformar a subjetividade das pessoas. Vários processos nas sociedades modernas tomam as pessoas como sujeitos temporais, quer numa orientação *para* o tempo, quer no fato de serem disciplinadas *pelo* tempo. (Urry, 2002, p. 380)

Os ponteiros contabilizavam os dias em horas, minutos, segundos. E o tempo era materializado e convertido proporcionalmente em dinheiro. Mas, se, por um lado, o tempo representava o dinheiro, desenvolvimento e progresso, por outro, poderia despojar de sentido os indivíduos, uma vez que o tempo assumia uma conotação de quantidade. Segundo Matos (2008), a ética protestante foi abandonada em nome do espírito capitalista, de acordo com a fórmula de Benjamin Franklin ("tempo é dinheiro"). "Se tempo é dinheiro, ele não é a busca de sentido e subjetividade, mas quantidade e heteronomia imposta pela temporalidade do capitalismo tardio" (Matos, 2008, pp. 460-461).

Na questão da disciplina subjetiva, do tempo-relógio de trabalho, também Urry realça em Weber a primeira análise sociológica deste processo. Ele sublinha o pensamento de Weber quando afirma que perder tempo (sociabilidade, ociosidade ou luxúria) seria o mais fatal dos pecados, digno de uma condenação absoluta. "Não só o trabalho, mas também o lazer é, com frequência, organizado de forma similar: é planejado, calculado, subdividido e lucrativo: trata-se em outras palavras de um 'divertimento racional'" (Urry, 2002, p. 380).

O uso do tempo com economia e das temporalidades como forma produtiva, negociada e disciplinada tornou-se uma mensagem constante e amplamente divulgada em alguns períodos da história humana, como observa Thompson. "Durante todo o século XIX, a propaganda do uso-econômico-do tempo continuou a ser dirigida aos trabalhadores, a retórica tornando-se mais aviltada, as apóstrofes à eternidade tornando-se mais gastas as homilias mais mesquinhas e banais". (Thompson, 2005, p. 298). A noção do tempo como dinheiro, que antecedia a revolução industrial, demonstrava ainda uma influência controladora presentida além do trabalho. Sua mensagem, traduzida pela economia e racionalidade do tempo, trazia a ideia de que as horas livres, mesmo para a classe operária, que se esforçava no trabalho, poderiam ser algo ruim. "Na sociedade moderna madura, todo o tempo deve ser consumido, negociado, utilizado; é uma ofensa que a força de trabalho meramente 'passe o tempo'" (Thompson, 2005, p. 298).

As construções temporais das sociedades, organizadas de forma institucional, mostraram-se eficientes ferramentas de dominação, enfatizadas a partir do capitalismo ocidental. O tempo-relógio passou a pautar, não apenas as dinâmicas do trabalho, sob o signo da industrialização,

modernidade e dignidade perante a Deus. Os ponteiros apontaram, também, para um modo de vida organizado, que privilegiava o desempenho e limitava a liberdade e o espaço de experiências. Uma dominação que, de forma subjetiva ou não, moldava uma postura social, limitava o tempo livre e influenciava a liberdade dos indivíduos.

A modernidade é produzida pelo capitalismo contemporâneo e dominada pelo princípio do desempenho, sua temporalidade não é a da experiência, do conhecimento, da felicidade; ela é institucionalmente organizada e este é "o atributo mais eminente da dominação" — o que corresponde a um encolhimento do "espaço de experiências" na vida social e de liberdade; liberdade de acesso ao passado e ao futuro como construção de uma subjetividade democrática. (Matos, 2008)

Relacionado ao trabalho, tempo livre, lazer, cultura, ciência, o tempo tornou-se então uma categoria transversal em todas as áreas e sociedades, sendo medido, negociado, vivido, imaginado, percebido e ressignificado em temporalidades individuais, coletivas ou subjetivas. “A orientação pelo tempo se transformou na questão central das sociedades capitalistas e demonstrou que tempo e espaço são categorias construídas; são definições e percepções dependentes das relações humanas que se desenvolvem em determinado momento e espaço histórico” (Frezza; Grisci; Kessler; 2009, pp. 487-503).

É possível refletir a partir da literatura relatada, que o sentido do tempo, materializado na vida moderna, tem sido atribuído cada vez mais ao conceito de disciplina, dominação, produção e velocidade.

O tempo foi “coisificado” pelo homem, como recurso artificial organizativo e social, alcançando todos os níveis da existência humana. E desenvolveu sentidos tão caros aos indivíduos e suas sociedades que conhecemos os termos “falta de tempo”, “tempo vazio”, “tempo perdido”, mas não conseguimos imaginar a inexistência do tempo, essa noção artificial e imaterial que materializa nossas vidas. (Giannini, 2012)

1.4 Tempo de um novo olhar

A partir do progresso tecnológico e científico do século XX, o conceito de tempo passou a receber uma projeção e preocupação muito maior entre as ciências sociais. O aumento da velocidade das máquinas, dos processos industriais, da vida, da cultura, da dinâmica dos indivíduos e da sociedade fez nascer novas relações entre os estudos sociológicos do tempo e espaço.

As noções sobre a sociologia do espaço e do tempo adquiriram um significado central no interior da teoria sociológica contemporânea a partir do século XX (Urry, 2002, p. 377). Até então,

as sociedades eram analisadas separadamente da natureza ou do ambiente, em suas próprias estruturas sociais.

O que grande parte da sociologia do século XX investigou foi um sistema de sociedades independentes cujas estruturas sociais eram vistas como consistentes no espaço e onde pouco reconhecimento era concedido ao fato de diferentes tempos sociais se configurarem nessas sociedades. (Urry, 2002, p. 377)

Na visão de Urry, essa lacuna composta pela ausência singular do estudo do tempo (século XX), pode ser em parte justificada pelas mudanças que as sociedades atravessaram, com maior ou menor vigor. “O tempo e o espaço emergiram em diversos lugares, rompendo com algumas noções preexistentes formadas em torno de distinções que serviam para construir uma sociologia que não era nem temporal, nem espacial” (Urry, 2002, p. 377).

Diante das descobertas da modernidade, uma nova ciência se apresentava. O tempo passou a ser percebido como um componente central no estudo dos indivíduos e das sociedades. A premissa, até então ignorada, de que diferentes tempos sociais poderiam se configurar nessas sociedades, se tornou parte relevante nos estudos sociológicos.

A relação tempo-espaço, considerada até então como uma união indissociável, também sofreu influências e alterações. Conforme as novas descobertas, outras formas de viver foram experimentadas, sobretudo intensificadas, a partir do final do século XIX.

Segundo Kern, desde 1880, até a deflagração da I Guerra Mundial, uma série de mudanças radicais na tecnologia e na cultura criaram modelos novos e distintos de pensar sobre o tempo e o espaço e vivenciá-los. Inovações que foram sentidas e intensificadas na modernidade.

As inovações tecnológicas, incluindo o telefone, o telégrafo sem fio, o raio X, o cinema, a bicicleta, o automóvel e o avião, estabeleceram a base material dessa reorientação; os avanços culturais independentes, tais como o romance do fluxo da consciência, a psicanálise, o cubismo e a teoria da relatividade, moldaram diretamente a consciência. O resultado foi uma transformação das dimensões da vida e do pensamento. (Kern, 2003, pp. 1-2)

A partir do senso comum e científico, o conceito de modernidade, por sua própria natureza, relaciona-se com a novidade, o crescimento e velocidade, uma vez que, com efeito, “ultrapassa” o passado. Para Rosa (2019), entende-se por modernidade o processo no qual a sociedade apenas consegue se estabilizar dinamicamente, disposta ao crescimento, ao adensamento de inovações e à aceleração, como meio de manter e reproduzir a sua estrutura, definido como “*aumento quantitativo por unidade de tempo*” (Rosa, 2019, p. XI).

Para Giddens (1991, p. 8), as inovações da modernidade revolucionaram o mundo como nunca havia ocorrido até então. Dessa forma, os conceitos tempo e espaço também foram

incrementados. Para ele, com efeito, o termo "modernidade" refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiu na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Assim, os modos de vida produzidos pela modernidade desvencilharam de todos os tipos de ordem social, de uma maneira sem precedentes. "Tanto em sua extensibilidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes." (Giddens, 1991, p. 10).

Com o foco especialmente em nosso tema, Giddens, nos lembra que o advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo e fomenta relações entre "ausentes", indivíduos localmente distantes de qualquer situação ou interação face a face. Segundo ele, a separação entre o espaço e o tempo (desencaixe) é crucial para o dinamismo da modernidade. As instituições desencaixadas dilatam amplamente o escopo do distanciamento tempo-espaço e, para ter este efeito, dependem da coordenação através do tempo e do espaço. (Giddens, 1991, p. 23).

Outra motivação defendida por Giddens, que alterou a relação do tempo e o espaço, é a capacidade das organizações modernas em conectar o local e o global, afetando rotineiramente a vida de milhões de pessoas (no capítulo da aceleração voltaremos a esta e a seguinte questão). E, por fim, novos modos de "inserção" no tempo e no espaço, tornaram o passado unitário como mundial, utilizando tempo e espaço recombinações para formar uma estrutura histórico-mundial genuína de ação e experiência (Giddens, 1991, p. 24).

A separação do tempo e espaço também mencionada por Harvey (2008) é considerada uma etapa necessária para a escalada do progresso. Para ele a teoria social sempre teve como foco os processos de mudança social, de modernização e de revolução técnica, social, política, sendo o progresso seu objeto teórico e o tempo histórico a sua dimensão primária.

Com efeito, o progresso implica a conquista do espaço, a derrubada de todas as barreiras espaciais e a "aniquilação – (última) do espaço através do tempo". A redução do espaço a uma categoria contingente está implícita na própria noção de progresso. Como a modernidade trata da experiência do progresso através da modernização, os textos acerca dela tendem a enfatizar a temporalidade, o processo de vir-a-ser, em vez de ser, no espaço e no lugar. (Harvey, 2008, p. 180)

Ao romper as ligações do tempo com o espaço, as sociedades e os indivíduos experimentaram por consequência o aumento da dinamização da vida e de maior velocidade nos processos temporais. Diversos processos rotineiros significativos no modo de vida foram acelerados. O aumento da velocidade e diminuição do espaço rompeu com as dinâmicas e temporalidades experimentadas até então. Soja (apud Kern, 1993, p. 79), verificou as mais

importantes inovações como o motor, a locomotiva, o telefone, o avião. Deslocamentos foram abreviados, tecnologias ressignificaram tarefas e o tempo (como veremos com mais detalhes nos próximos capítulos).

Para inovações tecnológicas surgiam novos modelos temporais de vida e de trabalho. Ainda sob a premissa capitalista do mundo ocidental, no início do século XX, surge a primeira novidade da Ford, empresa americana que acelerava a produção de carros a partir de uma linha de montagem em série. É importante destacar que esta mudança só foi possível a partir de uma nova configuração de tempo e espaço. Tal esquema marcava o início de uma era na qual o capital e o consumo pressionavam, organizavam e moldavam ainda mais as dinâmicas do tempo natural dos indivíduos. Este quadro só ocorria a partir da doutrinação dos modelos de tempo-relógio do trabalho, com o custo da transformação da sua subjetividade dos indivíduos em nome do capital. “Ford demonstrara que os processos sociais podiam ser acelerados e as forças produtivas aumentadas pela espacialização do tempo. O problema era subjugar essa capacidade à emancipação humana, em vez de a algum conjunto estreito de interesses como os do capital” (Harvey, 2008, p. 245).

A partir da industrialização, o tempo nas sociedades modernas cada vez mais deixou de ser estruturado apenas em função das atividades sociais. “Em contraste com o tempo natural, é o relógio, e as divisões do tempo, que pautam os nossos dias cada vez mais”. (Urry, 2002, p.379).

Neste mesmo contexto, Hall (1996) analisa a comunicação entre o homem e o relógio, assim como a importância dos instrumentos criados para estender o seu espectro de atuação. Segundo Hall, a partir do momento em que os homens integraram o tempo no seu modo de pensamento e de vida, algo de verdadeiramente novo começou (Hall, 1996, p. 143).

O antropólogo se refere ao que chama de *extensões*, caracterizadas nomeadamente por utensílios de comunicação, como a linguagem. Como exemplo, cita relógios, calendários, telefone (extensão da voz humana), televisão (extensão do olho e do ouvido) entre tantas outras. No reino animal são descritas as teias de aranha ou ninho dos pássaros nas árvores. Segundo Hall as extensões tem uma característica notável: podem ser praticamente desenvolvidas a qualquer velocidade, enquanto que a vida só pode atuar com o produto da acumulação de pequenas mudanças que só consegue operar com o surgimento de uma nova geração.

Se a evolução cultural dos seres humanos estivesse ligada ao processo de evolução genética da nossa espécie, não teríamos ainda ultrapassado o estágio da idade da pedra. Por isso, para acelerar o processo de evolução e adquirir uma maior habilidade para enfrentar os obstáculos que encontra no seu meio, a humanidade começou a desenvolver extensões. (Hall, 1996, p. 146)

Apesar da possibilidade de serem inventadas e praticadas em qualquer velocidade, por outro lado, a escolha pela criação das extensões custa um preço. Segundo Hall, elas são um tipo de projeção particular que, não apenas aceleram e facilitam o trabalho, mas também separam os indivíduos do seu trabalho. “Quando uma função se desenvolve através da produção de uma extensão, esta última começa, por um lado, a existir por si própria, e por outro lado, a confundir-se com a realidade a qual substitui.” (Hall, 1996, p. 147).

O tempo imposto pelo relógio, incrementado pela velocidade tecnológica, tem ampliado conflitos com o ritmo diferenciado do relógio natural dos indivíduos. Esta dessincronização ocorre quando priorizamos a orientação dos velozes processos e instrumentos que nos complementam, em detrimento do nosso tempo natural para o lazer, a reflexão e o descanso.

Para Hall, a separação entre os nossos ritmos interiores e o relógio suspenso na parede explica em grande parte a tensão dos nossos contemporâneos. “Elaboramos hoje em dia um sistema de horários complexos e de hábitos e previsões a que procuramos conformar-nos quando, na realidade é o inverso que se deveria verificar. A transferência da extensão é a causa disso.” (Hall, 1996, p. 148).

1.5 Tempo como categoria central

Para muitos antropólogos, como Gell, (2014) o grande avanço nos estudos do tempo se deu a partir de Durkheim e o conceito de tempo em contexto filosófico (metafísico) associado a noção de tempo social. Um tempo refletido e construído pelos indivíduos e coletivos, a partir de propósitos.

É somente neste momento – acham muitos antropólogos – que o problema do “tempo” se tornou realmente interessante, ou seja, quando surge a possibilidade de as representações coletivas do tempo não o refletirem de uma forma passiva, mas, na verdade, criarem o tempo como um fenômeno captado por seres humanos conscientes. (Gell, 2014, p. 173)

Como elemento da natureza, artefato social, componente individual e coletivo, o tempo está moldado nas pessoas, enquanto finitas e na história da humanidade. Elemento balizador nas sociedades, nas tarefas e nas diferentes percepções, adquiridas em mutáveis pontos de partida e suas conexões. O efeito dessa movimentação em torno da legitimação e utilização do tempo não deixa dúvidas sobre a importância e amplitude do tema, assim como o escopo de sua função, considerada social.

Adam (1990) nos ajuda a perceber as diferentes dinâmicas que se movimentam sobre os eixos do tempo na atualidade. Uma de suas complexidades é a temporalidade entre a vida e a morte. Como multifacetado e múltiplo em suas formas e níveis de expressão, o tempo atua também como medida, sentido, limite, recurso e mercadoria.

Através da entropia, envelhecimento e crescimento, podemos compreender o tempo como irreversível e direcional. Com sua ritmicidade, a vida se torna previsível. Assim, o foco no tempo nos ajuda a ver o invisível. Isso torna a nossa visão e compreensão transparentes e mostra que a realidade física de nossas criações sustenta nossas teorias. (Adam, 1990, p. 169)

Na condução de maior ênfase, importância e centralidade no mundo contemporâneo, Rosa (2003), aponta a condição imprescindível do tempo na modernidade. “Não podemos entender adequadamente a natureza e o caráter da modernidade e a lógica de seu desenvolvimento estrutural e cultural a menos que se acrescente a perspectiva temporal na análise” (Rosa, 2003, pp. 3-33). Para ele, não é difícil constatar que a temporalidade é traço pervasivo, que age como mediador das grandes dimensões materiais da sociedade: estrutura, traços culturais, relação dos homens com a natureza ou mesmo a formação de sua personalidade e caráter.

A categoria central do tempo também é exemplificada por J.T. Fraser (citado por Whitrow, 2013), sobre como a experiência do tempo pode ser vista como uma questão “penetrante, íntima e imediata” (p. 12). Para Fraser, o tempo, enquanto aspecto central do universo, conecta-se e faz parte de todas as outras formas de conhecimento, enquanto nenhuma delas, isoladamente, é capaz de explicar a sua natureza.

A vida, a morte e o tempo combinam-se de uma forma intrincada e intrigante, difícil de ser esclarecida, porém reconhecida em todas as grandes filosofias e religiões. O tempo é um componente de todas as formas de conhecimento humano, de todos os modos de expressão, e está associado às funções da mente. (Whitrow, 2013, p. 12)

Seja diante das dimensões materiais, das formas do conhecimento humano, ou associado aos indivíduos pela mente, a categoria do tempo é posicionada hoje como central. Sobre o seu entendimento no mundo contemporâneo, Adam defende que é preciso permitir que as implicações da vida contemporânea adentrem na profundidade de nosso entendimento e conecte-se com a complexidade de nosso ser e com os significados que impomos ao tempo. “O foco no tempo nos ajuda a identificar pontos de partida. Como tal, não é mais um luxo; tornou-se uma necessidade e nosso destino” (Adam, 1990, p. 169).

Santo Agostinho afirmou certa vez que talvez fosse mais fácil explicar o conceito de tempo pelo o que ele não era, seguindo por suposições contrárias. “Se ninguém me perguntar eu sei; mas, se quiser explicar a alguém que me pergunte, não sei...” (Agostinho, 2017, p. 348).

O mencionado foco no tempo, referido como destino por Adam, nos ajuda também a visualizar e direcionar este trabalho, para o caminho do nosso objetivo: o estudo da aceleração social, da velocidade e a sua influência em alguns processos criativos.

Após descortinar alguns importantes pensamentos e a relação do tempo com a natureza e os indivíduos, nosso desafio vai focalizar a velocidade da temporalidade social, percebida, sinalizada, multifacetada, disciplinada, ressignificada, sofrida, imaginada, conectada, pretendida, dos tempos atuais. Como Agostinho, iremos também seguir por alguns contrários, para tentar explicar a falta de tempo, a falta de experiência, a falta de sentido, entre outros conceitos que parecem tumultuar a nossa visão moderna diante de um inegável progresso técnico e científico, das ondas de aceleração e seu fluxo muitas vezes alienante.

Sem atravessar pelo sinuoso mosaico de conceitos iniciais sobre o tempo, seria difícil identificar os quadros onde nasceram e residem os processos de aceleração por onde vamos seguir. Ao longo do estudo iremos perceber o entrelaçamento e as influências do caminho anterior, seja no passado, presente, futuro ou, principalmente, na percepção das sociedades e indivíduos.

1.6 Aceleração social: a montanha-russa

Inicialmente encontramos a constatação de uma situação que muitos vivenciam todos os dias: a escassez de tempo. Diante de várias teorias e muitos posicionamentos torna-se claro, no mundo capitalista ocidental, que o conceito de tempo estrutura-se sob o alicerce de um relógio social. Nele, a contagem das horas é o artifício associado ao trabalho, às tarefas regulatórias e disciplinares, controlada por dígitos e ponteiros, ainda que de forma subjetiva.

O censo comum e qualquer abordagem prática aponta que ninguém mais tem tempo hoje em dia. Com efeito, a diretriz de ser veloz e esgotar todas as horas do dia, já não nos parece mais uma novidade. Ao mesmo tempo, diante da aceleração, questiona-se qual seria a velocidade ideal, tanto para o trabalho como para a vida das pessoas.

Outro ponto importante é refletir sobre o que realmente se altera em nossa pressa e no uso das diferentes temporalidades? Retomamos a citação já mencionada por Matos (2008), na

qual a autora faz uma crítica à célebre frase: “tempo é dinheiro.”³ No raciocínio da filósofa, se tempo é dinheiro, por consequência, o que se busca é a quantidade. Neste sentido – e na disciplina social imposta pelos ponteiros e dígitos, que contam números –, podemos refletir também sobre o uso do tempo no sentido da quantidade. Ou seja, o aumento da produção, entre outras palavras significa ser mais rápido, acelerar mais, fazer mais que antes, ainda que utilizando o mesmo período de tempo.

Nesta corrida, sobretudo na sociedade capitalista, o ritmo alucinante das transformações foi comparado ao movimento de uma montanha-russa por Sevcenko (2004). De acordo com ele, a partir da virada do ano 2000, a compressão do tempo e a aceleração social, tornaram-se muito mais perceptíveis no cotidiano das pessoas. A constatação se deve, principalmente, por causa da revolução das tecnologias e das comunicações.

Sevcenko compara o passado das descobertas e transformações do mundo com a subida da montanha russa, mais lentas e tranquilas. Em seguida havia um movimento que conjugava altos e baixos para depois entrarmos no *looping* final, aquele em que apenas nos deixamos levar, somos conduzidos, tal a velocidade em que nos encontramos.

A aceleração das inovações tecnológicas se dá agora numa escala multiplicativa, uma autêntica reação em cadeia, de modo que em curtos intervalos de tempo o conjunto do aparato tecnológico vigente passa por saltos qualitativos em que a ampliação, a condensação e a miniaturização de seus potenciais reconfiguram completamente o universo de possibilidades e expectativas, tornando-o cada vez mais imprevisível, irresistível e incompreensível. (Sevcenko, 2004, pp. 16-17)

A metáfora de Sevcenko, com a montanha-russa, ilustra o mergulho veloz, muitas vezes para o incógnito. No brinquedo, somos portadores da sensação conhecida como “um frio na barriga”, mediados pelo desafio, em direção às sensações desconhecidas, mas confiantes nas máquinas que construímos. “Ao chegar ao fim, desfigurados, descompostos, estupefatos, já assimilamos a lição da montanha-russa: compreendemos o que significa estar exposto às forças naturais e histórias agenciadas pelas tecnologias modernas” (Sevcenko, 2004, p. 12).

A aceleração social já foi descrita muito antes da Revolução Industrial, perto do ano de 1750 (Rosa, 2019, pp. 28-29), sobre a percepção de uma enorme aceleração do tempo e da história, muitas vezes até relatados com perplexidade e uma espécie de saturação da experiência da prática cotidiana (chegada do trem, Revolução Industrial...). Portanto o conceito da modernidade traz o ideal de superar o passado, com pressa ou não.

³ Embora atribuída a Benjamin Franklin, autores, como Gustavo Cerbasi (<http://www.gustavocerbasi.com.br/blog/tempo-e-dinheiro/>) mencionam que a frase provavelmente veio da Grécia antiga, relacionando o tempo a riqueza. Posteriormente acredita-se que a riqueza foi associada ao dinheiro.

Para Rosa, a dinamização social é um componente necessário para a modernidade capitalista. Neste contexto, as sociedades modernas apenas ganham estabilidade *no e pelo movimento*. “Uma sociedade é moderna quando apenas consegue se estabilizar dinamicamente; quando é sistematicamente disposta ao crescimento, ao adensamento de inovações e à aceleração, como meio de manter e reproduzir sua estrutura”. (Rosa, 2019, p. XI).

Segundo Rosa, a tríade de crescimento, aceleração e a concentração das inovações deixa-se compreender enquanto dimensão temporal (aceleração), material-factual (crescimento) e social (adensamento de inovações) de um único processo de dinamização. Este processo, por sua vez, pode ser definido como “aumento ou avanço quantitativo por unidade de tempo.” (Rosa, 2019, p. XI).

A sentença da ideia do movimento contínuo nos faz perceber cada vez mais que “o tempo é sempre dinheiro”, tal qual Rosa associa a metáfora da imagem do ratinho que corre atrás do alimento na gaiola que gira. O movimento e a dinamização são necessários para gerar uma estrutura de estabilidade.

Isso significa que a sociedade moderna pode manter sua própria estrutura apenas através de aceleração, crescimento e inovação, o que significa que o mundo como um todo, em sua materialidade, é posto sob pressão para dinamizar-se: pessoas, dinheiro, bens e matérias-primas são postas em movimento. (Tziminadis, 2017, pp. 365-383)

A estabilização dinâmica descrita por Rosa (2019) propõe então que a sociedade moderna, pré-disposta ao crescimento, somente se estabiliza no movimento e na aceleração.

1.7 Eixos da aceleração social

A sistematização da aceleração integra concomitantemente os fenômenos descritos em três eixos distintos e relevantes: aceleração tecnológica; aceleração da mudança social e aceleração do ritmo de vida.

Os trabalhos de Virilio giram em torno da aceleração tecnológica, os de Lübbe ou Eberling se concentram na aceleração da mudança social, enquanto Simmel e Levine se dedicam à aceleração do ritmo de vida. A questão mais interessante é sem dúvida a das relações internas entre essas categorias da aceleração. (Rosa, 2019, p. 129)

Portanto para Rosa, o conceito de aceleração pode ser definido de maneira que abarque, concomitantemente, os elementos relevantes dessas três áreas analiticamente independentes uma das outras. A análise da relação lógica entre elas aponta o caminho para a investigação de suas conexões empíricas.

A aceleração técnica é descrita como a mais evidente e conseqüente da modernidade, assim como a mais simples de ser aferida. Seu modelo é considerado intencional e, sobretudo, tecnológico (maquinal) de processos direcionados a um objetivo. Esta categoria, desde a sociedade pré-moderna e pré-industrial evolui, desde as viagens realizadas a pé, a cavalo, passando por navios a vapor, ferrovias, até chegar no automóvel avião e as naves espaciais. “Em seu decorrer a velocidade máxima alcançada se multiplicou de aproximadamente 15 para mais de 1000 km por hora, ou caso consideremos as viagens espaciais, para vários milhares de quilômetros por hora” (Rosa, 2019, p. 141).

O aumento da velocidade na experiência moderna questionou conceitos anteriores (teoria da relatividade, conceitos de tempo-espaço), enraizados nas ciências e relaciona-se com a “contração do espaço”.

A ideia de espaço era, em grande medida, relacionada como uma função da duração temporal necessária para uma transposição. Como exemplo, muitos citam a distância entre São Paulo e o Rio de Janeiro como “quase seis horas de carro ou 30 minutos de avião” (e não como cerca de 450 km de distância).

As inovações aceleratórias trouxeram a sensação de que o mundo havia encolhido, ou como já citado no pensamento de Harvey (2008, p. 180) no conceito da “aniquilação do espaço pelo tempo”.

Além da revolução dos transportes, a criação de redes de transmissão das informações rompeu ainda mais com a noção de espaço, tal qual a velocidade que alcançou e que provavelmente encontra-se em crescimento neste exato momento. Uma dinamização crescente, iniciada com mensagens a pé, cavalo, pombos-correios, telégrafo, telefone, celular e internet, e atualmente dados transmitidos, conhecidos e documentados na agilidade da luz. Soma-se ao contexto, uma crescente velocidade e quantidade de informações e formatos que podem ser transmitidos cada vez mais. A chamada Revolução Digital ou “Dromológica”, como interpreta Virilio é considerada por Rosa (2019, p. 145) como uma revolução das velocidades de produção, estendidas na virada para o século XXI.

Para Virilio (1996) a revolução dromológica é qualificada como o estudo dos impactos culturais e sociais produzidos pelas novas tecnologias, e que em grades proporções relaciona-se diretamente com a imprensa. “O ciberespaço, ou mais exatamente o ‘espaço-tempo’ cibernético, surgirá da constatação, cara aos homens de imprensa: a informação só tem valor pela rapidez de sua difusão, ou melhor, a *velocidade é a própria informação!*” (p. 122).

O segundo eixo da aceleração social observado por Rosa reside na aceleração da mudança social. Nela, o autor afirma que o “presente” se “contrai tanto na política quanto na economia, na ciência e na arte, tanto em relações de emprego quanto nos arranjos familiares, em orientações morais e práticas cotidianas, bem como, com isso, em perspectivas culturais e estruturais” (Rosa, 2019, p. 152).

Neste quadro, a aceleração da mudança social é definida como um aumento das taxas de experiências e expectativas orientadoras da ação, e como encurtamento dos intervalos de tempo que, para cada esfera funcional, de valor de ação, podem ser determinadas como presente.

Por este ângulo, o presente se comparado a formas sociais anteriores torna-se cada vez menor e mais restrito, diante da pressão dos acontecimentos do passado e daquilo que se espera para o futuro. Tal pensamento é interpretado como uma aceleração da própria sociedade, enquanto a aceleração técnica se desenvolve na sociedade. Os fenômenos desta segunda categoria são expressos a partir das transformações sociais, que compreendem o aumento do ritmo de transformações nas estruturas políticas, culturais, religiosas, científicas, assim como as comunicações e a velocidade de transmissão das mídias.

Essa diferença pode ser ilustrada pela história da difusão da inovação: da descoberta do aparelho de radiodifusão, no fim do século XIX, até a sua propagação alcançar 50 milhões de receptores, passaram-se 38 anos; introduzida um quarto de século mais tarde, a televisão precisou, para o mesmo feito, de apenas 13 anos, enquanto a internet alcançou em apenas quatro anos 50 milhões de conexões. (Rosa, 2019, p. 148)

O terceiro eixo é descrito como a aceleração do ritmo da vida, caracterizado pelo aumento de episódios de ação e/ou experiência, “que não pode ser derivada simplesmente da aceleração da mudança social, ainda que represente, naturalmente, uma reação provável (embora não necessária) desse desenvolvimento” (Rosa, 2019, p. 154).

A escassez dos recursos temporais relaciona-se de forma contraditória com a categoria da aceleração técnica, uma vez que a promessa de criação e uso de muitos componentes técnicos era abreviar as tarefas humanas. Como exemplo muitos profissionais da comunicação e de outros setores descrevem maior facilidade para muitos afazeres, mas também relatam que passaram a trabalhar mais.

De acordo com Rosa esta categoria pode ser definida por meio de um componente objetivo e/ou um componente subjetivo. No formato objetivo a aceleração do ritmo da vida provoca um encurtamento ou adensamento de episódios de ação.

Isso significa, por exemplo, a diminuição da duração das refeições, do sono ou do tempo médio de comunicação na família e ainda tentativas de reduzir a duração total, seja de uma visita ao cinema, de uma festividade ou enterro – em suma, reduzir o intervalo de tempo entre o término de uma atividade e o início de outra. (Rosa, 2019, p. 155)

A redução do intervalo de tempo entre as atividades pode, por um lado, ser compensada a partir do aumento de velocidade da ação desenvolvida, como mastigar ou rezar mais depressa, ou mesmo “pela diminuição das pausas e intervalos entre as atividades, o que também é chamado de ‘adensamento’ de episódios de ação” (Rosa, 2019, p. 156).

Além da aceleração imediata dos episódios de ação por unidade de tempo, como resposta ao adensamento, outra maneira de alcançá-los seria sobrepor as atividades, realizando-as de forma simultânea, no conceito chamado de *multitasking*. “Formando um modelo consistente, tais transformações temporais conduzem, necessariamente, em sua soma, a um aumento da densidade de episódios de ação ou experiência por unidade de tempo, constáveis objetivamente por métodos da pesquisa social empírica” (Rosa, 2019, p. 156).

Como resultado, a escassez de recursos temporais comprova que a quantidade de ações ultrapassa o aumento técnico da velocidade de execução. Em seguida, o ritmo de vida intensificado exprime de forma subjetiva o sentimento de carência de tempo, pressão temporal e a estressante obrigação de acelerar, junto ao medo de não conseguir acompanhar o ritmo. “O escasseamento de recursos temporais torna-se supostamente a principal causa (ao lado da experiência da contração do presente) para a sensação de que o tempo *passa mesmo mais rápido*” (Rosa, 2019, p. 157).

As três distintas áreas analíticas da dinâmica aceleratória não contemplam todos os processos e fenômenos da vida social, de acordo com Rosa (2019, p. 159). Para ele é preciso propor uma definição exata das formas, da função e do status dos processos que escapam ou se opõem à dinamização, seja por não serem aceleráveis ou por apresentarem tendência à lentificação. Dessa forma, o autor sistematizou também cinco formas de inércia, como uma reação ou, com efeito, oposição à dinâmica da aceleração, como veremos a seguir.

2 A PROBLEMÁTICA DO TEMPO APLICADA A ATIVIDADES CRIATIVAS E INTELLECTUAIS

2.1 Aceleração na comunicação

Embora o nosso recorte enfoque o tempo, aceleração social e velocidade no trabalho jornalístico e de algumas profissões de naturezas da imagem ou escrita, cabe-nos situá-lo em seu contexto de atuação. De início, nosso traçado delimita-se principalmente aos profissionais denominados como jornalistas (profissionais), que atuam na mídia (segmento empresarial).

Correia (2006, p. 17) nos lembra que a mídia é caracterizada por organizações empresariais submetidas a lógicas comerciais, audiências, publicidade e lucro. Outra coisa são os jornalistas, trabalhadores assalariados, sujeitos às estratégias empresariais, subordinados às hierarquias e que objetivam produzir notícia como informação, bem social e não como mercadoria.

Portanto, nossa atenção se volta para o trabalho deste profissional, ainda que seja necessário, por muitas vezes, ampliar a nossa lente para o setor que o contempla, para anunciar certa tensão e dependência entre eles. Dessa forma entendemos que muitos trabalhadores fazem parte de estruturas e mercados e nos interessa saber as condições em que operam, assim como as dinâmicas do tempo que utilizam, muitas vezes questionáveis por lhe serem impostas.

Uma das primeiras lições que um estudante de jornalismo aprende é utilizar constantemente em seus textos o tempo verbal no presente do indicativo. Esta premissa ocorre mesmo se o fato apurado esteja em processo ou já tenha ocorrido, o que validaria o emprego do verbo no passado simples. Como exemplo basta ver nos jornais uma notícia de morte (passado), geralmente expressa no termo: “Morre Jacques Chirac...”⁴ (presente) e não “Morreu Jacques Chirac” (passado).

O tempo presente é a matéria-prima do jornalismo e “a dimensão temporal não é apenas uma qualidade complementar que as notícias possuem, mas é central para compreender o próprio jornalismo: o jornalismo se funda no tempo presente como condição para sua realização.” (Franciscato, 2006, p. 11).

Deste modo é com a leitura e o foco naquilo que poderá ser considerado como “agora” (ou o próprio agora), que os veículos de comunicação promovem uma ressignificação do passado

⁴ Jornal O Globo em 29/09/19 <https://oglobo.globo.com/mundo/morre-jacques-chirac-ex-presidente-da-franca-que-disse-nao-invasao-do-iraque-23975273>

e do futuro para um intervalo de tempo que considera atual, de acordo com seu relógio jornalístico “presentificado”.

O uso do tempo presente justifica-se pela necessidade de simular a presença do leitor na cena na qual se desenrolaram os fatos. Dessa forma, abundam, no discurso jornalístico, expressões como morre, nasce, sobe, muda etc. Por intermédio desse artifício, tem-se a ideia de que o fato ainda acontece, que o leitor está ligado a ele. Estamos todos, leitores e narradores, naquela cena, ainda sendo tocados por aquela ação. (Dalmonte, 2010, pp. 328-344)

Além do “ambiente”, o “espaço” onde acontecem os fatos, para o qual o discurso da mídia coloca os leitores, na busca da velocidade e das audiências encontra ainda o conceito da simultaneidade, possibilitado pela aceleração técnica. São os chamados “ao vivo”, do rádio e da televisão, ou mesmo nos sites e redes onde se desdobram notícias sem intervalo de tempo entre emissores e receptores. Ali, no momento, no agora, estão leitores/espectadores/internautas, juntos, convivendo os mesmos fatos. Uma temporalidade que conduz o público ao agora, que atualiza o passado e traz o futuro para seu discurso, como uma tríade Agostiniana. “E quem negaria que o tempo presente não tem extensão temporal, porque passa em um instante?” (Agostinho, 2017, p. 503).

Um das estratégias jornalísticas para lidar com o tempo futuro é buscar prospectar ações que ainda não estão consolidadas, mas que passam a se aproximar de seu público por intermédio de expectativas.

Um tempo ressignificado em compressão, espera, duração, projeção. “O evento narrado é capaz de antecipar realidades, que podem ou não se concretizar, mas a ideia da previsibilidade lança o leitor num movimento de espera, com base nas expectativas apresentadas.” (Dalmonte, 2010, pp. 328-344).

A atualidade jornalística em uma perspectiva histórica do tempo foi descrita por Franciscato (2006, pp. 310-315) em cinco categorias distintas que posteriormente se conectam nos processos temporais das informações. (Tabela 1).

Tabela 1 - Temporalidades no jornalismo

Categoria	Descrição
Instantaneidade	possibilidade de ausência do intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento, seu registro, sua transmissão e recepção por um público.
Simultaneidade	capacidade de sincronizar ações ou eventos que se realizam num mesmo momento, mesmo que ocorressem diferenças na velocidade de realização, duração, consequências ou desdobramentos.
Periodicidade	intervalo de tempo entre duas edições sucessivas, como fronteira para demarcar a atualidade dos eventos, indicando a sua validade temporal como potencialmente noticiáveis.
Novidade	vinculação do 'novo' relatado jornalisticamente ao tempo presente das coisas que brotam na temporalidade do 'agora'.
Revelação pública	aspecto temporal de interações discursivas que, se não foram diretamente construídas na e pela instituição jornalística, tiveram, nos conteúdos jornalísticos, um recurso para impulsionar e dar sentido específico a elas.

(Franciscato, 2006, pp. 310-315)

Além da velocidade do presente, o jornalismo se consolida e encontra sentido no tempo social. Sua base foi criada neste ambiente, nos quais fatores tecnológicos e econômicos lhe deram suporte para continuarem aliados a aspectos sociais e culturais. “Os aspectos sociais e culturais sedimentaram esta experiência temporal em uma série de componentes simbólicos, práticas, interações e hábitos disseminados pela sociedade.” (Franciscato, 2006, p. 306).

Com efeito, a tarefa também é a de transformar o tempo natural em tempo social a partir de notícias (novidades e informações) que passariam a orientar dinâmicas e temporalidades para os leitores e a sociedade.

(...) o próprio desenvolvimento da instituição jornalística como uma organização social impôs modos peculiares de gestão do tempo com um espírito de eficiência e racionalidade administrativa, o que tornou a organização jornalística um empreendimento direcionado para uma economia de tempo na gestão de suas tarefas visando à consecução de seus objetivos (Franciscato, 2006, p. 307).

A ideia de velocidade e de se equiparar às novidades do presente sempre foi a tônica da profissão jornalística. Era eternizada em filmes, nas imagens aceleradas das rotativas ou dos garotos vendendo nas ruas publicações que ainda cheiravam tinta, gritando “extra, extra”, ou no rádio (e posteriormente na TV), com os bordões: “interrompemos a nossa programação...”. Os veículos funcionavam como um instrumento de conexão que, de certa forma, alongava o presente e nele incluía seu público e seus anunciantes.

O processo de acelerar, deixar para trás o velho e construir o novo, tem raízes antigas e ativa participação da mídia em seu contexto. Como exemplo, no Brasil, a partir de 1920 novos meios de comunicação surgiam na sociedade e espalhavam-se entre carros, bondes elétricos, máquina de escrever, de fotografar, cinema, rádio.

(...) delineavam tanto uma paisagem marcada pela presença de objetos técnicos como configuravam outras sensibilidades, subjetividades e formas de convívio social. Eficiência, pressa, velocidade e mobilidade tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano, e a imprensa tomou parte ativa nesse processo de aceleração. (Martins & Luca, 2012, pp. 211-212)

Como se pode perceber, a premissa de acelerar é um antigo mote do progresso, desenvolvimento, inovações e também na comunicação, em seu papel cíclico e simbiótico de retratar a sociedade, o poder público e o mundo.

Neste contexto é inegável que as novas tecnologias anunciaram a maior das mudanças na área da comunicação e no jornalismo, desde o século XV com a invenção da prensa de Johannes Gutenberg. As mudanças inauguraram novas teorias, formas de pensar e novos termos. Neste cenário encontram-se inúmeros autores e suas vertentes como a ubiquidade (Santaella, 2013), redes (Castells, 2000), transformações pós-modernas (Harvey, 2008).

Em meados dos anos 80, havia uma profunda irritação nos profissionais de imprensa, condenados a dar *amanhã* as notícias que eram de *hoje*. “Os destaques de primeira página da edição do dia seguinte baseiam-se nas principais notícias dos telejornais daquela noite. Tanto que alguns chamavam a TV de pauta eletrônica” (Ribeiro, 1994, p. 49).

No caminho da velocidade, Moretzsohn (2002, pp. 25-27) ressalta nos pensamentos de Harvey, Castells e Virilio, a ampliação da escalada de aceleração do ritmo de inovação do produto e da sua obsolência programada. A volatilidade do descartável mostrou-se capaz de jogar fora não só bens de consumo como valores, estilo de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas e modos de agir e ser.

Empresas despertaram para investimentos de tempo de giro quase instantâneo, como a produção de eventos no campo das artes e espetáculos, objetivando dois tipos de retorno: o lucro propriamente dito e, talvez mais importante, a valorização da imagem institucional. “(...) o processo de produção das notícias insere também o jornalismo nessa engrenagem que alimenta a volatilidade, e o quanto ele se justifica por estar supostamente oferecendo o que o público também supostamente deseja.” (Moretzsohn, 2002, p. 27).

Virilio (1996) intitulou de Dromologia, a ciência que estuda os impactos culturais e sociais produzidos pelo efeito da velocidade das novas tecnologias. Santaella (2013) menciona o conceito da ubiquidade, na vertente que coloca a comunicação em todos os sentidos, a partir de todos os lados, alterando assim o antigo papel do jornalista como exclusivo emissor das notícias.

No intuito de manter a práxis jornalística do discurso a partir do real, na chamada “Teoria do Espelho” (Traquina, *in* Dalmonte, 2010) o segmento mostra sua aproximação com a sociedade. Nesta teoria, busca-se apresentar apenas aquilo que é observado, sem a intromissão do agente da mídia. De fato isso anularia a subjetividade jornalística (e muitas vezes seu poder de edição) em nome de uma imparcialidade dos fatos e de mostrar apenas o “reflexo” de e para a sociedade.

Portanto, se a imprensa busca ser como um “espelho” para a sociedade e esta se mantém em um sistema de espiral bastante acelerado, seria natural prever que toda a mídia não só iria acelerar como ainda imaginar outra questão: esta velocidade traria uma nova leitura aos processos e modelos de trabalho.

Castells (2000, p. 69) menciona que “as novas tecnologias da informação não são apenas ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem se tornar a mesma coisa.” Isso significa que também o perfil do profissional é sistematicamente construído a partir dos novos processos de trabalho.

As mudanças, que alteraram demasiadamente o setor, foram muito mais acentuadas a partir da virada do ano 2000, principalmente pela influência das tecnologias. “(...) a imprensa, a rádio, a televisão, a internet constituem hoje, no seu conjunto, uma realidade que já muito pouco tem a ver com o que se passava a umas décadas” (Correia, 2006, p. 13).

A nova relação temporal, descrita por Moretzsohn (2002, p. 34) é, portanto definida pela natureza do sistema e a finalidade a que se destina ao lidar com a informação. Assim o valor do uso da informação será tanto maior quanto mais acessível estiver o dado (dispendioso para quem o buscou, mas imediato para quem o acessou). O efeito útil é a realização da comunicação e após isso seu valor degradação.

Uma análise prévia, do modelo de aceleração social sistematizado por Rosa (2019), aplicado ao segmento da comunicação, deixa claro uma revolução nas mídias, assim como foi totalmente validado por nossas entrevistas e autores.

No mundo capitalista dinamizado a renovação técnica (computadores, celulares, internet, redes) derrubou antigos conceitos de comunicação. O modelo de ensino baseado em um emissor (jornalista) – receptor (público), que figurou durante muito tempo, ficou para trás. Assim como ocorre em outros setores da sociedade, mudanças contínuas desafiam a todo momento a imprensa e seu sistema de formação.

Para Melo (2009) podem ocorrer bloqueios ou retrocessos na dinâmica sociocultural se as novas gerações não estiverem sensibilizadas para um quadro de mudanças contínuo. “Nesse sentido é que a sociedade reivindica da universidade um papel proeminente na vanguarda do sistema produtivo. O espírito da recriação do jornalismo para corresponder às aspirações da sociedade civil deve ser difundido pelas faculdades de comunicação” (Melo, 2009).

A chamada revolução tecnológica, principalmente intensificada a partir dos anos 2000, sinalizou um profundo quadro de alterações técnicas na profissão. “As possibilidades de transmissão de dados oferecidas pela informática contribuíram também para uma aceleração sensível da velocidade de trabalho” (Neveu, 2005, p. 122).

O desenvolvimento tecnológico, a partir de 2006, levou Santaella (2013) a acreditar que a condição contemporânea de nossa existência seja ubíqua. “Em função da hipermobilidade, tornamo-nos seres ubíquos. Estamos, ao mesmo tempo, em algum lugar e fora dele. Tornamo-nos intermitentemente pessoas presentes-ausentes.” (Santaella, 2013)

Na prática das mídias a aceleração técnica permitiu aos jornalistas a capacidade de produzir conteúdos on-line, atualizando-os a todo instante. Também colocou o público leitor ou receptor nos fatos, uma vez que esses equipamentos permitem um diálogo simultâneo. Encolheu espaços e aumentou a velocidade, o que colabora substancialmente com a rapidez em pesquisas sobre variados temas.

Neveu (2005, p.122) sinaliza a descrição de um jornalista sobre um modelo de trabalho descrito como “ciclone informativo” permanente. Nele, logo após a recolha dos fatos a informação é lançada, em um canal que possibilite o furo jornalístico e acessibilidade imediata, tornando o ato da confirmação da informação um incômodo. “As horas de reflexão e antecipação entre a reunião da redação e o fechamento da edição desvanecem-se, substituindo os prazos da informação diária, já de si de valor relativo”.

Os novos suportes técnicos, somados às velocidades e alcances das redes pluralizaram e aceleraram como nunca visto o processo de divulgação das notícias e seus conteúdos. “Todos estes novos suportes modificam o tratamento da informação e alteram o modo de produção jornalístico. Não é por nada que muitos especialistas vêm chamando este processo de ‘midiamorfose’” (Adghirni & Ribeiro, 2001).

Se de um lado se ganha em velocidade e abrangência, por outro verifica-se que o acesso às redes incrementou sobremaneira a oferta de materiais e informações disponíveis (de maior ou menor relevância) na internet. Ainda neste âmbito, criou um caminho mais tortuoso até a origem e checagem das fontes, ou da verdade, atributos considerados primordiais na conduta do jornalista.

Todavia, se concluirmos que ocorreu uma revolução geral nos suportes e nas técnicas da produção da imprensa é natural refletir então sobre o segmento e o perfil deste profissional. “A constatação de que o jornalismo está mudando impõe aos editores desafios cotidianos que incluem um novo desenho das redações e novas atribuições aos jornalistas.” (Adghirni & Ribeiro, 2001). Uma identidade que está sendo construída a cada dia, inclusive, pelas opiniões que veremos nos próximos capítulos, nos depoimentos que colhemos para este trabalho.

O outro eixo da aceleração social, apregoado pelas mudanças que acontecem no interior da sociedade, seja pelas renovações políticas, culturais e sociais, impactou também no formato do trabalho dos jornalistas. Aliado às revoluções digitais o profissional viu sumir a máquina de escrever, o fax, disquete e assistiu ao avanço dos softwares, internet e muitos outros. A aplicação dos novos equipamentos rompeu com cargos, como o copidesque, revisor, diagramador, redimensionando o desenho do segmento.

A ruptura é tamanha que alguns autores consideram que um jornalista um tanto mais antigo (antes do predomínio digital) é diferente de um atual, que visto por outro ângulo deveria ser chamado de “produtor de conteúdo”. Com efeito, pode-se dizer que alguns conglomerados de comunicação vivenciaram certa divisão entre um modelo de profissional mais “conservador” e outros mais “tecnológicos” (Correia, 2006, p. 34). Ainda assim, o aspecto da “modernidade” também foi posto à prova como um problema, na medida em que poderia “camuflar” um sistema de exploração laboral e noticiosa em nome do “novo”.

O problema não reside na natural e necessária evolução do jornalista, mas sim na concretização, sob a capa da “modernidade, de projetos em que a qualidade da informação e do trabalho jornalístico, assim como os aspectos laborais e sociais são sacrificados à rentabilidade empresarial na perspectiva da maximização dos lucros. (Correia, 2006, p. 35)

Dado a sua ligação com a sociedade e a sua integração com as tecnologias e o digital, novos desafios propõe novos desenhos e atribuições ao profissional. É certo que a função primordial, seja do jornalista, produtor de conteúdo ou qualquer outra denominação, é a de transmitir a informação da melhor forma possível. Neste aspecto amplo, plural e efêmero, cabe ao profissional aliar-se às técnicas de apuração, redação e perspectiva da notícia.

O essencial do trabalho do jornalista permanece o mesmo: coletar a informação e divulgá-la da maneira mais justa, mais honesta e mais responsável possível dando ao leitor os fatos contextualizados e ponderados. É por isso que o jornalismo profissional estará sempre presente na rede e que a concorrência dos “produtores de conteúdos” amadores permanecerá extremamente marginal. (Adghirni & Ribeiro, 2001)

Com efeito, pode-se dizer que a perspectiva do tempo, da aceleração social e da velocidade é o fator mais comum entre qualquer profissional que lide com a informação. Seja qual for a denominação atribuída ao profissional, é a rapidez do presente ressignificado que pauta os processos de apuração e divulgação das notícias.

A questão do comportamento multitarefa, também descrita como característica da aceleração tornou-se presente na maioria dos trabalhos da mídia. Se por um lado a tecnologia aliviou muitas tarefas, por outro diminuiu etapas (e certos cargos), mas foram somadas aos afazeres daqueles que permaneceram.

A começar pela plataforma digital, que hoje acumula os antigos formatos do impresso (jornal e revistas), som e imagem (rádio e TV). O cargo de diagramador/paginador foi substituído por programas automáticos, o avanço das máquinas fotográficas em muitos casos dispensou a contratação de fotógrafos. “Em muitas redações os jornalistas veem-se agora obrigados a calibrar os seus textos em função de ‘formatos’ pré-definidos (número de caracteres, tipo de colunas) que os levam de fato a integrar as funções dos paginadores” (Neveu, 2005, p. 121).

A gráfica foi substituída por *templates* de apelo visual. Assim, o jornalista, ou produtor de conteúdo, multitarefa, muitas vezes assume também a função de apurar materiais, escrever reportagens, produzir fotos e vídeo, editar e formatar o material, postar o material nas redes. “Há uma forte flexibilização do trabalho e uma tendência ao apagamento das fronteiras entre as especialidades jornalísticas, com o repórter exercendo, por exemplo, a função de fotógrafo” (Bolaños, 2010, pp. 71-81).

Uma rápida verificada nos atuais anúncios oferecidos à jornalistas é uma prova empírica para constatar novas funções solicitadas ao cargo. No exemplo (Tabela 2), fica claro que o jornalista assume também funções relacionadas ao marketing e técnicas de programas (SEO),

assim como atribuições que seriam de um diagramador/paginador, operando, por exemplo, o programa *Wordpress*. Significa que irá responder pela pesquisa, redação de conteúdos e sua apresentação digital, assim como roteiros para vídeos e ferramentas de marketing. Uma clara identificação com as características multitarefas, descritas explicitamente na área de especialização do profissional: Comunicação, TV, Cinema – Publicidade e Propaganda, mesmo solicitando a procura por um jornalista.

Tabela 2 - Anúncio de vaga – LinkedIn – Jornalista

<p>Descrição</p> <p>Área e especialização profissional: Comunicação, TV, Cinema - Publicidade e Propaganda</p> <p>Nível hierárquico: Especialista</p> <p>Localização da oferta: Santos, SP</p> <p>Buscamos jornalista com espanhol nativo e experiência em redação de conteúdo para trabalhar com cliente que têm filiais em países da América do Sul.</p> <p>Nesta, o(a) profissional será responsável por criar textos para blog, e-books, infográficos, LinkedIn, e-mails marketing, landing page e outros materiais, além de roteiros para vídeos e webinars. Os materiais serão feitos em português e espanhol.</p> <p>Também será responsável por criar versões em espanhol de conteúdos gerados na agência, como posts, apresentações corporativas, infográficos etc.</p> <p>Requisitos Pretendidos</p> <p>Experiência anterior com redação de textos jornalísticos e/ou de inbound marketing.</p> <p>Espanhol nativo e português fluente</p> <p>Diferenciais</p> <p>Conhecimento em Inbound Marketing/SEO</p> <p>Conhecimento em WordPress</p> <p>Inglês intermediário</p> <p>Vantagens e Benefícios</p> <p>Vale-refeição Plano de Saúde Vale-transporte</p>
--

LinkedIn em 04/10/2019

2.2 *Slow*: movimentos contrários

Diante do processo de aceleração descrito por Rosa (2019) em três eixos (da técnica, da sociedade e da multitarefa), o próprio autor ressalta (p. 159) sobre os “fenômenos que escapam, ou até mesmo se opõem à dinamização, seja por não serem aceleráveis ou por apresentarem uma tendência à lentificação”.

Alguns deles atuam como “freios desaceleradores”, ou simuladores de percepções contrárias como os limites de velocidades naturais (cerebrais, ecossistemas naturais, horas do dia). Rosa (2019, pp. 160-163) descreve a transformação das percepções sobre o rápido e o lento, citando o olhar panorâmico e as viagens de trem, que no século XVIII pareciam incrivelmente rápidas e até nocivas à saúde.

Além dos limites das percepções naturais, também são citadas outras categorias que não aceleram, ou se opõem à dinamização. Entre elas as ilhas de desaceleração (grupos que vivem seus próprios ritmos como as comunidades Amish, por exemplo), a lentificação como efeito colateral disfuncional (congestionamento no trânsito, adoecimento depressivo) desaceleração intencional (como ideologia ou estratégia de fôlego para acelerar mais), ou mesmo enrijecimento estrutural e cultural (aceleração aparente e estagnação interna) (Rosa, 2019, pp. 160-178).

Na profissão do jornalista e de profissionais criativos, a dinamização também provoca movimentos contrários ou de reação, muitas vezes dados como solução de equilíbrio (ainda que desiguais) para uma convivência.

Notadamente, em uma sociedade cada vez mais acelerada, o desafio do jornalista é vencer o tempo sem perder a qualidade, a ética e seu compromisso com a verdade. Mas é na velocidade e na compressão do tempo que reside a maioria das críticas dos profissionais, em ter que lidar com o relógio do instantâneo e suas consequências. Com efeito, estaria este profissional como os passageiros de um trem, tentando ver a paisagem dos fatos sem tempo de identificá-las, porém seguindo viagem?

O mundo produziu, nas três últimas décadas, mais informações do que nos 5 mil anos anteriores. Em uma edição de domingo de *The New York Times*, o leitor encontra cerca de dois milhões de linhas, com 12 milhões de palavras e 5,5 quilos de papel. Na era da informática, essas informações se multiplicam pelo mundo num emaranhado de redes de fibra ótica, interligadas a satélites. (Jorge, 2009, pp. 25-35)

É fato que para tanto material, a velocidade, que já era presente na natureza jornalística como diferencial, adquiriu um valor ainda maior. Como exemplo, alguns veículos destacam a

corrida frenética em seus slogans como “O futuro começa com a notícia de hoje”⁵ ou editoriais chamadas de “Últimas Notícias”, “Agora”, “Direto da redação”, entre muitos outros.

Na corrida da notícia em “tempo real” a verdade costumeiramente se submete à necessidade de ser noticiada em primeira mão, por conta da concorrência, “trazendo como resultado frequentemente, a divulgação de informações falsas ou parcialmente verdadeiras, com consequências às vezes catastróficas” (Moretzsohn, 2002, p. 11).

A velocidade extrema tem sido alvo de críticas pelos profissionais que atuam no mercado e que são obrigados a manterem ritmos alucinantes, entre as novas tecnologias, competindo entre si e as máquinas de natureza instantânea.

Hoje, na era do “tempo real”, essa contradição atinge níveis que apontam para uma aparente irracionalidade no processo de produção da notícia. Afinal, que sentido haveria em investir na última palavra em tecnologia se o que interessa não é a qualidade da informação, mas sim “chegar mais rápido que o concorrente?”. (Moretzsohn, 2002, pp 11-12)

A corrida do “chegar mais rápido” e da aceleração é apontada por Bauman (2000) como um fator de domínio na modernidade líquida. No segmento da imprensa e da comunicação a categoria do tempo, que já era natural da profissão, torna-se então requisito máximo no sentido de acelerar e de priorizar “quem sai na frente”.

O jogo da dominação na era da modernidade líquida não é mais jogado entre o “maior” e o “menor”, mas entre o mais rápido e o mais lento. Dominam os que são capazes de acelerar além da velocidade de seus opositores. (Bauman, p. 167)

Traquina (2001, p. 37) menciona que os jornalistas “estão continuamente envolvidos numa batalha aparentemente perdida para reagir aos (mais recentes) acontecimentos”. Para ele, as notícias são muito mais do que aquilo que “acontece” (Traquina, 2005, p. 207). Ribeiro (1994, p. 10) lembra que “é preciso superar o cotidiano pois, sem uma leitura interpretativa dos acontecimentos, sem um grau mínimo de abstração, nada está lá e a realidade social permanece opaca, ininteligível.” Jorge (2009, pp. 25-35) apregoa que “sob o signo da ultravelocidade, dissolvem-se as fronteiras geográficas, formando um *continuum* de dados sem correspondências cronológicas.”

Em oposição, da mesma forma que Rosa (2019) menciona na sociedade as correntes contrárias ao modelo dinamização e velocidade, na imprensa não foi diferente. Movimentos chamados *slow journalism*, surgiram no sentido oposto, da mesma forma como já sinalizava o segmento da alimentação, entre o *fast* e o *slow food*.

⁵ Maria Júlia Coutinho em 30/09/2019 nas chamadas da TV Globo, quando passou a apresentar o Jornal Hoje na emissora.

Para Trivinho (apud Tonetti, 2015), a escalada da velocidade nas redações também passa por uma condição capitalista, no sentido da criação de recursos para lidar com a aceleração. O autor considera a vigência de uma determinada condição de vida que é transformada em um flagelo humano (material ou imaterial) “explorável” e que, por isso, gera um conjunto de soluções capitalizadoras para resolvê-lo.

Evoquemos a distribuição de alimentos danosos à saúde, como os *burgers* e *fast-foods*. Todos esses alimentos de consumo ligeiro fomentam uma necessidade social que será explorada por outra indústria: a dos orgânicos. Estes alimentos formam uma tendência de mercado baseada legitimamente no discurso do bem ou ganho para a saúde, enfim, de que as pessoas precisam e merecem ser mais saudáveis. (Trivinho, apud Tonetti, 2015)

Embora em menor número - como parte de grupos segmentados, inspirados na contrapartida de um tempo que parece passar cada vez mais rápido -, surgem na sociedade estilos de vida e perspectivas que reagem, valorizando a desaceleração. São movimentos que anunciam prioritariamente a busca pela qualidade e reflexão, sem ter o olhar balizado pelo relógio e que idealizam os processos de trabalho de forma mais cognitiva.

Nesse sentido, o movimento chamado *slow media*, tenta ver as tecnologias digitais como ferramentas capazes de construir relações de profundidade e conexões afetivas entre os usuários. Dessa forma, no caminho contrário ao senso comum imputado pela aceleração social, a aposta são reportagens jornalísticas mais longas (*longform*), com profundidade e poder de reflexão.

Ao produzir informação atual e cotidiana em outro tempo, existem veículos que se aproximam do segmento que vem sendo construído e identificado como *Slow Media*. A contribuição deste segmento para o jornalismo diz respeito à crítica da velocidade e à afirmação de que existe espaço para um jornalismo reflexivo e de profundidade, e realizado em um tempo diferente na cibercultura e nos ambientes digitais. (Prazeres, 2018, p. 126)

Os movimentos de *slow media*, muitas vezes interpretados no Brasil como “jornalismo lento”, não significam uma indicação de volta ao passado, renegação das tecnologias ou forma de trabalhar menos e devagar. Apesar do nome *slow*, em oposição ao rápido, “trata-se de um processo de tentar viver o presente de forma significativa, sustentável, reflexiva e prazerosa” (Prazeres, 2017, p. 128).

A migração dos conceitos *slow* para o jornalismo é citada como modelo de jornalismo investigativo ou literário, mas não se trata de um novo formato jornalístico. Prazeres (2017, p. 128) destaca que o jornalismo lento é fruto de uma reflexão teórica e experiência vivencial, demanda imersão e aprofundamento, que permitam ainda desvelar seus alicerces e contribuir para a sua construção.

Esta tarefa se estrutura a partir de pelo menos três perspectivas: (1) a desnaturalização da velocidade como elemento central do jornalismo em ambientes digitais; (2) a crítica ao uso compulsório das tecnologias (e seu uso apropriado com propósito jornalístico); (3) a análise das potências das mídias digitais para a construção de um processo de produção, distribuição e recepção jornalísticas com produtos reflexivos e engajadores a partir da criação de vínculos afetivos e reflexivos. (Prazeres, 2017, p. 128)

Um dos maiores desafios do jornalismo lento é a oferta de outro modo de trabalho frente ao aspecto da velocidade, que já é consolidado como modelo ideal, necessário e moderno. Vista como regra, a extrema rapidez muitas vezes não dá opção ao profissional para que este reflita, mas simplesmente participe, dado a escassez das ocupações. Assim como a publicidade, que impõe a velocidade como um valor que só traz benefícios, em detrimento de outros ritmos, o segmento da comunicação não se mostra diferente.

Jorge (2009, p. 34) reforça o culto da velocidade e a crítica a outros modelos de trabalho no próprio slogan da poderosa rede americana *CNN*: “*slow news*, no *news* (*notícias lentas, nenhuma notícia*). A emissora instituiu a cobertura 24 horas, o que exige que as notícias sejam atualizadas na menor fração de tempo possível”. E a autora complementa: “Só depois da rápida conexão e do recebimento instantâneo de informações é que se fica verdadeiramente imerso na modernidade. Ser veloz é, por outro lado, assumir a submissão ao ritmo social ditado pela máquina.”

Trivinho vai mais longe e menciona o *bullying* sofrido pelos indivíduos que não se enquadram na velocidade da sociedade atual.

Trata-se de um *bullying* pouco notado. O lento é desprezado, posto no ostracismo, jogado para a margem, exceto aquele que é voluntário para isto, o ser lento como modo de confronto politizado com o sistema dromocratizado da metrópole (a exemplo de movimentos como o *Slow Food*, o *Devagar* etc.). (Trivinho apud Tonetti, 2015)

Um comercial veiculado na imprensa brasileira (televisão, mídias digitais) da empresa Mercado Pago, intitulado *Meu Mercado Pago, Meu Jeito Código QR lanchonete*,⁶ ilustra a questão definida por Trivinho como a “ditadura da velocidade”. Na peça publicitária duas garotas estão em um restaurante fazendo seus pratos. Uma delas usa o serviço digital de pagamento do Mercado Pago, visualizado em seu celular. Nesse instante a menina se vira e sorri, e um vento agita seus cabelos, como se tivesse poderes. Simultaneamente entra os dizeres:

⁶ Comercial disponível em <https://youtu.be/ovnd9-5HwA8> (acesso em 07/10/2019)

“Minha satisfação por pagar mais rápido”. (Fig.1). Na continuidade do comercial a amiga, que não tem o serviço fica revirando a bolsa, procurando algo enquanto surgem os dizeres “Minha amiga vivendo no passado” (Fig.2). A amiga encontra na bolsa uma carteira gigante, levanta os ombros, lamentando (como se dissesse, “demorei demais”). Na sequência a garota que tem o serviço senta-se antes e rindo vai já tomando o seu suco. A menina, que não possui o serviço, chega arrumando a bolsa, com uma caneta na boca (Fig.3) e tira o suor do rosto com um lenço. Surge a expressão “Um novo jeito” (Fig.4) e depois o logo do produto. Não há dúvidas que a mensagem transmitida diz: “quem é veloz é melhor”.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

No segmento da mídia, o alerta às velocidades extremas na produção e veiculação das notícias é justificado diante de alguns fatores que levantam preocupação. O principal motivo é o aumento do número de erros, além dos constantes alertas sobre a desgastante rotina de trabalho e os problemas de saúde que acometem os profissionais.

Além do culto à velocidade já descrito e exemplificado na publicidade, Virilio (1996) nos lembra que a informação perdeu seu posto para a velocidade. O lado negativo deste turbilhão de rapidez que se apossou das redações e trabalhos de comunicação são os erros encontrados em maior ou menor escala.

Ocorre que se erra, e muito, quando o assunto é jornalismo em um contexto de alta velocidade. Ao se possibilitar a existência de um número significativo de equívocos em um site noticioso, sejam eles simples problemas de digitação ou lapsos grosseiros de informação, acaba-se por gerar um ambiente em que o jornalismo relega a um segundo plano justamente o que vinha alimentando sua credibilidade até então: o rigor na informação. (Soster, 2003, pp. 353-363)

Uma pesquisa realizada durante as eleições de 2002 no link Eleições 2002 da empresa Universo On-line (UOL), uma das maiores do Brasil no segmento⁷ atestou um quadro preocupante. A análise foi dividida nas categorias: últimas notícias; cobertura cotidiana; e matérias especiais.

Os dados levantados pela pesquisa sugerem que se erra, e muito, quando o assunto diz respeito a jornalismo em um contexto de alta velocidade. São 1.392 lapsos em 468 matérias, 44% deles na categoria *Últimas Notícias* e 56% na categoria *Cobertura Cotidiana*. (Soster, 2003, pp. 353-363)

Outra pesquisa (Lima, 2010) que se propôs a analisar a qualidade de dois dos principais jornais digitais do estado do Mato Grosso (MS), no Brasil, (Campo Grande News e Midiamax News) encontrou também um cenário preocupante.

Os resultados foram divididos em alguns quesitos e realizados no dia 28 de outubro de 2009. O site Campo Grande News postou 92 notícias, durante 18 horas de redação on-line a média de publicação do site foi de uma notícia a cada 11,7 minutos. Já o site Midiamax News publicou 117 notícias, ficando 16 horas e 15 minutos com a redação on-line, a média de postagem foi de 8,6 minutos.

O site Campo Grande News apresentou o total de 65 erros nas notícias postadas no dia 28 de outubro de 2009. Foram 31 erros de digitação, 21 erros de gramática e 13 erros de apuração. Das 92 matérias publicadas no dia, 43 apresentaram algum tipo de erro, o que representa 46,7% de erro sobre o total de matérias.

Já o site Midiamax News, apresentou um total de 51 erros, sendo 36 erros de gramática, 10 erros de digitação e cinco erros de apuração. Das 117 postagens do dia 28 de outubro, 38 apresentaram algum tipo de erro, o que representa 32,4% de erro do total de notícias publicadas. Para o organizador da pesquisa os argumentos apresentados em seu trabalho mostram que “sim, a velocidade de atualização das notícias comprometem a qualidade da informação no jornalismo on-line.” (Lima, 2010).

⁷ O UOL menciona mais de 98 milhões de visitantes únicos por mês (informação disponível em <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/> acessada em 07/10/19)

2.3 Sem tempo para saúde

A saúde dos jornalistas também é uma categoria que incita olhar atento, principalmente quando se trata de doenças que ainda não são tão perceptíveis (ao menos pelos empregadores), como estresse, síndrome de Burnout, entre outras.

Em 2012, uma pesquisa brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ mostrou alguns dados sobre a profissão. O levantamento apontou que 40,3% dos jornalistas do país trabalham diariamente entre de 8 a 12 horas. Outra parte, 43,3% dedicam-se de 5 a 8 horas; 11,6% trabalha até 5 horas diárias e 4,8% atua por mais de 12 horas ao dia. A pesquisa também revelou que 27% dos jornalistas têm mais de um emprego.

O site americano CareerCast.com⁸, especializado em tema como profissões e empregos, avalia a cada ano 200 profissões, indo da melhor até a pior. A pesquisa afere ambiente de trabalho, nível de estresse, exigência física, salário e as condições de contratação. Nos últimos anos a profissão de jornalista (repórter de jornal) estava sendo considerada a pior de todas (ao menos em 2015, 2016 e 2017). Já em 2019 e no ano anterior, o cargo manteve-se como o terceiro pior emprego, perdendo apenas para motorista de táxi e lenhador.

Os processos de convergência da mídia no Brasil, na migração do veículo impresso para o digital (ou somado a ele) promoveram cortes de cargos nas redações. Aos jornalistas que ficaram sobrou uma acumulação de serviços não tão regulamentados, pois muitos relatam que já que escreviam para o impresso, então poderiam fazer o mesmo pelo digital. Muitos dos conglomerados de comunicação economizaram custos, desdobrando seus conteúdos em várias plataformas com as mesmas (ou menores) equipes de trabalho.

O mesmo corpo de jornalistas, archoado pelas demissões, tem de produzir conteúdo nos mais diferentes formatos para o impresso e para a internet. Diagramadores e editores de arte estão sendo treinados para produzir infográficos animados e layout para o papel e para a internet; os repórteres-fotográficos agora têm que fazer cursos de técnicas de filmagem e edição de vídeos. (Bodenmüller; Fonseca; Viana, 2013)

Com o passar dos anos a convergência afunilou ainda mais e muitas das atribuições, como layout digital ou fotografia foram absorvidas pelo mesmo profissional. Novos afazeres, alta carga de trabalho, salários baixos, medo de perder o emprego, plantões sem pagamento extra, nos faz entender a degradação da profissão. Ao mesmo tempo é possível perceber também o

⁸ <https://www.careercast.com/jobs-rated/worst-jobs-of-2019> pesquisa de 2019, site acessado em 07/10/2019

predomínio da velocidade, a pressionar o ambiente de trabalho. Assim como Rosa (2019), é possível encontrar em outros autores como Harvey (2008) a premissa do capitalismo orientado para o crescimento e a exploração do trabalho vivo. “A fronteira entre vida no trabalho e pessoal torna-se cada vez menos delineada” (Heloani, 2006).

Setenta por cento dos executivos entrevistados pelo ISMA/Brasil responsabilizaram as novas tecnologias como principais causadoras de estresse. O suposto bem-estar, apregoado pelos entusiastas da tecnologia, não foi apenas substituído por cargas de trabalho excessivas e invasão da vida pessoal dos executivos, mas também por desconfortos físicos: olhos irritados, dores no pescoço e nas costas, e talvez o mais sério, lesões por esforços repetitivos (LER/DORT) (Heloani, 2006).

Heloani (2006) realizou uma pesquisa com jornalistas, no sentido de verificar questões relativas às condições de trabalho dessa categoria. A metodologia incluiu questões de um Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos. Dos 44 profissionais pesquisados, 24 apresentaram a clara sinalização de sintomas de estresse em fase de exaustão e resistência. Outros 20 “aprenderam” a suportar os elementos estressores. “A maioria absoluta dos sujeitos que se submeteram à nossa pesquisa apresenta estresse.”

Para Heloani (2006) “a deterioração da qualidade de vida no trabalho banalizou-se, ou melhor, naturalizou-se.” Ele complementa dizendo que no atual sistema de produção o jornalista é forçado a negociar a sua força de trabalho para a sua subsistência. Acrescenta-se ainda à pesquisa uma série de depoimentos dos profissionais, voltados a escassez de tempo em longas rotinas, falta de folgas ou dinheiro para lazer, excesso de informações a verificar e alta carga de trabalho.

A jornalista da TV Globo (SP), Izabella Camargo foi demitida da emissora em meados do ano de 2017. Estava atuando nos turnos da madrugada quando começou a esquecer de coisas básicas como qual era a capital do Paraná (estado onde ela nasceu). Seu caso, diagnosticado como síndrome de Burnout, foi parar na justiça e a empresa foi obrigada a recontratá-la. Em meados de setembro de 2019 ela voltou à programação, mas em outro horário. “Eu chamo isso de armadilha da competência. Você começa abrir mão de alguma coisa da sua vida para encaixar essas novas funções — seja alimentação, lazer, tempo com a família, horas de sono — e quando vê, já é tarde”.⁹ Deuze & Witschge (2016, p. 16) também confirma que “os profissionais têm, hoje em dia, no jornalismo, cada vez mais contratos, não carreiras, e o estresse e o *burnout* estão em ascensão”.

⁹ Depoimento da jornalista para matéria: Burnout não é o fim/UOL Viva Bem (05/07/19). Disponível em <https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/burnout-e-cada-vez-mais-comum-izabella-camargo-conta-sua-historia/#imagem-6>

A velocidade das máquinas, e principalmente o fôlego delas, nem sempre pode ser imitado pelos seres humanos. No entanto, como verificado por diversos autores, o modelo da rapidez tem sido imposto ao trabalho, ainda que de forma subjetiva. O sociólogo francês Dominique Wolton compara a velocidade técnica e a humana da comunicação. Para ele, estamos menos humanos hoje por causa da internet, pois “queremos que a comunicação tenha um valor de emancipação, mas é preciso dissociar a informação técnica da comunicação humana. Não existe outra rede: a rede humana é a mais importante. O mais complicado são os homens e a sociedade.” (Wolton, 2017).

2.4 Transformações no jornalismo

Criado no século XIX, o jornalismo alcançou seu auge no século XX e nos últimos anos, desde a proximidade da virada do último século, tem vivido suas maiores crises e desafios. É certo que o profissional da área vive hoje um cenário de mutações, principalmente com a chegada das tecnologias e velocidade e as suas representações. Bons e maus atributos, transformações, convergências e muitas incertezas. Ao mesmo tempo, novas necessidades de comunicação criaram novos postos de trabalho em jornalismo plurais: rádio, revista, jornal, televisão, blogs, redes sociais, assessoria de imprensa, produtor de conteúdo, entre muitos outros nomes e ramos do segmento.

Os primeiros trabalhos sociológicos sobre a mídia apresentavam caráter funcionalista, no sentido da explicação dos eventos do mundo, auxiliando a compreensão coletiva com importante papel na socialização. Contudo, “ignoravam as interpretações ativas do próprio público e não consideravam os enormes conflitos de interesse e a produção de ideologia destinada a perpetuar as desigualdades existentes.” (Giddens & Sutton, 2017, p. 477).

Durante a história, em diversos países, os principais meios de comunicação passaram a ser de poucos grupos de propriedade privada, em nome do empresariado nas questões políticas e econômicas. A publicidade, incorporada aos meios de comunicação, valendo-se de sua audiência, surge como um aliado rentável aos processos e custos da mídia e da veiculação de notícias.

Considerando-se que a democracia possibilita a criação de um espaço de debate público, é de se esperar que a imprensa faça parte dele e também viabilize o diálogo entre o público e o político. Embora no mundo contemporâneo muitos autores enxerguem um quadro complexo de

interesses e tensões “o papel da atividade jornalística na realização da democracia é marcado pela luta por espaços e enquadramentos” em meio às forças sociais e políticas (Soares, 2009, p. 125).

Correia (2006) indica que a mídia se transformou em peça fundamental e mesmo insubstituível dos mecanismos de dominação política, social, cultural e ideológica. “Não só por parte dos países capitalistas mais poderosos, nomeadamente os EUA, sobre os países menos desenvolvidos, mas também das classes dominantes nacionais sobre as outras camadas sociais que constituem a esmagadora maioria das populações.” (p. 23). A partir desse quadro, o autor menciona uma contradição. De um lado, o poder social da mídia e, de outro, o seu uso privado com objetivos meramente lucrativos, de poder ou influência no poder.

Do ponto de vista da propriedade e da precisão das representações Soares (2009) indica um ponto controvertido entre a publicidade e o jornalismo. Para ele, aceita-se com certa naturalidade que um comercial de TV ou filme de ficção contenha representações construídas e tendenciais (publicidade). Porém, o mesmo não ocorre com a reportagem, devido à suposição de um compromisso ético e profissional desse gênero em estabelecer uma relação referencial com a realidade. “No entanto, o jornalismo é necessariamente um relato particular dos acontecimentos, ou seja, uma narrativa construída sobre um aspecto do mundo selecionado.” (p. 21).

A miscelânea entre notícias, publicidade, prestação de serviços, fundida nas opções do gigante e democrático aparato midiático, trouxe menos vulto ao trabalho jornalístico. Marcondes (2000, p. 30) alerta que o antigo papel do jornalista como “porta-voz do poder instituído” desenha-se bem mais enfraquecido. Para ele é de outra natureza a relação dessa classe profissional com os dominantes e a imposição de suas vontades políticas. “Os principais atores políticos não são mais homens e mulheres, mas redes, sistemas e equipamentos complexos. Jornalistas aparecem como uma espécie de ‘gerentes’ dessa máquina, com sua interface com o grande público.” Ainda assim, “é uma função condenada, pois a tendência do desenvolvimento tecnológico é a de capacitar as pessoas a terem acesso direto, elas mesmas, às informações e aos acontecimentos” (Marcondes, 2000, p. 30).

O modelo econômico, um dos pilares fortalecidos no Brasil no passado entre anúncios em jornais e revistas impressas migrou para mídias digitais, com muito maior alcance e menor preço. Outro fator em destaque neste quadro é a organização e participação do público no debate noticioso, uma vez que as redes possibilitam esse diálogo de forma instantânea.

Pressionado pelas novas tecnologias, pelo crescimento de setores de comunicação organizacional e de jornalismo de entretenimento, pela participação ativa do público e pela democratização das formas de acesso ao espaço público midiático, o jornalista profissional parece vivenciar um momento de indefinição. (Pereira & Adghirni, 2011)

Diante dos cenários incertos, o Brasil assiste a reconfiguração do setor, que já sinalizou fusões, fechamento e encolhimento títulos e publicações, além da falência de várias outras empresas do setor. Desde o ano de 2012 foram contabilizadas 2327 demissões de jornalistas em redações e 7817 demissões totais em empresas de mídia do Brasil.¹⁰ O mercado brasileiro é composto de 42.332 jornalistas (15.654 mulheres e 26.678 homens).¹¹

Jornais e revistas são os setores que mais demitiram e que tiveram encolhimento. Com efeito, poderíamos considerá-los como veículos “lentos”, no sentido de nem sempre poderem ser atualizados ou viabilizados comercialmente no formato on-line, com recursos digitais? Ou seria porque esses canais não permitem um envolvimento imediato do público em sua versão em papel?

As tecnologias de informação e o avanço dos equipamentos de transmissão de dados, coleta de som e imagens capacitou os indivíduos, de forma geral, para o papel de “jornalista amador”. O fato exprime um lado positivo na democracia, ampliando a participação dos indivíduos na construção das notícias. Pelo lado negativo, gera apreensão por parte dos profissionais de imprensa, no sentido do tratamento das informações, discurso e credibilidade.

Hoje, em qualquer lugar do mundo, os jornalistas competem pela verdade e legitimidade das informações com qualquer pessoa com um aparato digital tal como um computador ou um smartphone ou tablet. Em seu juramento da profissão, o jornalista jura não mentir, não omitir, mas isso é o que mais se acusa a profissão de fazer. (Venancio, 2017, p. 63)

De acordo com os valores da velocidade, vale quem chega primeiro, sem distinção de cargos, no discurso homogeneizado da rapidez. Neste sentido, com efeito, quem tiver um dispositivo técnico e chegar primeiro com os fatos torna-se jornalista. Para Neveu (2005, p. 115), “os últimos tempos têm sido uma acumulação sem precedentes de desafios e crises” para o jornalismo. Para ele, “os desenvolvimentos da tecnologia no interior das redações e a chegada da multimídia redefiniram as competências profissionais, ameaçando banalizar o jornalismo num *continuum* das profissões de comunicação”. Na transformação da profissão, Deuze & Witschge (2016, p. 14) mencionam um empreendedorismo recente, que coincide com a “queda gradual da

¹⁰ Fonte: Volt Data Lab. Última atualização em 07/08/2018. Disponível em <http://passaralhos.voltdata.info/index.html>

¹¹ Dados de 08/03/19, do Portal Comunique-se, baseado em pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <https://portal.comunique-se.com.br/mulheres-jornalistas-minoria/> (acesso em 07/10/19).

parede entre os lados comerciais e editoriais das organizações jornalísticas. A quebra dessa parede que separa estes dois lados é importante na compreensão do que o jornalismo está se tornando”.

É fato que as novas tecnologias promovem a percepção da aceleração do tempo (Virilio, Wolton, Neveu, Bauman) e abreviam a nossa forma de comunicar. Portanto alguns autores questionam o real significado deste tipo de comunicação. Para Marcondes (2019, p. 9) a palavra foi tão esvaziada por seu uso que ninguém mais sabe bem o que é comunicar. “Fato é que todos falam de comunicação, comunicação virou termo da moda, clichê cultural que se aplica a todas as circunstâncias.”. Para ele, o enigma da comunicação é a tentativa de recuperar a ideia que se associa de forma plena ao ato comunicativo, desdobrando-o para além das dimensões conhecidas e viciadas, buscando as pistas de um objeto perdido.

Em um trabalho de comunicação apresentado durante a conferência da *International Association for Media and Communication Research* em 2010, Thais Jorge (citada por apud Pereira & Adghirni, 2011) propõe três hipóteses para o futuro da atividade jornalística: 1) pode desaparecer; 2) pode se aproveitar das potencialidades trazidas por essas mudanças para melhorar sua qualidade; 3) ou pode se transformar no sentido de introduzir novos gêneros e práticas profissionais.

Marcondes (2000) apresenta um conjunto de constatações na análise do trabalho jornalístico, como aumento da carga de trabalho; diminuição de contingente, com maior responsabilidade individual. O autor também critica a postura dos profissionais dizendo que eles nunca erram e nem se desculpam por isso, sob o risco de perder o cargo. Quando criticados, mencionam à lei da liberdade de imprensa (como se isso autorizasse o deslize). Para ele, as tecnologias os retêm mais à cadeira, pois o profissional cuida também da parte técnica, como a disposição da página, entre fotos, anúncios e finaliza lembrando que “qualquer um pode ser jornalista se tiver informação direta e em tempo real.” (p. 75).

Em sua observação, Correia (2006, pp. 107-130), também aponta alguns problemas e desafios para o setor. Entre eles estão o corporativismo jornalístico; fator econômico, dadas crises e novos modelos de trabalho, concentração de propriedade a poucos grupos; poder da informação cada vez mais subordinado a interesses econômicos e patronais; estreitamento de pluralismo e democracia, provocado pelos poucos grupos proprietários; falta de critérios jornalísticos (informação vista como mercadoria); cuidados com checagem de fontes nas tecnologias digitais velozes; maior autonomia jornalística e identidade profissional; melhores condições de trabalho, deontologia (escolhas morais necessárias); ensino e investigação; solidariedade, unidade,

mobilização e mudança, com a melhoria do trabalho e aprofundamento da sua responsabilidade social.

Diante das análises torna-se claro que a profissão do jornalista encontra-se em profunda transformação, vista como um quadro degradante em quase todos os seus eixos. Seja pela credibilidade (tanto do governo, poderes e público), seja pela chantagem do mercado (poucas vagas, menos benefícios), concorrência de várias outras plataformas, assim como outros “jornalistas”.

Em fevereiro de 2019, durante a cobertura dos protestos dos *gilet jaunes* (coletes amarelos) jornalistas franceses foram agredidos tanto pelos manifestantes como pela polícia. Muitos deles tapavam os logotipos nos microfones, para não denunciarem ser da imprensa e muitas emissoras da França estão contratando guarda-costas para o trabalho. “Depois de umas instalações de rádio local France Bleu terem sido incendiadas em Grenoble no final de janeiro, um grupo anarquista veio divulgar uma mensagem em que saúda esse ataque” (Antheaume, 2019).

Boa parte dos desafios e problemas apontados para o segmento da comunicação pode ser explicado pela forma de como lidamos com o tempo. Especialmente a velocidade, nas “sociedades líquidas”, que direta ou indiretamente está relacionada com grande parte das críticas. A rapidez e o “fetiche” (Moretzsohn, 2002) de chegar primeiro produz erros, “precipitações” (Bourdieu, 1997) principalmente no webjornalismo (como já apontado nas pesquisas jornalísticas). A corrida contra o tempo também gera uma comunicação muitas vezes superficial, que acaba produzindo a desconfiança, em processos acelerados que debilitam a saúde.

Para Deuze & Witschge (2016), existe uma espécie de dissonância entre o modelo estável da prática jornalística com as rupturas da modernidade, sua complexidade e mudanças contínuas. Para ele, o jornalismo não é, está se tornando, em uma multidão de práticas incertas e seus impactos variáveis na sociedade. Deuze & Witschge também apregoa que as perspectivas caminham para um jornalista que atua de forma mais individual e que “ser um jornalista profissional e trabalhar com jornalismo no século XXI significa, para a maioria, ter que ir além do jornalismo” (p. 18).

Normalmente, a profissão pede por um determinado tipo de compromisso, mas os jornalistas na era digital têm de se comprometer, além de tudo, porque o seu trabalho é inseguro, o seu salário limitado, a confiança do público precária e o seu tempo de trabalho se estende além do *deadline* e do cronograma previsto. Com as proteções institucionais e os privilégios da profissão limitados, isso significa que seu caminho se torna cada vez mais pessoal. (Deuze, 2016, p. 18)

A tendência dos processos acelerados na profissão proporciona uma apuração fraca, em oposição aos princípios jornalísticos. Pensar em novos modelos de trabalho e vida torna-se tarefa necessária e urgente. “O que é uma boa vida?” (Rosa, 2019) “É preciso a elaboração de uma teoria crítica empenhada em reassumir o mundo como uma ‘tarefa’ humana” (Moretzsohn, 2002, p. 176).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho tem a finalidade de investigar, no contexto da sociologia do tempo, os conceitos de aceleração social e velocidade, a partir de uma revisão de literatura seguida de entrevistas junto a um grupo de profissionais.

O trabalho contempla algumas fases a serem desenvolvidas. Uma delas é a revisão dos principais autores sobre a sociologia do tempo, sociologia do jornalismo e os conceitos de aceleração social. A outra é o levantamento informações com a própria metodologia jornalística, por meio de entrevistas com profissionais. A partir desses processos, sob a luz de literatura, espera-se construir um cenário sobre os efeitos da aceleração social e da velocidade no trabalho dos profissionais de comunicação.

Para as entrevistas, de acordo com Guerra (2006, p. 46) aplicamos o princípio da diversidade interna, procurando variáveis pertinentes face ao objeto, isto é, aquelas que façam variar a posição do ator face ao objeto, na medida em que se procura a diversidade dentro do grupo. Investiga-se então um grupo de especialistas em profissões intelectuais e científicas frente às questões do tempo, velocidade e aceleração social.

3.1 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas em diferentes datas, de forma individual, por dois métodos (escrito e gravado) e a abordagem gerou um material bruto de 522 minutos e 81 páginas de transcrição.

O próprio tema da aceleração social se mostrou presente no processo das entrevistas. Isto é, de forma geral, os profissionais não dispunham de tempo e esta etapa, da coleta dos depoimentos, mostrou-se a mais longa de toda a pesquisa, consumindo cerca de oito meses do projeto.

Em todos os casos foi adotada uma conversa prévia, com a explicação dos conceitos e objetivos da pesquisa para em seguida agendar a entrevista. Pelas complicações da agenda dos escolhidos chegamos a marcar e desmarcar a conversa por até quatro vezes. Em dois casos as tentativas foram canceladas e as pessoas substituídas, uma por incompatibilidade de tempo e outra por conta de uma viagem de trabalho.

Elaboramos então uma grade de perguntas neutras, que beiravam uma conversa natural e que permitia aos entrevistados discorrerem sem interrupções. O papel do entrevistador era prioritariamente de ouvinte, conduzindo a fluência das questões.

As primeiras perguntas eram sobre a rotina (temporalidades) partindo de uma visão geral das atividades desenvolvidas, tanto pessoais como profissionais. Em seguida introduzíamos os assuntos sobre a percepção do tempo, aceleração, atividades, trabalho, tecnologias, futuro, sempre sob sua perspectiva temporal.

Tabela 3 - Sugestão de perguntas

Nome:
Idade:
Profissão ou Cargo:
Tempo de profissão ou há quanto tempo escreve/leciona/cria (aproximadamente):
1) Como você lida com o tempo?
2) Como são as suas divisões de horas, sua rotina?
3) Você é cobrado com base no relógio? Como?
4) De quando você começou na profissão para hoje, sente o tempo acelerado? Se sim, qual a sua estratégia para lidar com a aceleração/correria dos dias?
5) As tecnologias (celular, computador, internet) ajudam ou te dão mais trabalho?
6) Você é mais cobrado pela velocidade ou qualidade? E você cobra mais velocidade ou qualidade dos seus subordinados? Como balancear as duas questões?
7) Como sente a influencia do tempo na sua área, no sentido das suas rotinas, se é que existem?
8) Você sente instabilidade com relação a seu cargo, profissão ou futuro? Por que?
9) Ao longo dos anos, você sente uma certa automação na sua profissão? Se sim, essa automação lhe faz ganhar mais tempo ou correr mais?
10) Para um jornalista novo, na sua visão, como adquirir experiência? Ele seguirá um modelo alienado, como um robô com tarefas diárias ou terá tempo de aprender?
11) Novamente, como você lida com o tempo? Sente que trabalha demais ou acostumou? Seus dias são iguais?
12) A sua criatividade e suas ideias para o trabalho nascem em que momentos? Existe algum método?
13) A velocidade ajuda ou atrapalha? Existe jornalismo sem velocidade?

- | |
|---|
| 14) A velocidade está presente em todas as suas tarefas? |
| 15) A velocidade pode atrapalhar a qualidade? Em que sentido? |
| 16) Existe tempo ocioso no trabalho? |

Apesar de seguir basicamente o mesmo roteiro de perguntas, cada pessoa tem a sua forma de expor seu pensamento. Dessa forma nem todas as respostas surgiram iguais, pois alguns entrevistados foram mais objetivos, outros deram exemplos práticos, alguns comentaram também momentos de sua vida pessoal.

Além das descrições livres das atividades dos entrevistados e o depoimento sobre as suas dinâmicas relacionadas ao tempo, solicitou-se também uma retórica sobre o passado. O objetivo foi tentar descobrir, com o mínimo de intromissão, as possíveis alterações nas temporalidades dos entrevistados, no sentido de entender pontos fixos ou móveis a partir da evolução dos anos. Acredita-se que a comparação tornou-se útil uma vez que apenas dois dos entrevistados possuíam menos de dez anos em suas funções.

A este quadro acrescenta-se também a informação de que o pesquisador, apesar de atuar de maneira totalmente externa e neutra na condução das entrevistas, possui noção do formato de trabalho do mercado brasileiro de comunicação, atuando neste segmento desde o ano de 1994.

As entrevistas foram realizadas a partir de algumas etapas que serão descritas a seguir.

3.2 Condução das entrevistas no terreno

Na primeira fase, na escolha dos profissionais, foram elencadas as pessoas que poderiam contribuir para o estudo. Em seguida, o entrevistador conversou individualmente com as pessoas escolhidas, explicando-lhes o objeto de sua pesquisa. O intuito da primeira conversa era o de informá-las sobre o caráter do levantamento, no sentido de conscientizá-las de que não havia um lado certo ou errado, nem alguma tendência para a apuração a não ser colher o livre depoimento do profissional e a sua relação com o tempo.

Tabela 4 - Diálogo inicial por correio eletrônico

Oi, tudo bem?

Conforme adiantei por telefone, em linhas gerais, meu tema é um levantamento sobre como você lida com o tempo, se sente aceleração social e se ela influencia os seus processos criativos. No caso a aceleração social a que me refiro é a correria dos dias, os prazos curtos e o tempo que as pessoas têm para trabalhar. Os processos criativos são as atividades personalizadas que não são feitas em série e que demandam pesquisa, inspiração e criatividade (textos para livros, textos em geral, ilustrações, roteiro para cinema, peças publicitárias).

A velocidade imposta na produção desses materiais seria tão ou mais importante que o produto final? Ou não?

Dai o objetivo da entrevista é apenas registrar algumas dinâmicas desses profissionais (que não serão identificados na pesquisa), para depois, com a literatura existente sobre o tema, tentar projetar alguns cenários.

Ou seja, não existe certo nem errado, apenas levanto o registro sobre a forma que algumas pessoas lidam com o tempo. Também investigo se existe ou não uma corrida pelo tempo e se ela pode influenciar o produto final e o mercado de trabalho dessas profissões.

Fique a vontade para perguntar viu? Obrigadão!

Qualquer coisa é só me falar! Espero que não te atrapalhe!

Muito obrigado!

Bjo

Marcelo Balbino

De acordo com a conversa inicial, foram propostos alguns formatos para o recolhimento das respostas. A primeira e preferida sugestão foi o encontro pessoal, com o depoimento gravado. A segunda opção foi uma conversa via *Skype* ou *WhatsApp* com ou sem imagem ao telefone. Também foi proposto, após uma explicação pessoal para cada um, possível retorno por escrito (e-mail), tendo por base o questionário com as perguntas básicas.

Acreditou-se que a possibilidade da escolha para o modelo de respostas também daria maior liberdade de expressão aos entrevistados, uma vez que alguns deles preferiram refletir melhor sobre as questões propostas.

É preciso ainda destacar que alguns, que já trabalham com a escrita, escolheram esta mesma ferramenta para desenvolver as respostas. Portanto foi dado aos entrevistados a opção de nomear os formatos que mais lhes agradassem e que se sentissem livres para responderem. Em

alguns casos o tema não foi esgotado com as primeiras respostas, mas complementado posteriormente com novas conversas elucidativas.

A própria escolha pelo recolhimento dos depoimentos nos serviu para verificar como os profissionais lidam com o tempo. Aqueles que desenvolviam trabalhos com uma carga horária maior, ou que se movimentavam em viagens nas suas atividades, preferiram o método da gravação, pois assim se livrariam da tarefa de uma vez, sem precisar escrever ou prolongar o assunto (salvo algumas confirmações posteriores).

Outros profissionais, com o perfil mais reservado, preferiram enviar as repostas posteriormente, após analisarem melhor as questões. Para os entrevistados que escolheram escrever, foi-lhes dado um tempo equivalente a 30 dias para as respostas. Ao todo foram oito entrevistas gravadas (uma delas por *WhatsApp* com câmera) e quatro enviadas por escrito.

As entrevistas e transcrições obedeceram a critérios estabelecidos por Guerra (2006, pp. 59-60). Os encontros foram todos realizados em ambientes externos, longe do local de trabalho dos entrevistados. Como fariamos gravação, escolhemos lugares tranquilos e demos preferência para horários em que o profissional estivesse livre, por exemplo, após o trabalho, ou em finais de semana que ele não trabalhasse. O tempo da entrevista foi totalmente balizado pelo entrevistado, no sentido de cumprir as respostas às questões propostas.

O período das conversas iniciais, explicações sobre o projeto, agendamento das entrevistas, efetivação das mesmas e consolidação posterior sobre as dúvidas nos tomou cerca de oito meses, caminhando paralelamente ao processo de leitura e escrita da pesquisa.

Com efeito, a própria questão do tempo acelerado na vida dos entrevistados acabou por modular também o escopo do projeto. Mesmo algumas pessoas que preferiram a devolução das respostas por e-mail demonstraram dificuldades em respeitar as datas de envio das opiniões. Em outros casos, algumas entrevistas foram remarçadas mais de três vezes, devidos a compromissos de última hora e alterações de agenda.

3.3 Entrevistas: notas sobre a seleção

Foram entrevistadas 12 pessoas todas brasileiras, com a faixa etária entre 28 e 60 anos de idade, sendo sete homens e cinco mulheres. Os profissionais escolhidos atuam essencialmente como jornalistas e trabalham em criações de textos (notícias, artigos, livros) e imagens (publicidade, ilustração). Trata-se de um grupo reduzido de entrevistados, mas cuja densidade das

narrativas nos garante uma elevada consistência na construção das conclusões finais do estudo. Atendendo à tipologia das perguntas e dos objetivos que traçamos para o estudo, procurámos seleccionar as pessoas a entrevistar de acordo com um conjunto de características e/ou critérios que tivemos como essenciais na análise da experiência do tempo. Por isso, seguimos o método de amostragem teórica, procurando contactar cada um/a dos entrevistados/as a partir de uma análise prévia das características e da situação em que se encontram.

Um dos procedimentos para a escolha dos profissionais entrevistados foi respeitar o princípio da diversidade, abrangendo pessoas que reunissem os seguintes critérios: tempo de experiência na função, tipo de empresa e diferentes segmentos de atuação, desenvolvimento de atividade intelectual e criativa, com necessidade de escrita e preparação de textos. Atendendo ao interesse em aprofundar algumas ideias sobre as transformações associadas a novas tecnologias, juntámos ao grupo entrevistados mais jovens no desempenho do mesmo tipo de atividades.

Dessa forma, consideramos que o produto do trabalho de cada um é único e demanda de certa habilidade e intelectualidade para serem elaborados. Assim, verifica-se que nossos entrevistados, ainda que façam parte de modelo de trabalho, atrelado a etapas periódicas e repetitivas, desenvolvem “produtos” inéditos, como notícias e outras peças de comunicação.

Muitas vezes consideradas artesanais, as atividades dos nossos entrevistados relacionam-se principalmente com eles próprios, com suas experiências e interessa-nos conhecer as suas temporalidades e visão de mundo. Portanto, pode-se dizer que os entrevistados tiram da própria cabeça a produção de seu trabalho. Ao mesmo tempo, em alguns casos, como o do ilustrador, escritor ou articulista, a atividade criativa e seu método são individualizados e expõe o nome do trabalhador em sua própria obra, assinada ao final.

Muitos entrevistados exercem vários cargos ao mesmo tempo (documentarista, professor, consultor), mas a massa geral (10 deles ou 83,33%) foi considerada como jornalista. Na maioria dos casos, buscamos profissionais com muitos anos de experiência e que, portanto, vivenciaram inovações e alterações tecnológicas nos processos que envolvem as suas criações.

Parte dos entrevistados pertence a instituições e empresas. Por isso, optou-se por manter o anonimato na transcrição de todos os depoimentos desta publicação. A medida foi anunciada de antemão para cada entrevistado. A ação tentou conceder maior liberdade aos depoimentos, tendo em vista que poderiam abordar livremente, e sem qualquer preocupação, os processos e a condição de trabalho da própria instituição da qual fazem parte.

Na transcrição da entrevista atribuiremos nomes fictícios para cada um dos entrevistados. Na tabela a seguir (Tabela 5) incluímos ainda a escolha que cada um preferiu para o formato da entrevista (gravada, por escrito). Entre os locais escolhidos para a conversa estão principalmente cafés, museus, bibliotecas. Nos casos em que o entrevistado estaria no trabalho ou teria um tempo muito curto, preferimos remarcar a entrevista.

Para cada entrevistado foi utilizada uma lista com sugestão de perguntas (Tabela 3) que balizou as conversas, mas permitiu um diálogo livre. Nas entrevistas presenciais foi utilizado um gravador digital, cujo uso foi autorizado de antemão pelo entrevistado.

A condição das entrevistas foi considerada boa, sem interrupções, com ótimo nível de gravação e clareza nas transcrições. Posteriormente, se houvesse alguma dúvida um novo contato seria realizado. Em alguns casos (Fernando, Rubem e Mario) realizamos um breve conversa posterior para o esclarecimento de algumas questões que foram levantadas nas entrevistas. A operação não constituiu uma nova entrevista, mas sim a confirmação de dados e entendimento das respostas que já haviam sido mencionadas.

Tabela 5 - Identificação dos entrevistados

	Codinome	Idade	Entrevista	Profissão
1	Fernando	47	Gravada (51min)	Jornalista
2	Carlos	28	Gravada (1h14min)	Ilustrador
3	Cecília	28	Escrita	Redatora/Professora
4	Manuel	55	Escrita	Escritor/Articulista
5	Adélia	60	Gravada (58min)	Jornalista/Professora
6	Rubem	48	Gravada (51min)	Jornalista
7	Mario	49	Escrita	Jornalista/Cineasta
8	Cora	51	Gravada (1h51min)	Articulista/Palestrante
9	João	51	Escrita	Jornalista
10	Hilda	51	Gravada (46min)	Jornalista/Escritora
11	Clarice	46	Gravada (1h09min)	Jornalista/Professora
12	Paulo	39	Gravada (1h02min)	Publicitário
8 entrevistas gravadas, 4 entrevistas escritas Total de gravação: 522 min 81 páginas de transcrição (em formato arial 12, espaço simples).				

Dois entrevistados que estavam previstos na lista inicial não conseguiram participar da pesquisa. Um deles chegou a remarcar as datas, por três vezes, mas não confirmou. Outra entrevistada realizou uma longa viagem a trabalho e assim desmarcou a sua participação.

Tabela 6 – Perfil dos entrevistados

Fernando, homem, jornalista, 47 anos de idade e 25 anos de experiência profissional. Atua como chefe de reportagem em uma das principais emissoras de televisão do Brasil. Separado, mora sozinho e tem um filho adolescente.
Carlos, homem, 28 anos, artista gráfico, por nove anos atuou como designer numa empresa privada, recentemente montou seu próprio negócio, trabalhando como ilustrador. Mora com a namorada.
Cecília, mulher, 28 anos, escritora, professora e redatora. Solteira, mora sozinha e não tem um emprego fixo. Seu tempo é dividido entre trabalhos freelancers e o estudo preparatório para concurso público.
Manuel, homem, 55 anos, escritor há 25 anos e auditor fiscal. Autor de mais de 1000 artigos para jornais. Casado, pai de duas filhas, tenta manter sua rotina, deixando espaço para o ócio.
Adélia, mulher, 60 anos, jornalista e professora universitária escreve artigos e finaliza a sua defesa no doutorado. Tem dois filhos adultos e já coordenou departamentos de marketing e cadeiras de ensino.
Rubem, homem, jornalista de 48 anos e 25 de experiência profissional. Já circulou pelos principais jornais do Brasil e hoje atua como coordenador de conteúdo de um órgão público da cidade de São Paulo. Casado, sem filhos.
Mario, homem, 49 anos, jornalista, cineasta, palestrante e apresentador de um programa de TV. Tem esposa e filhos e por muitos anos foi âncora e atual nos principais programas de rádio do Brasil.
Cora, mulher, 51 anos, publicitária, articulista, professora e palestrante. Casada, tem dois filhos adultos. Mantém grupos de pesquisa acadêmica, realiza curadoria cultural e finaliza o pós-doutorado.
João, homem, 51 anos, jornalista, solteiro, luta para manter-se no emprego. Atua no setor documental de uma empresa privada diz sentir a sobrecarga de tarefas e a falta de tempo para desenvolver um trabalho com maior qualidade.
Hilda, mulher, 51 anos, jornalista, escritora, palestrante. Atua como consultora em projetos de gastronomia, escreve livros e artigos para seu blog e outras publicações. Separada, mora com a filha adolescente, tem uma rotina semanal bastante regrada e exaustiva.
Clarice, mulher, 46 anos, jornalista e professora universitária. Casada, tem dois filhos. Coordena um departamento de pesquisa de uma das principais faculdades de comunicação do Brasil. Atua nos conceitos de comunicação afetiva.
Paulo, homem, 39 anos, publicitário. Casado, tem uma filha pequena. Possui 15 anos de experiência. É sócio de uma agência de publicidade. Quando consegue realiza o trabalho de casa, como <i>home office</i> .

3.4 Categorias de análise

Após a leitura de todas as respostas, observamos alguns assuntos em comum entre os entrevistados, o que contribuiu com o direcionamento deste trabalho. Criamos então sete categorias desta pesquisa e compilamos nas respostas as informações sobre cada uma delas. Estas informações foram comparadas e, muitas vezes, já observadas nas citações dos autores da literatura escolhida.

Tabela 7 – Categorias da análise

1) Rotinas

Questões: como divide as horas do dia, onde vai, quando dorme, o que faz?

Objetivo: descobrir a soma de atividades do profissional para dimensionar as suas ações no tempo.

2) Percepção da aceleração

Questões: sente ou não os dias acelerados, como percebe e o que/por que acelera?

Objetivo: verificar se reconhece a aceleração ou se já considera o dia veloz como uma coisa normal.

3) Como lidam com o tempo e a aceleração?

Questões: se sente os dias acelerados, o que faz para lidar com isso?

Objetivo: perceber se esboça alguma reação ou convive em paz com a aceleração

4) Como se relacionam com as tecnologias?

Questões: as tecnologias aceleram ou não? O que representam em seu trabalho?

Objetivo: verificar o grau de adaptação e peso do uso de aparatos tecnológicos e digitais.

5) Qualidade e velocidade

Questões: sente pressão pela velocidade? A velocidade atrapalha a qualidade?

Objetivo: entender se o profissional desenvolve suas tarefas livremente ou sente a pressão do relógio

6) Transformação da profissão e futuro

Questões: como sentiu a transformação da profissão? Como imagina o futuro?

Objetivo: refletir sobre a percepção profissional das transformações temporais e expectativas no desenvolvimento desta profissão

7) Tempo, trabalho e saúde

Questões: não havia pergunta sobre saúde e qualidade de vida, mas percebemos que o tema foi abordado de forma recorrente nas respostas.

Objetivo: avaliar o grau de estresse, sobrecarga ou medo desencadeados pela aceleração.

Procedemos então com o tratamento do material, no formato da enunciação, descrito por Guerra (2006, p.63) “Entende-se a entrevista como um processo. Usa-se sobretudo para entrevistas longas e muito abertas em que se desprezam os aspectos formais da linguagem, centrando-se na análise de conteúdos”.

O tratamento do material foi criado a partir de grelhas para cada um dos tópicos (categorias). Da leitura do material transcrito buscava-se somente aquela questão central em cada entrevista (rotina, aceleração, qualidade...), que era colocado junto da opinião dos outros participantes. Ao final ficávamos com 12 respostas para cada tema. Descreveremos em seguida as opiniões entre o contexto e alguns comentários e excertos dos entrevistados. Também iremos incluir literatura relevante como complemento dos comentários.

4 DISCURSOS E PRÁTICAS DO TEMPO (RESULTADOS)

O tempo sempre foi considerado uma categoria importante para os jornalistas. O desafio constante de sempre noticiar o “agora”, pautou a história das redações, nas disputas da informação e o “vale-tudo pela notícia”. A velocidade já influenciou contratações, demissões, fatores ligados cada vez mais às temporalidades esperadas para o momento e contexto da profissão.

A partir da internet, redes sociais e tecnologias digitais verifica-se que a velocidade na produção e distribuição de notícias, mensagens e outras peças, aumentou muito mais de forma geral.

As entrevistas foram divididas em alguns tópicos, após a análise do material bruto dos relatos, que foi transcrito e tabulado. Procuramos inserir o contexto e confrontações entre a literatura pesquisada e as práticas relatadas pelos profissionais da pesquisa.

Lembramos também que a nossa questão central foi descobrir se os entrevistados sentiam o tempo acelerar e como conciliavam as suas atividades, com a velocidade e as diferentes temporalidades vividas. Em torno dessas respostas foram abertas arestas em subtemas, que se relacionam com as respostas principais, na visão de cada um, e que são também essenciais para o entendimento da pesquisa como um todo.

O processo empírico e os relatos sobre a questão do tempo, que se mostra tão atuais, jogam luz em um cotidiano que nem sempre é sistematizado ou elaborado pelos jornalistas. Em uma sociedade em constantes mudanças, muita coisa é simplesmente experienciada por eles, praticamente de forma automática.

Embora longe de esgotar a temática, acreditamos que os relatos a seguir, sinalizam um objeto de extrema importância, não apenas por se tratar do registro de profissionais experientes, que atuam hoje no segmento. Em seu discurso, cada um representa muitas vozes, imagens e letras que rotineiramente se comunicam com variados públicos, mas em poucas oportunidades refletem sobre a sua própria dinâmica de tempo.

Na questão do mercado profissional, percebe-se uma linha de atuação comum, que baliza toda a concorrência na mesma disputa de sempre: a audiência. Fatores como a compressão do tempo, somada a falta de vagas e oportunidades no setor proporcionam nessas empresas um ambiente de “regras subjetivas”, que nos últimos anos tem se imposto e degradado constantemente a profissão, como veremos na investigação.

Optamos por dar uma visão geral das respostas tabuladas para cada tópico, seguindo o caminho natural das entrevistas. Portanto cada assunto dispõe de uma abertura com o contexto da questão diante do tema.

Mencionaremos exemplos das situações reais coletadas, em excertos, na voz dos entrevistados, para depois acrescentarmos alguns cruzamentos com a literatura pesquisada. Também é importante lembrar que o tópico intitulado “saúde do profissional”, foi criado após as entrevistas. Apesar de não constar originalmente na lista de perguntas aos entrevistados, o assunto foi mencionado por todos eles em algum momento da conversa. Assim consideramos prudente criar uma sessão para o registro dessas constatações.

Dividimos o material na análise de categoriais, que constituem os próximos temas: Rotinas; Percepção da aceleração; Modos de lidar com o tempo e a aceleração; Relevância e lugar das tecnologias; Qualidade e velocidade; Transformação da profissão e futuro; Tempo, trabalho e saúde.

4.1 Rotinas

Todos os entrevistados têm rotinas, ainda que descritas como mais ou como menos flexíveis na sucessão de ações. O que se percebe é que existem ciclos longos ou curtos de entrega de trabalho. Cada um é moldado na vida dos profissionais, de acordo com a temporalidade dos resultados que precisam. Aqueles que necessitam publicar materiais várias vezes por dia, ou diariamente, mostraram-se com uma rotina mais mecânica, delimitada, baseada em tarefas curtas, mais rígidas e com resultados pontuais. Para eles, o tempo relógio é muito mais presente e as horas e os minutos são dinamizados e calculados em tarefas.

O grupo de entrevistados possui quatro jornalistas (33,33%) que precisam apresentar resultados diariamente, seja em material impresso, digital ou televisivo (Fernando, Rubem, Mario e João). Os demais intercalam variadas tarefas, como consultores, professores, palestrantes e atuam no curto prazo em alguns períodos específicos do ano e no longo prazo em projetos considerados especiais, como livros ou artigos.

Aqueles que produzem livros ou artigos, por exemplo, mantém uma rotina sistematizada, muitas vezes controlada por eles mesmos, voltada para a aferição de uma somatória de tarefas, com maior aprofundamento e duração, até alcançar o objetivo, muitas vezes único. Como

veremos, não significa que um modelo proporcione mais ou menos trabalho que o outro, mas sim que algumas dinâmicas de tempo são mais automáticas e exigem maior controle no curto prazo.

As rotinas em longo prazo são compostas de tarefas que se desdobram, e formam uma malha, composta de ritmos e horários ajustáveis. Quando mal dimensionadas, também podem produzir o efeito, do trabalho exaustivo diário em seu prazo ou andamento.

Em 100% dos casos também visualizamos que o trabalho considerado com rotinas mais delimitadas e imediatas se aplica aos trabalhadores que atuam como funcionários de empresas do setor. Em comparação, os trabalhos de maior duração, como produção de um livro, ilustrações, artigos, consultoria, estão diretamente relacionados com profissionais autônomos, que normalmente prestam serviços e realizam mais de um trabalho por vez, como dar aulas, consultoria e outros projetos.

No caso de Fernando, jornalista de 47 anos de idade e 25 anos de experiência, que atua como chefe de reportagem em uma das principais emissoras de televisão do Brasil, seu horário oficialmente vai das 16h até 1h da manhã, ocupação que o faz ir dormir perto das 2h todos os dias.

“Você acaba sendo treinado como um piloto de avião e precisa oferecer decisões rápidas”. (Fernando, jornalista, 47 anos)

Em sua rotina, Fernando, acorda perto das 9h e de manhã realiza pendências da sua vida, como trabalhos extras, compras, pagar contas. Também procura incluir coisas que gosta de fazer como algumas caminhadas, almoço com o filho e a mãe. Chega ao trabalho 16h e senta para passar as notícias do dia até aquele momento, quando começa a assumir e responder pelo que será feito a partir desse ponto. Em seguida, entra um jornal de notícias e vai colando ao outro durante o período de 5h30 seguidas de telejornais ao vivo. Posteriormente, entra um programa gravado de 30 minutos, abrindo um respiro na programação.

“Nesse tempo de meia-hora é quando verifico se os equipamentos não se avariaram e se posso contar com a parte técnica para o dia seguinte, além das escalas, horários dos repórteres e tentar prever as notícias do próximo dia, dentro das informações que já temos. Depois começa a acalmar, a partir das 23h, quando dá pra ligar para amigos, conversar um pouco, fazer outras coisas”. (Fernando, jornalista, 47 anos)

A rotina de Fernando deixa claro um processo veloz e contínuo. Tempo é dinheiro e a notícia é a prioridade e o centro de toda atenção: notícia contínua e ao vivo, como sugere o slogan da própria empresa, um continuum de notícias sem interrupção. Em torno deste modelo revezam-se equipes, para que as imagens, textos e informações nunca parem. Outra questão importante é

a forma como os profissionais são moldados ao processo, muitas vezes sem perceber. Como exemplo está o horário em que o profissional consegue respirar (partir das 23h) e pode telefonar para os amigos, em um horário que poderá ser mais difícil encontrá-los. Fernando relatou também que consegue parar para jantar em 20 ou 25 minutos.

“Eu consigo parar para jantar. Nem todo o dia, mas consigo.” (Fernando, jornalista, 47 anos)

Tal depoimento inicial pode ser ilustrado com o pensamento de Neveu, citando Patrick Rozenblatt:

(...) a urgência constitui uma relação permanente com o tempo, quer se trate de fazer funcionar de forma rápida e racionalizada uma organização de tratamento de notícias, de antecipar quase as falhas técnicas e humanas ou de se adaptar à irrupção do imprevisível. (Neveu, 2005, p. 63)

Para Rubem, “o tempo é o que nos rege”. O jornalista de 48 anos e 25 de experiência, já circulou pelos principais jornais do Brasil e atua hoje como coordenador de conteúdo de um órgão público da cidade de São Paulo. Ele trabalha cerca de 12 horas por dia. Geralmente entra 8h30 e fica na redação até 20h30.

“Em minha rotina, eu te diria que eu até penso que sou prejudicado sim, e que as pessoas também são. Eu não estou dizendo que o trabalho é ruim e que eu não gosto de fazer o que eu faço, apesar de todas essas horas dispendidas. Mas é sacrificante, principalmente pelas horas de descanso. Porque a idade vai avançando e você vai sentindo isso no corpo”. (Rubem, jornalista, 48 anos)

Rubem é acostumado com longos períodos de trabalho, fechamentos de edições e plantões aos finais de semana. Ele confessa que nunca teve outra ambição ou plano que não fosse ser jornalista. Leitor ávido, e com olhar atento, participou por muitos anos da cobertura jornalística dos principais fatos e da política da cidade de São Paulo.

Carlos, de 28 anos, artista gráfico que por 9 anos atuou como designer numa empresa privada, recentemente montou seu próprio negócio, trabalhando como ilustrador. O motivo de sua saída da editora foi para realizar apenas o trabalho de ilustração, com o qual mais se identifica. Mesmo trabalhando em sua residência, tenta manter os mesmos horários que fazia no cargo anterior, mas confessa que ainda está se adaptando. Morando com a namorada, que trabalha fora, Carlos tem que incluir em sua rotina o preparo das refeições, a organização da casa e o cuidado dos gatos.

“Rendo mais pela manhã ou noite. Em casa não consegui manter o horário que fazia na empresa. Tento acordar cedo, tomar café e começar a trabalhar. Depois, lá pelas 12h30 ou 13h almoço e aí vem a dificuldade, sono e umas 16h, já estou 100% de novo. Daí tomo um café e janto, perto das 20h. Mas agora posso virar a noite

trabalhando e no emprego anterior eu não conseguiria.” (Carlos, ilustrador, 28 anos)

Cabe destacar, como já foi mencionado, que para Carlos a rotina de trabalho sempre existe, embora ele mencione que em alguns períodos torna-se mais lento e em outros acelera, para cumprir a entrega final dos seus projetos.

Em seu trabalho, Hilda, jornalista de 51 anos, acumula diferentes tarefas como consultora, professora, palestrante e escritora de livros que receberam importantes prêmios no Brasil e no mundo. Embora não precise apresentar resultados diários para pessoas ou empresas, suas tarefas são encadeadas como um quebra-cabeça. De segunda a sexta ela acorda às 5h da manhã e ajuda a filha a se preparar para a escola. As 6h a menina vai para os estudos e entre 6h30 e 7h Hilda já está pronta para sair, mas nem sempre segue a mesma rotina.

“Às vezes fico algumas horas em casa fazendo livros que eu tenho pra fazer. Eu alterno, ou fico em casa ou vou para a consultoria que faço. Então eu divido o dia em partes, em duas partes mais ou menos de trabalho, em casa fazendo livros e a outra parte na consultoria.” (Hilda, jornalista, 51 anos)

Perto das 18h30 ela faz o jantar, resolve as pendências que surgem do trabalho ou tarefas com a filha e dorme por volta das 21h30.

“Às vezes faço meditação, pelo aplicativo do celular antes de dormir. Estou tentando fazer ginástica também, a questão do esporte é importante, não posso ficar sedentária.” (Hilda, jornalista, 51 anos)

A agenda de Hilda é sempre organizada com detalhes, para os próximos três meses seguintes. Seu sistema de controle é a utilização de desenhos, como caixinhas de tarefas, que vão sendo visualizados, acrescentados e preenchidos de acordo com os afazeres. Nas anotações ela coloca a produção de livros, textos, fotos, atividades. Conforme o andamento e a flexibilidade, a profissional vai encaixando seus compromissos pessoais, como uma consulta médica, por exemplo, desde que não impactem tanto nos horários e rendimento dos trabalhos.

“São etapas que preciso cumprir senão desvio e as coisas não ficam prontas. Por isso não posso me distrair ou ficar no celular, por exemplo. Tenho que ter foco”. (Hilda, jornalista, 51 anos)

A questão do foco indica outra questão entre os tópicos, presente também para outros entrevistados: muitas vezes a criatividade pode não obedecer ao relógio. A sensação é descrita como mais amena em trabalhos de longo prazo, quando é possível remanejar alguns processos sem alterar os resultados finais e até tentar escolher o melhor período para cada tarefa.

Com efeito, do ponto de vista das tarefas criativas, alguns autores defendem que estas não dependam tanto do relógio e que estejam mais ligadas à métodos próprios, no sentido de não limitar as ideias. De qualquer forma, mesmo o trabalho mais criativo, geralmente é feito em modelo comercial, tem seu prazo e precisa nascer. O desafio então concentra-se em canalizar o melhor tempo de rendimento para a produção.

O trabalho do escritor não depende do relógio ou do calendário, como acontece numa empresa em que os funcionários têm de bater o cartão de ponto. No entanto, o artista deve criar sua própria “rotina” de trabalho, uma rotina que dependa muito mais da chamada do seu interior do que de uma série de regras rigidamente estabelecidas, uma rotina que corresponda ao ritmo e impulsos pessoais. (Kohan, 2013, p. 33).

Mario, de 49 anos e 27 de profissão, que atua como jornalista, cineasta e apresentador de um programa de TV, sinaliza que não tem rotinas metódicas e rígidas e reforça a importância do descompromisso com o tempo para seus momentos criativos.

“Tenho percebido, cada vez mais, que a dinâmica do sociólogo italiano Domenico de Masi, a do ócio criativo, é imperativa. O descanso, o momento de não-cobrança pelo tempo cria em mim as ideias inovadoras e eficientes que realmente uso no meu trabalho rotineiro. Todas as minhas reportagens indicadas a prêmios de jornalismo, por exemplo, foram feitas num sábado à noite, longe do trabalho, no recesso do lar. Sintomático, não?” (Mario, jornalista, 49 anos)

Grande parte das criações de Mario, que encarou as redações de rádio por um longo período, ocorreu, segundo ele, espontaneamente em um feriado, nos dias de folga e horas antes da exibição de seu programa. Ele aproveita essas ideias para serem desenvolvidas posteriormente.

“Como trabalho com análise e inspiração, elas são mandatórias sob o tempo em que as notícias, as coisas acontecem – ou a que tive acesso a elas (feriado, dia normal de trabalho, noite, uma conversa com alguém), e sob o momento em que a minha criatividade lida com tudo e pensa num formato para ser exibido, uma abordagem.” (Mario, jornalista, 49 anos)

Em seu apelo ao ócio criativo, Domenico de Masi aponta que as empresas censuram, mas deveriam motivar seus funcionários a serem criativos, pois, na visão do sociólogo, somente eles, terão um espaço maior de trabalho na sociedade pós-moderna.

Por duzentos anos a empresa manufatureira aperfeiçoou a sádica arte do controle sobre tudo e todos: hora de entrada e de saída, despesas, ritmos e biorritmos. Hoje se tenta fazer a mesma coisa com as pessoas que exercem trabalhos criativos, que, ao contrário, requerem motivação. (De Masi, 2000, p. 149)

Em sua rotina um tanto mais variada, Hilda sai da sua residência para fazer consultoria, no período de três a quatro horas por dia em um órgão público na cidade de São Paulo. Por isso, quando está mais inspirada, ou criativa, começa a trabalhar nos livros pela manhã e presta a

consultoria na parte da tarde. Outras vezes pode ocorrer o contrário, conforme o andamento das tarefas. Sua dinâmica mede o tempo-relógio de forma mais espaçada, no sentido de fazer escolhas relativas ao seu tempo natural (criatividade, disposição), ou ainda buscar o lugar (espaço) onde consiga desenvolver melhor suas atividades.

Sobre a influência que o local de trabalho pode produzir na rotina, percebemos, por exemplo, que Fernando e Rubem atuam dentro das empresas, em lugares específicos, conhecidos como “redações”. Diferentes de outras organizações, tais lugares mantêm essencialmente um grupo de jornalistas em ritmo próprio, orquestrados pelas notícias. Com efeito, dado às mudanças pelas quais o jornalismo atravessa, é possível dizer que tais locais se assemelham até a um hospital. A atuação e o ritmo são cadenciados nas urgências impostas pela informação, o acaso dos fatos e a marcha acelerada das notícias que entram e saem.

Alguns autores mencionam que as redações são lugares diferenciados, que funcionam como aceleradores da percepção do tempo pelas pessoas.

Essas empresas têm uma rotina bastante específica, ou seja, não se assemelham a outras instituições comerciais como um banco ou uma fábrica. Os horários são muito próprios e o ritmo de trabalho, muito mais acelerado. Embora alguns jornalistas salientem, que os demais setores de um jornal não têm a mesma agitação da redação, quem trabalha nestes departamentos afirma que a movimentação e tensão presentes na redação contaminam toda a empresa. (Travancas, 1992, p. 101).

Como é possível perceber, as redações são lugares de atividades velozes e contagiantes, pela própria natureza do segmento, ligado à atualidade. Nas redações, um comportamento um tanto mais contemplativo e lento pode até ser considerado suspeito. Muitas dessas rotinas são pautadas essencialmente pela velocidade e pode-se dizer que estes lugares funcionam também na transformação da percepção do tempo, acelerando-o para todas as equipes.

Para Cora, de 51 anos, que é professora, palestrante, consultora, publicitária e colaboradora de diversas revistas, as rotinas não são tão rígidas, mas existem certos rituais para escrever, como as teclas do seu computador fixo, em casa, e a sua peculiar caneca de café em certos horários.

“Tenho rotina, mas é totalmente flexível, isso depende do meu grau de angústia. Posso ficar o dia todo em um café, chegar em casa e trabalhar até três horas da manhã. Posso escrever um artigo de cinco páginas em 30 minutos e perder quatro horas em um único parágrafo. Isso já aconteceu comigo”. (Cora, publicitária, 51 anos)

Diante da maneira de como os profissionais se organizam, visualizamos na pesquisa algumas tendências. Os jornalistas que precisam apresentar produtos diariamente revelaram uma grande concentração e rigor na cadência das tarefas da empresa, mas, ao mesmo tempo, são

aqueles que se desligam totalmente do trabalho ao sair. Também foram eles que expressaram maior preocupação com a saúde, como veremos no tópico adiante.

Já os trabalhadores que desenvolvem projetos mais longos também se queixaram da escassez de tempo e apontam o curto o prazo oferecido para suas tarefas. Hilda, por exemplo, menciona que lhe deram apenas três meses para a confecção de um livro, enquanto o prazo ideal, segundo ela, seria de ao menos seis meses. Portanto o volume de trabalho pode parecer o mesmo tanto para o curto como longo prazo, sendo, muitas vezes as dinâmicas e temporalidades dos projetos o diferencial, de acordo com o planejamento e velocidade de cada um.

4.2 Percepção da aceleração

A percepção de um tempo acelerado foi relatada por 11 entrevistados (91,67%). O termo aceleração esteve descrito pelos profissionais como o aumento e adensamento dos “episódios de ação por unidade de tempo, assim como a sobreposição e execução de várias atividades ao mesmo tempo” (Rosa, 2019, p. 156). Além disso, a questão de correr mais para cumprir as tarefas, ou a busca de “atalhos” para lidar com a compressão de acontecimentos no tempo-relógio, se apresentou relacionada a alguns temas, como tecnologias e experiência.

Cora foi a única que relatou a sensação em ter mais tempo atualmente do que antes, por conta de estar vivendo um novo momento em sua vida. Ela atribui a otimização do tempo a três fatores: os filhos tornaram-se adultos e vivem fora do país, dispensando maiores cuidados; às tecnologias que ela domina encurtaram processos de trabalho e também à experiência que adquiriu e que lhe permite criar “métodos” para resolver as coisas com mais rapidez.

A profissional revela também que sempre foi uma pessoa multitarefa, desde sempre e agora se adaptou melhor às situações.

“Geralmente hoje, como estou dedicada à vida acadêmica, fico sabendo dos projetos muito antes e os prazos de entrega dos textos são muito longos. Sempre fiz dez coisas ao mesmo tempo. Por exemplo, meus filhos se desconectam, mas eu não. Estou conectada o tempo todo. Sou um mal exemplo”. (Cora, publicitária, 51 anos)

A percepção de Cora esbarra também em uma linha tênue de definição. Segundo ela, seu tempo se mistura entre o lado profissional e a vida, uma vez que considera que faz apenas aquilo que gosta e, portanto, o trabalho torna-se lazer e vice-versa. Acrescenta-se ao contexto a opção pela vida acadêmica e aprofundamento do conhecimento, em oposição às agências de publicidade e comunicação em que trabalhou no passado.

Fernando descreve uma rotina alucinada em muitos momentos, nos quais a tomada de decisões é praticamente imediata. Segundo ele, em algumas ocasiões o tempo torna-se ainda mais corrido e a equipe se organiza para que cada minuto seja mais produtivo.

No estúdio, quando o telejornal é realizado ao vivo, Fernando menciona o tempo de poucos segundos para a tomada de decisão em casos de falha humana ou técnica.

“Não existe mais tempo para tomar uma decisão. Não existe! É a característica do programa. Se fosse gravado íamos parar, resolver, editar. Mas ao vivo não tem jeito. O tempo influencia, mas não tem como não ser rápido e a gente aprende a lidar com isso.” (Fernando, jornalista, 47 anos)

A natureza de um programa feito ao vivo relaciona-se diretamente com a velocidade, portanto “a velocidade é a própria informação” (Virilio, 1996, p. 122). A aceleração descrita pelos entrevistados e a compressão do tempo nos veículos noticiosos tem sempre o mesmo objetivo: chegar primeiro na notícia. Para cumprir esta meta a temporalidade do profissional é ressignificada de urgente para imediata.

“Vocês aproveitem para pensar agora enquanto estão na universidade, porque, quando forem trabalhar em jornal, não vão ter mais tempo para isso”. A frase recorrente no meio profissional, disparada para estudantes de jornalismo é mencionada por Moretzsohn (2002). Em seguida a autora a questiona, colocando-se no lugar dos estudantes: “mas de que adianta ‘pensar’ na universidade, se, de todo o modo não haverá tempo para isso quando se estiver exercendo a profissão”. (p. 164).

Para Adélia, 60 anos, jornalista, articulista e professora universitária, que finaliza o doutorado, até a missa ficou mais curta na velocidade dos dias. Ela também afirma que casamentos e celebrações acabaram encolhendo.

“Acho que é porque o tempo muda e a percepção e a concentração que você tem também. Em sala de aula nunca foi tão diferente. Uma pessoa que fale uma hora seguida... é muito difícil hoje”. (Adélia, jornalista, 60 anos)

Rubem descreve que atualmente sente os seus dias muito mais acelerados.

“Algumas solicitações de trabalho podem ser respondidas em minutos e até horas. As mais rápidas são instantâneas às vezes levam menos de dois minutos.” (Rubem, jornalista, 48 anos)

De acordo com ele, o modelo de trabalho de hoje modificou-se totalmente, no sentido de comprimir o máximo de tempo possível. O antigo cronograma de apuração, escrita e impressão, deu lugar para uma versão digital em tempo real.

“Você tem um processo muito mais imediato porque a internet exige sempre a resposta em tempo real e a informação em tempo real. Então, por exemplo, eu lido com uma informação e eu já tenho que colocá-la no ar. Por isso a pressão do tempo hoje é muito maior.” (Rubem, jornalista, 48 anos)

Deuze & Witschge (2016, p. 18) mencionam uma vertente de alterações nos cronogramas de trabalho jornalísticos, com a sublimação de etapas, no caminho de um novo modelo de trabalho instável, que migra para o individualismo e uma sociedade pré-industrial. Neste formato, não importam o passado (e a experiência), mas a adaptação às mudanças. Por outro lado, Sennett (2006, p. 118) nos lembra que “quaisquer que sejam as aptidões inatas de uma pessoa, a capacitação só se desenvolve por etapas, irregularmente — na música, por exemplo, até uma criança prodígio só poderá tornar-se um artista maduro errando ocasionalmente e aprendendo com os erros”. Porém, se não há nem tempo para pensar, que dirá aprender com erros.

Mario menciona que o tempo é o mesmo, mas reconhece uma sensação de aceleração muito grande, que vem, sobretudo, segundo ele, de “um imediatismo patológico que tomou nossas vidas”.

“O relógio só diz quando começa o programa. Minha consciência e compromisso são quem me cobram e me influenciam, mas nada atemorizador. O preparo antecipado, anos de experiência e a crença em eficiência e responsabilidade social com o público me dão suporte.” (Mario, jornalista, 49 anos)

Para João, jornalista de 51 anos que atua em um setor documental de uma empresa, a sobrecarga de tarefas e os prazos cada vez menores de entrega, fazem com que estejamos sempre correndo e ocupados.

“Somos obrigados a fazer várias coisas ao mesmo tempo e com rapidez. Temos de cumprir prazos e horários, e todas estas multitarefas consomem cada vez mais horas de trabalho. Em contrapartida temos reduzidos os nossos momentos de reflexão, de tranquilidade, nos colocando sempre em estado de alerta e aceleração, ou seja, quanto menos tempo nos sobra maior é a sensação de que este mesmo tempo está passando mais rápido.” (João, jornalista, 51 anos)

João possuía dois empregos, o atual no setor documental e outro, em um jornal semanal, cuja entrega é realizada gratuitamente nas ruas. Porém, uma greve de motoristas de caminhão fez com que as bobinas de papel não chegassem até o periódico. Sem aquela edição, o jornal perdeu vários contratos de publicidade, ficou com o orçamento desequilibrado e ele acabou sendo demitido.

O fato ilustra uma característica do setor e também da atual sociedade: a instabilidade. Soma-se ao quadro o fato da concentração dos grupos de imprensa estar em poucas mãos, em

vários países. Correia (2006, p. 39) nos diz que diminuem as possibilidades de emprego e a mobilidade dos jornalistas, na medida em que a sua incompatibilização com um padrão fecha as portas para uma série de outras possibilidades nos grupos.

Como podemos intuir, pequenos detalhes se transformam em forças contrárias à profissão que apresenta muito mais deveres do que direitos. Seguindo na percepção do tempo, para Hilda, atualmente temos muito mais coisas para fazer. Ela afirma que tudo tem que ser mais rápido e que as pessoas exigem isso de você.

“Outro dia eu vi uma frase, acho que era um lema de uma empresa, que dizia: ‘Velocidade é melhor do que a perfeição’. Eu acho meio complicado isso, as pessoas esperam o fazer bem feito. Fazer certo, mas tem que ser sempre rápido. E eu já não sou muito adepta disso. Claro, tem que fazer rápido, seguir mais ou menos um cronograma e tal, mas essa coisa assim tão rápida, fica meio estandarte, fica meio alienada, eu não gosto, acho que vamos caminhando tipo robózinhas, alienados.” (Hilda, 51 anos, jornalista)

A jornalista, professora e consultora Clarice, de 46 anos, que coordena um dos centros de pesquisas em uma das principais faculdades de comunicação de São Paulo (SP), afirma que tem a certeza de sentir o tempo correr muito mais rápido. Para ilustrar, a profissional relembra quando trabalhou em um jornal, na editoria de esportes e depois em economia, no tempo em que a redação era bem diferente.

“A gente fazia jornal de um dia para o outro! Não tinha o digital. Os primeiros jornais digitais iam com a matéria que a gente tinha escrito para o jornal impresso. Depois é que começou a ser com a atualização constante e com isso a vida na redação mudou muito. A gente não produzia mais de um dia para o outro, a gente produzia de uma hora para outra. Então isso já mudou radicalmente a experiência de tempo na redação.” (Clarice, jornalista, 46 anos)

Paulo, de 39 anos, publicitário com 15 anos de experiência, sócio de uma agência, menciona que o mercado mudou bastante e hoje sente o tempo mais corrido e desorganizado por parte dos seus clientes. Segundo ele a culpa é do próprio cenário veloz da comunicação.

“Há 15 anos eu escolhia entre TV, rádio ou revista. Eram praticamente três canais. Hoje eu tenho TV, rádio, revista, digital, ponto de ônibus, mobile, de saída eu já conto com uns 15 canais. Antes eu tinha que entender o comportamento do consumidor em três mídias. Hoje eu tenho que saber nas revistas, site, redes sociais e-mail marketing, e em cada um deles o comportamento varia.” (Paulo, publicitário, 39 anos)

Este aumento de alternativas também pode ser descrito para a imprensa, nos diversos formatos de comunicação feitos para agências, órgãos públicos, assessorias de imprensa, redes sociais. Alguns autores mencionam que cada vez mais o jornalista está se individualizando, tornando-se empreendedor de seu próprio negócio.

Para Deuze & Witschge (2016, p. 8), “se considerarmos a compreensão de Bauman sobre a modernidade, é importante notar que o jornalismo não somente ocorre nela, mas também ajuda a constituir essa ‘sociedade líquido-moderna’, onde incerteza, fluxo, mudança, conflito e revolução são condições permanentes da vida cotidiana”.

A partir desse olhar, o trabalho jornalístico ao mesmo tempo contribui e sofre as influências da vida líquida. “A natureza atípica do trabalho jornalístico alimenta diretamente a experiência vivida da modernidade líquida em termos de sua condição estrutural de temporalidade” (Deuze & Witschge, 2016, p. 8).

4.3 Modos de lidar com o tempo e a aceleração

Ainda que admitam uma constante percepção acelerada de tempo, 100% dos entrevistados possuem estratégias, no sentido de controlar as suas temporalidades. Neste ponto lembramos que somente uma entrevistada (Cora) disse não sentir aceleração neste momento de sua vida. Porém, ela justifica que não sente o tempo acelerar porque sempre adotou táticas para aperfeiçoar o seu tempo. Portanto podemos dizer que ela possui estratégias de controle de tempo, ainda que ela não formalize um conceito de compressão. Dessa forma, mesmo dizendo que hoje possui mais tempo que antes, é possível visualizar que anteriormente ela já adotava mecanismos de otimização e vivenciou situações que lhe possibilitaram a abreviação das tarefas (como o uso de tecnologias, maior experiência ou uma nova vida após o crescimento dos filhos).

No restante do grupo, todos mantêm estratégias para lidar com o tempo, ainda que definam os dias como acelerados. Dessa forma pode-se dizer que os demais tentam “abrandar” a corrida contra o tempo. A partir desse quadro indagamos sobre a reação de cada um diante das suas temporalidades.

Fernando contou que agora assimila a velocidade como uma coisa normal em seu trabalho e que a experiência desenvolvida nas atividades o ajudou a ter um olhar diferente. A estratégia que ele utiliza está relacionada com a adaptação e as escolhas que cada indivíduo vivencia junto ao tempo. Para ele, a pressão é igual para todos, mas o resultado depende da dinâmica e o dimensionamento de tempo que cada pessoa se impõe.

“Eu sinto que as pessoas lidam com o tempo não como se ele fosse o senhor, mas como se ele nos servisse. As pessoas mantêm uma relação de consumo com o tempo, como se ele fosse um produto. Aí está o engano. Elas não precisam de mais tempo, elas querem mais coisas! Elas se enganam porque acham que é o tempo que vai lhe proporcionar mais coisas. A pessoa quer malhar, trabalhar, lidar com os filhos, ir ao cinema, fazer MBA, mas cada coisa ao seu tempo, temos que fazer escolhas. A

contrapartida do tempo são as escolhas... é o que eu faço para lidar com ele.”
(Fernando, jornalista, 47 anos)

A estratégia de Fernando sob a dimensão das escolhas sinaliza de certo modo uma adequação ao trabalho e suas atividades, que por vezes o fazem fugir da sociedade de consumo. Ao mesmo tempo, em seu trabalho, o profissional faz parte de um sistema televisivo, que retrata e apregoa um contexto de velocidade e consumo. Cria-se então um conflito, como relata Fernando, pois a promessa de acelerar mais para ter mais tempo é preenchida por mais atividades (ou mais coisas, ou consumo, como ele diz), que nos tomam mais tempo ainda.

A aceleração social nos dá a ilusão de podermos multiplicar as experiências que cabem numa vida. Somos embalados pela promessa de viver várias vidas em uma só, numa espécie de compensação à pressa e à urgência. Eis o novo milagre contemporâneo: a multiplicação das performances, que orientam a vida social. (Caldas, 2014, p. 90).

Fernando comenta que a adaptação ao tempo, no sentido de não ceder às ofertas do mundo moderno e querer fazer (ou consumir) de tudo é a sua chave para conter a aceleração. No trabalho, a experiência lhe trouxe confiança para imprimir seu próprio ritmo e sua metodologia.

“Quem manda é o tempo. Aprenda a se adaptar, como a canção do Caetano Veloso, Oração ao Tempo: ‘Quando eu tiver saído para fora do seu círculo, não serei, nem terá sido’. Quando eu era mais jovem eu era mais suscetível a pressão das pessoas, dos superiores, do fechamento das notícias. Depois eu comecei a ver e aprendi com um antigo chefe que me disse: tem três jeitos de você fazer as coisas: o jeito certo, o jeito errado e o seu jeito. Aquilo foi um divisor de águas e comecei a fazer tudo do meu jeito.” (Fernando, jornalista, 47 anos)

Para Cecília, de 28 anos, escritora, professora e redatora, que agora se prepara para prestar um concurso público, o tempo realmente está acelerado. Uma de suas estratégias para o rendimento do seu tempo nos estudos é associar-se a uma tecnologia voltada para esta finalidade.

“Recentemente, tenho utilizado uma ferramenta chamada Trilha Estratégica, na qual os professores instruem as disciplinas e os respectivos conteúdos mais importantes, a fim de não perder muito tempo ou conseguir vencer o edital inteiro. Mesmo assim, parece cada vez mais tenho menos tempo para cumprir tudo”. (Cecília, escritora, 28 anos)

Manuel, de 55 anos, que é escritor há 25 anos e auditor fiscal, entre outras atividades, aponta que a sensação da vida acelerada está diretamente ligada ao estado de espírito vivenciado naquele momento. Em sua carreira o profissional foi simplificando as suas rotinas até chegar ao esquema de hoje que se divide em café da manhã, trabalho, almoço, trabalho, jantar, ócio e o desejo por bons sonhos.

“Abandonei o relógio de pulso há mais de 10 anos! Um pequeno passo para um homem...” (Manuel, escritor, 55 anos)

Em seu pensamento, Hall (1996), pontua que as grandes tensões da modernidade são causadas pela separação entre os nossos ritmos interiores e nossos relógios. “Elaboramos hoje em dia um sistema de horários complexos e de hábitos e previsões a que procuramos conformar-nos quando, na realidade, é o inverso que se deveria verificar.” (p. 148).

Adélia adota uma estratégia mais focada em seu rendimento natural para revezar as suas atividades. No caso dos artigos ela começa a produzi-los em casa, de forma natural, sem olhar para o relógio, tanto no início como no fim. Geralmente enquanto escreve, a marcação do tempo é determinada por instintos naturais, como a fome, por exemplo, que denuncia a hora de almoçar. Já no caso das aulas, o relógio se torna um instrumento imprescindível.

“Eu me pauto muito pelo tempo quando dou aula. Porque você começa a falar e às vezes o tempo da aula não é suficiente para completar o conteúdo que você quer. Monitorar a aula pelo relógio pra mim é muito importante. Eu já sei que não posso falar mais do que 40 minutos porque senão os alunos dormem. Dorme mesmo! Então uso 20 minutos para expor o conteúdo e eu já lanço uma pergunta para ver se a classe sabe, se pode participar e se está inteirada com o assunto.” (Adélia, jornalista, 60 anos)

Além do tempo das suas atividades, Adélia também adota uma regra relacionada com a sua idade. Para ela, o processo de envelhecer trouxe também um novo modo de ver o tempo, algo que não era percebido há poucos anos atrás.

“Pode parecer autoajuda ou bobagem, mas quando você tem 60 anos isso faz efeito. Então antes eu dizia, deixa pra depois, amanhã a gente vai... e não fazia as coisas que eu queria. Hoje faço tudo o que posso fazer, no momento que eu puder. Não deixo nada para depois. Acho que a idade faz você não perder mais oportunidades.” (Adélia, jornalista, 60 anos)

Para Rubem, o acúmulo da experiência é uma ferramenta que cultivou ao longo dos anos e atualmente serve para lidar com a aceleração constante. Dessa forma contam muito os 25 anos de profissão, em que correu atrás de notícias e hoje lhe dão um suporte para enfrentar a velocidade. É importante ressaltar no contexto da entrevista o amor que Rubem anuncia pela profissão. Tanto que mesmo os fatos que considera como más notícias (pressão, aceleração) são colocados por ele em formato de constatações e desafios, e não como reclamações. Mesmo para ele, que já convivia bem com a pressão no trabalho, o que era rápido se tornou imediato, como uma tendência que analisa ser válida para toda a sociedade.

“Hoje não me permito mais acelerar tanto. Já incorporei isso, desde sempre. A pressão sempre existiu. Só que era diferente e fica mais e mais intolerável. Isso não é só na comunicação. É na sociedade como um todo. As pessoas não tem mais paciência para esperar uma cerveja hoje em um restaurante, ninguém mais tem paciência para nada.” (Rubem, jornalista, 48 anos)

O combate à crescente aceleração nas tarefas também passa pela experiência e a reflexão na visão de *Mario*. Para ele, a dinâmica do sociólogo italiano Domenico de Masi, do ócio criativo é imperativa em seus projetos. Outra estratégia anunciada é seu posicionamento contrário para as urgentes respostas exigidas por um tempo acelerado.

“Eu creio ser um erro de análise nosso ceder ao fato de ter que se posicionar automaticamente em relação a tudo. Uma capitulação ao novo que será velho amanhã, uma exposição desnecessária da sua nudez, não porque vê beleza e atitude na nudez exposta, mas porque não se deu tempo de colocar a roupa ou escolher a nudez como opção real, consciente. Tenho me colocado contra isso, remado contra uma maré que acha que quantidade e velocidade de exposição são qualidade. Não são.” (Mario, jornalista, 49 anos)

Como exemplo do movimento de “remar contra a maré”, Mario menciona que não aceita participar de grupos de *WhatsApp*. Para ele é deletério o princípio, meio e principalmente o fim.

“Conversas são dirigidas a pessoas específicas. Um grupo não representa isso automaticamente. Além do que conversas marginais lhe tomam muito tempo.” (Mario, jornalista, 49 anos)

A ideia do caminho oposto e do contra-movimento também é descrita em Rosa (2019), Trivinho (in Tonetti, 2015) e alguns outros autores.

Cada polo é definido por um conjunto de valores, formando duas éticas: a primeira é geralmente identificada com o próprio funcionamento do capitalismo e com a lógica do mercado; a segunda, com os movimentos de resistência a essa lógica ou de reforma à sociedade de consumo. (Caldas, 2014, p. 11).

Para João, por conta da alta carga de trabalho, na maioria das vezes é necessário sacrificar o lazer em troca de mais horas de descanso. Dessa forma, as ocupações profissionais acabam absorvendo a maior parte do tempo da vida das pessoas. Como artifício, o profissional confirma que impõe barreiras para o contato, após certos horários em que teoricamente deveria estar fora do trabalho, ainda que virtualmente.

“A partir de determinado horário, adoto o procedimento de desconectar todos os equipamentos, voltando a acessá-los apenas no dia seguinte, garantindo assim tranquilidade por algumas horas.” (João, jornalista, 51 anos)

Nas horas em que se recusa ceder às convenções abstratas do trabalho, quando se desconecta, João faz uso do tempo como legitimação, usando-o como um muro. Um limite de separação entre o relacionamento social (do trabalho) e o natural (que pede descanso). Araújo & Duque (2012), mostram que a análise dos fenômenos temporais e das mudanças nas temporalidades resgata “debates sobre formas de legitimação, justificação política e estende-se desde as esferas mais imediatas da vida quotidiana (expressas pelo tempo de trabalho e pelo de

lazer) e o questionamento da relação entre o mundo natural e o mundo social” (p. 8).

Uma metodologia mais intuitiva é utilizada por Hilda, na sistemática de reagir diante da percepção de um tempo acelerado. Um modelo flexível, que lhe permite adaptação quando considerar necessário.

“Por exemplo, se o assunto do livro que produzo exige fotos, eu poderia viajar até outro país para verificar isso. Mas, se a visita não vai ser tão importante e temos fotos boas aqui mesmo, então resolvo assim. Fecha esse tempo no assunto. Coisas que eu posso adiar, até mesmo na minha vida pessoal, eu jogo para fazer depois do livro. Até meus projetos. Porque não posso ficar colocando outras coisas nas caixinhas de anotação, senão esgoto o tempo. Mesmo assim eu procuro criar a agenda de uma forma que reserve alguns espaços extras. Pequenos espaços para incluir emergências também.” (Hilda, jornalista, 51 anos)

Mesmo diante de seus controles diários, Hilda conta que é comum ter que trabalhar aos finais de semana para cumprir o cronograma. Ainda que tenha planejado tudo com cuidado, certas atividades previstas acabam prolongando-se mais que o esperado e, no fim, acabam por consumir mais tempo. Em suas anotações, as suas caixinhas de tempo somadas correspondem ao tempo total permitido para a entrega do projeto. Na confecção dos livros ela adota uma metodologia inicial que lhe consome muito tempo, mas que, segundo ela lhe indica melhor o caminho. Neste processo, a ideia é tentar prever, de antemão, como ficará cada página da publicação.

“Quando eu faço um livro eu crio um espelho, faço a previsão de página por página, imaginando o que vai entrar e mando para a editora para aprovar. Depois sigo o projeto. Aí eu já sei quantas páginas vou usar para cada capítulo, quantas fotos vão entrar, quanto vou precisar escrever. Assim evita retrabalho, já faço no tamanho certo e tento evitar problemas.” (Hilda, jornalista, 51 anos)

Clarice menciona que no passado perdeu o convívio com pessoas que talvez fossem importantes para a sua vida, mas que naquele momento não cabiam em sua agenda complicada.

“A gente normalmente não faz esse exercício... a gente vai distraidamente, sem fazer escolhas. De repente passou um ano e a gente não viu alguém que era importante. Mas isso mudou totalmente a minha relação com o tempo.” (Clarice, jornalista, 46 anos)

Hoje ela lida com os prazos e os tempos de forma diferente, no sentido de organizar melhor a sua agenda e, sobretudo seus compromissos profissionais. Ela assume que, durante a semana, tem que fazer cada vez mais coisas, mas gasta muita energia para organizar o tempo. Clarice diz que se preocupa com aquilo que irá priorizar em seu dia e ao fazer a escolha, evita a sensação de se sentir refém do tempo. Ela declara que não leva uma vida lenta, mas sabe muito bem as escolhas que faz com o tempo, como por exemplo, ignorar o telefone celular, durante um dia, para realizar tarefas que considera mais imersivas.

“O que as pessoas fazem normalmente é deixar e-mails, *WhatsApp* aberto e ficam o dia inteiro respondendo essas mensagens, com produtividade zero. Então é de fato um descontrole da sua própria escolha de tempo. Para essas pessoas talvez a pressão das horas grite mais. A gente chama de consciência temporal esse exercício que você faz para tentar entender para quem você dedica essas horas e para o que você gostaria de dedicar. E então fica mais fácil promover mudanças reais na sua organização de tempo no seu dia.” (Clarice, jornalista, 46 anos)

Para Paulo, quanto mais experiência melhor. Ele lembra que no começo de sua carreira demorava muito mais nas tarefas e hoje usa esse tempo da experiência a seu favor.

“Você prioriza as coisas certas. Essa é a diferença. Hoje eu sei mais ou menos o que eu tenho que fazer e vou direto ao que é preciso, no mais importante. Acho que hoje eu entendo melhor a minha relação com o tempo e eu consigo priorizar a coisa certa.” (Paulo, publicitário, 39 anos)

4.4 Relevância e lugar das tecnologias

As tecnologias, aqui descritas como computadores, celulares, internet e redes sociais, são consideradas aparatos importantes e utilizados por todos os entrevistados. Porém, diante da pergunta que lhes foi realizada (as tecnologias aceleram ou não seu trabalho?) três (25%, Carlos, Rubem e Clarice) dizem que não mudou muito ou nada, ou só trazem mais trabalho ao profissional.

Os outros nove (75%) ressaltam que existem dois lados: o lado otimista e o lado distópico das tecnologias. Isto é, tudo depende do uso que é feito delas.

Notadamente tarefas como a pesquisa, a troca de informação, o contato com as fontes se tornaram muito mais velozes, assim como também a transmissão das notícias. Por outro lado muitos profissionais tiveram suas tarefas dimensionadas (editadas) no formato das máquinas. Na comunicação digital, a aniquilação do espaço (Harvey, 2008), a partir de solicitações e diálogos virtuais, mostrou-se ambivalente. De um lado facilita e acelera processos de trabalho e de outro faz com os profissionais trabalhem mais, pois, a “etiqueta” da sociedade da velocidade impõe respostas imediatas e a qualquer hora. A natureza dos aparelhos e redes é sempre imediata.

Fernando reconhece que enquanto equipamento técnico, necessário para transmissões ao vivo na televisão, as tecnologias são imprescindíveis. Mesmo assim, esclarece que não se sente escravo das redes e conexões. Na visão dele, tudo vai depender da relação de uso do profissional.

“Eu acho que a tecnologia melhora, mas isso vai depender muito da relação que o profissional tem com o tempo. As pessoas estão mais impacientes. O público quer a notícia cada vez mais rápida. Hoje tem pauteiro, repórter, editor, mas por causa da tecnologia todos acabam fazendo um pouco mais. Todos são multitarefas. Hoje um repórter consegue gravar, editar e entrar no ar com um celular. Trabalhamos em

etapas que ficaram mais rápidas porque a tecnologia facilitou.” (Fernando, jornalista, 47 anos)

Como vantagens, Fernando cita o ganho de tempo, comparando o processo da construção de reportagens para serem transmitidas no passado e atualmente.

“Antes tinha uma fita, o tempo de deslocamento de um motoqueiro (espaço), aí assistiam no VT, editavam, cortavam. Hoje um vídeo do *WhatsApp* é editado em minutos. Não dá pra comparar o tempo com a qualidade. Você pode ter mais qualidade por causa dos equipamentos. Antes um helicóptero para imagens aéreas custava seis mil reais a hora, fora equipamentos e profissionais. Levaria no mínimo duas horas para chegar ao local das imagens. Hoje podem ir de bicicleta, aí ligam um drone e o assunto é resolvido em 5 minutos.” (Fernando, jornalista, 47 anos)

Para Carlos, as ferramentas tecnológicas são secundárias e a liberdade de escolha das técnicas para ilustrar deve sempre prevalecer. Ele revela que atualmente explora muitas possibilidades, como desenhar no papel e depois finalizar no computador ou vice-versa.

“Acho que não mudou tanto para ilustrar, mesmo com a tecnologia. Existem ferramentas, mas elas são secundárias. O que conta mesmo é a criatividade e as habilidades pessoais, suas preferências. Antigamente era mais comum, lápis, papel, tinta, tinta-óleo. Quem está começando tem dúvida se desenha no digital (*Photoshop*) ou papel. O importante é você entregar um bom trabalho. Existe muita liberdade para escolher como cada um quer trabalhar.” (Carlos, ilustrador, 28 anos)

Além dos usos relacionados à imagem ou comunicação, Cecília cita os benefícios que encontrou no uso das tecnologias para os estudos.

“Nunca gostei de fazer calendários planejados em computador, nuvem ou algo assim, sempre preferi fazer calendários a mão, desde a época da faculdade. Entretanto, no estudo para concurso a tecnologia ajuda bastante, pois os aplicativos de *smartphones*, bem como de computador, parecem organizar melhor o tempo. Sites específicos de questões para treino também são aliados. Além disso, acabo utilizando redes sociais para seguir professores, conseguir dicas de concursos, responder questões rápidas, entre outros. Ou seja, tenho um relacionamento forte com tais instrumentos, dos quais utilizo para o planejamento semanal.” (Cecília, escritora, 28 anos)

Em seu caráter de comunicação, as tecnologias são vistas por alguns autores como símbolos intersemióticos, dado a sua capacidade de reunir formas de comunicação, como números, letras, sons e imagens, que acabam se convergindo.

Fundiram-se assim, em um único aparelho complexo, o computador, todas as formas anteriores de comunicação humana: o código verbal (imprensa, revistas, livros), o áudio-visual (televisão, vídeo, cinema), as telecomunicações (telefone, satélites, cabo) e a informática (hard e software). É esse processo que passou a ser chamado de “convergência das mídias” (Santaella, 2013).

Manuel acredita que muitas vezes as tecnologias diminuíram o tempo na execução das tarefas, porém, trouxeram consequências que, inicialmente, não estavam programadas: mais

tarefas (e controles), com mais tempo de dedicação. Para ele, a relação com esses instrumentos é comparável a saga de Édipo: Decifra-me ou devoro-te!

“Em resumo, a tecnologia (e seus instrumentos) pode ser comparada ao “eu interior”. Tu verdadeiro eu. Sou teu subconsciente e inconsciente, teus sonhos e devaneios, tuas dúvidas e perplexidades, tuas crenças e valores, teus defeitos e qualidades, amores e ódios, desejos e aversões, fragilidades e fortalezas (que o diga as mídias sociais!). Se não me decifrares não crescerei em consciência, não evoluirei como ser porque o autoconhecimento é o primeiro passo e eu te devorarei ao transformar-te de ser humano livre e autônomo em mero brinquedo das Parcas, mera folha ao vento do destino, no tempo sem tempo, no contratempo.” (Manuel, escritor, 55 anos)

Na opinião de Adélia, as tecnologias muito claramente duplicaram a carga de trabalho do professor e de uma forma considerada retumbante. Ela explica que se relaciona muito bem com os equipamentos, mas reforça que eles possuem características do tempo atual, que impõem uma resolução muito rápida. Adélia também descreve que na universidade onde leciona existe até um procedimento que coloca um tempo padrão para as respostas digitais, que devem ser respeitadas sob pena de advertências. Quando coordenava um departamento ela lembra que o chefe lhe mandava e-mails às três horas da manhã, ou mesmo em finais de semana.

“Não tem como sair dessa situação. É o seu chefe que está pedindo. Você assinou um contrato dizendo que estaria disponível. Mais ainda: acho que a estrutura educacional conta com isso ela conta com essa pré-disposição que o professor tem, de não deixar a peteca cair, não por causa da escola, mas por causa do aluno. A relação que você cria com o aluno é tão intensa que você responde, também por não saber se o aluno faltou porque estava doente... É tempo real mesmo, tem que solucionar as coisas, responder muito rapidamente!” (Adélia, jornalista, 60 anos)

Para Rubem, o ser humano não é preparado para ter tantas informações em tempo real, como acontece hoje. Segundo ele, é uma infinidade de coisas e muitas descartáveis. Em sua visão, há algum tempo atrás, as pessoas consumiam menos informações, que eram bem mais consolidadas e os indivíduos eram muito mais felizes.

“As tecnologias nos fazem trabalhar muito mais. Talvez não trabalhar muito mais, mas o desgaste emocional é muito maior. Porque hoje você não desliga. Não é mais possível não ser identificado, não ser localizado. Se você não é localizado vira um crime. ‘Por que você deixou o celular desligado?’” (Rubem, jornalista, 48 anos)

Mario aponta as tecnologias como ferramentas muito positivas e diz ser inegável a acessibilidade que os *gadgets* eletrônicos nos trouxeram. Por outro lado confirma também que tem se imposto limites severos, no sentido de privilegiar o contato real sobre os meios virtuais.

“Sou um adepto deles todos, um entusiasta até. Mas eles me tomam mais tempo, dado o aspecto ‘fluido e intuitivo’ que te fazem permanecer mais tempo neles do que o necessário. Tenho imposto limites severos ao meu uso. A resposta para grandes perguntas que temos pode estar ao nosso lado, na observação da vida, numa conversa

atenta com a pessoa a seu lado. A tecnologia imita a vida, não o contrário. Daí, escolho a vida.” (Mario, jornalista, 49 anos)

A criação dos aparatos para ajudar a humanidade em suas tarefas trazia o objetivo de poupar tempo. A evolução técnica desses equipamentos, tratados como “extensões” por Hall (1996) se incorporou aos homens, mas sua utilização não configura ganhos de tempo. “A despeito de toda a tecnologia desenvolvida para nos auxiliar na economia de tempo, quanto mais rápidas são essas tecnologias, quanto mais tempo conseguimos economizar, de menos tempo parecemos dispor.” (Rosa *in* Tziminadis, 2017).

Cora informa que sempre adorou e utilizou muita tecnologia. Por outro lado, assim como Rubem, menciona pequenos descontroles sobre a questão de estar sempre disponível, de sempre ter que estar pronta para responder. Por isso também concorda que o uso dos meios digitais pode trazer uma sobrecarga emocional.

“Isso eu acho que tenho que manejar. Estou sempre on-line. Uso mais o celular. Em casa eu tenho um MAC grande, telona ótima para escrever. Nunca fui de usar notebook. Prefiro escrever na minha casa, Mas o celular resolveu muita coisa para mim. Nunca gostei de notebook, mas agora comprei um chromebook, que é mais leve, com bateria que dura. Isso é bom para viagens. Basicamente a mesma linguagem do celular. Para escrever, escrever mesmo, ainda prefiro o meu computador grandão, tenho meus ritmos. Me mimo muito, escrevo, paro. Tenho meu café, na minha xícara, no meu cantinho e meu home-office.” (Cora, publicitária, 51 anos)

Dois lados opostos da tecnologia também são mencionados por João. Na visão dele se, em um sentido geral, o digital facilitou a vida cotidiana, por outro serviu também para aumentar a carga horária de trabalho, tensão e estresse.

“Antigamente, finalizado o horário de trabalho, nem sempre era fácil entrar em contato com o funcionário. Hoje infelizmente, com as novas tecnologias, não é raro as pessoas receberem mensagens de trabalho dos seus chefes fora do horário de expediente. Isso gera estresse e ansiedade, comprometendo os momentos de descanso, lazer e convivência com a família, já que é preciso responder imediatamente. Para muitos, portanto, o horário de trabalho se estendeu às 24h do dia, já que a todo o momento são bombardeados com solicitações e exigências.” (João, jornalista, 51 anos)

Hilda sinaliza que a chave da questão está na forma em como as pessoas usam as tecnologias, mas reconhecem que se trata de um caminho sem volta, pois elas chegaram para ficar.

“Uma vez vi uma entrevista no programa Roda Viva (TV Cultura) e uma pessoa dizia que as crianças de hoje estavam mais problemáticas porque as mães em vez de cuidar delas tinham ido trabalhar. Mas aí uma feminista, que é ótima, (esqueci o nome dela agora) disse: ‘Desculpe, mas os tempos mudaram. Isso não vai mais voltar e a gente precisa aprender a lidar com isso que temos hoje, e não com o passado.’ O tempo gira e a modernidade vem e os problemas também vêm a gente precisa resolver isso, e nós sempre tivemos problemas. Portanto cada época tem seus problemas e a gente

precisa aprender a administrar e resolver as tecnologias.” (Hilda, jornalista, 51 anos)

Ao mesmo tempo, Hilda lembra que às vezes se vê mantendo um comportamento que reprova diante das tecnologias, como trocar uma conversa ao vivo com outras pessoas para ficar teclando no celular.

“Eu mesmo às vezes me vejo fazendo isso e falo, meu Deus, é horrível! As pessoas andam sem olhar para os outros, só para o celular... Às vezes saem para jantar e ficam no celular, não conversam, ou falam com o outro pelo celular, mas estão frente a frente. Acho que isso é um vício e acho que isso pode ser melhorado.” (Hilda, jornalista, 51 anos)

Clarice expõe o fato de não acreditar que as tecnologias sejam “tábulas rasas”. Para ela, o digital sempre vem acompanhado de uma intencionalidade e um software livre é diferente de um software de proprietários, por exemplo. Clarice sugere certo controle individual no uso dos meios digitais, promovido pelos próprios usuários. Ao mesmo tempo, reconhece que a humanidade já tem o valor formado da velocidade e do uso exagerado de tempo voltado para estas tecnologias.

“Um software para algo é diferente de outro, então existe uma intencionalidade nisso. Mas ainda assim, eu acho que a função social das tecnologias tem a ver com o uso. Então, por exemplo, o *WhatsApp*, acelera? Provavelmente todo o mundo vai dizer que sim. Uma das minhas oficinas tem a ver com ‘reconhecer os meus ladrões de tempo’ e lidar de forma diferente com ele. Todo mundo fala que o celular é ladrão de tempo. Mas eu, quando estou com meus filhos, o mundo pode acabar no *WhatsApp*, que eu não vou responder as mensagens quando ele apita. Mas é uma regulação que eu estabeleci com o meu celular. É individual. Como humanidade, será que a gente tem esse valor? Não! Nós não temos esse valor! O valor da humanidade é a crítica: ‘Nossa, ela já está a duas horas sem responder o *WhatsApp!*’” (Clarice, jornalista, 46 anos)

Paulo também identifica dois lados opostos sobre a utilização dos equipamentos digitais. De forma geral, ao idealizar uma campanha publicitária, ele atualmente demora mais para planejar e menos para executar. O motivo é que hoje existem muito mais opções de entrada (TV, jornal, revista, redes, mídias sociais, entre outros) para pesquisar e elaborar peças direcionadas. Por outro lado, colocar os produtos em ação tornou-se bem mais rápido, assim como os processos de medir os retornos dessas campanhas.

“Hoje tudo é muito mais rápido. No passado dependíamos da mídia *off-line*. Um outdoor na rua, por exemplo, demorava de 15 a 20 dias para conseguirmos o retorno. Hoje no on-line, um post, por exemplo, em cinco segundos você já tem comentários, para o bem ou para o mal e você precisa se posicionar. Então eu demoro mais para planejar, pela complexidade das mídias e canais e menos para executar e apurar resultados, em tempo real, com respostas confiáveis.” (Paulo, publicitário, 39 anos)

Para Paulo, a tecnologia, no caso do celular, o obriga a trabalhar mais. Ele conta que é difícil dizer que encerrou o expediente, mesmo depois de sair do escritório, sobretudo em algumas fases de campanha, quando seus próprios clientes estão trabalhando tarde da noite e precisam de respostas.

“Os clientes mandam mensagens e como todos respondem e queremos atender bem, também respondo. A questão é que em uma campanha, envolve muito dinheiro, decisões são tomadas então ficamos atentos. A gente tem dados de pesquisa sobre atendimento. Se você demora, por exemplo três ou quatro horas para responder no facebook, os consumidores acham isso um descaso e escrevem respostas que nossos clientes não vão gostar.” (Paulo, publicitário, 39 anos)

Alguns autores mencionam, ao examinar o capitalismo, certa dinâmica da obrigatoriedade objetiva e impessoal exercida sobre os indivíduos, que se reconstitui continuamente ao longo da história. Rosa (2019) menciona o termo da dinamização e do contínuo movimento para estabilização. Para Postone (2014), sobre a dialética do trabalho e do tempo, “os produtores não só são obrigados a produzir de acordo com uma norma temporal abstrata, mas devem fazê-lo de forma historicamente adequada: eles são obrigados a ‘se manterem atualizados’” (p. 347). Portanto é possível perceber que o mercado de trabalho, muitas vezes é regulado ou “atualizado”, por “normas temporais abstratas” como o trabalho além do horário, uma vez que todos passam a atuar dessa forma.

No âmbito da mensuração de resultados na publicidade, as tecnologias aceleraram como nunca as tarefas. Paulo lembra que no passado precisava de gente para assistir a TV, para anotar se o comercial havia passado e se estava tudo certo. Atualmente existem máquinas para isso, assim como programas que analisam comentários de consumidores.

“Hoje existe o programa *SocialBakers*, de inteligência artificial e não é preciso nenhum ser humano para isso, para colher resultados. Nesse ponto é bom. Demoro mais no início do trabalho, para planejar, mas para mensurar, conseguimos até *in real time*.” (Paulo, publicitário, 39 anos)

4.5 Qualidade e velocidade

Após verificar que a maioria dos entrevistados relatou uma sensação de aceleração nas suas tarefas profissionais, foi-lhes perguntado se achavam que a velocidade poderia comprometer a qualidade do trabalho. Perto de 58% (sete) confirmaram que sim, que são muito mais cobrados pela velocidade e que seu excesso pode atrapalhar a qualidade. Cerca de 25% (três) disseram que são mais cobrados pela qualidade e 17% (dois) admitiram que depende, mas que o ideal seria os

dois modos conviverem juntos, pois há momentos em que precisam correr muito, mas em outros nem outros nem tanto.

Fernando relata que a qualidade vem primeiro e em seguida a velocidade, mesmo quando estão construindo alguma história urgente, competindo com outras emissoras, canais da internet, telespectadores.

“No massacre em Suzano (SP), por exemplo, morreram, seis, depois veio outra informação, foram sete, porque morreu mais um no hospital. A gente foi atualizando e colocando no ar. Aí chegou um vídeo com os assassinos atirando. Foi preciso editá-lo, poupar as pessoas da violência, congelar, editar, frisar, cortar. Leva tempo. Se o meu compromisso fosse só a velocidade, eu colocaria no ar do jeito que chegou. Por isso eu nem prometo que vai entrar. Quando estiver pronto colocamos.” (Fernando, jornalista, 47 anos)

Carlos conta que a pressão e o curto prazo era algo muito limitante. O tempo da entrega era sempre relatado como primordial, como a primeira exigência, sendo a qualidade, a segunda.

“Sim, eu sentia a influência do tempo. Quando você tem que criar alguma coisa você executa processos, nosso departamento tinha etapas. Você tinha que checar o que precisa ser feito, fazer pesquisa, juntar o que conseguiu da pesquisa, juntar peças e finalmente criar o que precisava ser feito. Acredito que dependa do escopo daquilo que está sendo criado. Se for mais simples pode ser mais rápido. Existe também um lado pessoal que conta, porque tem dias que você está mais criativo, tem dias que as coisas não funcionam, somos humanos e temos variações de ânimo, humor, produtividade.” (Carlos, ilustrador, 28 anos)

Cecília acredita que a velocidade pode sim atrapalhar a qualidade, sobretudo nos dias atuais. Para ela, que também confessa ter visto trabalhos vagarosos sem qualidade, deve haver uma conjugação individual entre o bom prazo e o bom trabalho.

“Cada tarefa tem uma velocidade própria e isso pode variar de pessoa para pessoa, mas é preciso ter um equilíbrio para entregar algo com qualidade em um tempo necessário.” (Cecília, escritora, 28 anos)

No caso de Manuel, a exigência inicial em seu trabalho era pela qualidade. Assim que adquiriu esse atributo passou a ser cobrado pela velocidade, ambas incorporadas hoje, segundo ele, pela experiência e o saber. Exemplificando a questão, Manuel relembra a chegada do homem à lua, com as soluções que foram utilizadas e envolveram qualidade e velocidade na missão.

“Quando Neil Armstrong, Buzz Aldrin e Michael Collins partiram para a lua na Apollo 11, em 1969, uma das grandes questões a serem respondida pelos engenheiros era a de como os astronautas saberiam que direções seguir e como se posicionariam. Pensando nisso, se depararam com a seguinte questão: você voará pelo espaço, perderá a noção de embaixo ou em cima, como poderá se guiar? Foi então que concluíram: “Precisamos de um Computador”. Mas como a equipe de Neil Armstrong, chegou tão longe com um equipamento desses? Era o que tinha na época: menos potente do que uma calculadora atual. Essa “qualidade” foi (e ainda é) mais importante que a velocidade. Hoje, mesmo com velocidade, o resultado é o mesmo: a

Lua. Há resultados imutáveis, apesar da velocidade.” (Manuel, escritor, 55 anos)

Sobre resultados que não podem mudar, Rosa (2017) adverte que é uma estupidez achar que tudo vai acelerar. Segundo ele existem coisas que não podem ser aceleradas (o dia sempre terá 24 horas), outras que podem, mas não vão e outras que, se aceleradas podem ter a sua própria destruição, como as tradições culturais, por exemplo.

Para Adélia, de forma geral, cumprir prazos é mais importante do que ter muita qualidade. Segundo ela, um atraso é mal visto, sendo melhor uma entrega de algo que ainda está mais ou menos. Também menciona que hoje, pela pressa, as pessoas buscam caminhos curtos e evitam as reflexões e aprofundamento.

“Acho que sempre se procura um atalho, uma fórmula. Não se faz reflexão, não se tem um momento de interiorização. Especialmente quando você tem que escrever, pensar intelectualmente. Imagina, até mesmo em uma tarefa manual, se você fizer com pressa, muita pressa, não sai boa. A não ser que você tenha muita habilidade, caso contrário não tem como sair certo.” (Adélia, jornalista, 60 anos)

De acordo com Adélia, a tecnologia e o controle do tempo influenciou também a didática da sala de aula. Ela lembra que na universidade é proibido falar 60 minutos. É preciso criar metodologias ativas, que coloquem o estudante como protagonista, mas nem sempre os alunos assumem esse papel.

“Acho que o tempo e a tecnologia privilegiam a prática. Todo mundo quer sair fazendo alguma coisa rapidamente. Ninguém quer refletir e isso é uma questão pura de filosofia também. Para que serve aquilo? Será que eu poderia fazer melhor? Quem fez melhor? Existe outro jeito de fazer? Ninguém quer refletir, refletir parece ser um castigo! A natureza não tem essa velocidade rápida.” (Adélia, jornalista, 60 anos)

Na reflexão dos seus dias, Rubem confirma que “sem dúvida alguma” é cobrado pela velocidade e que esta é imperativa para tudo. Em seu esquema de trabalho primeiro está a velocidade e depois a qualidade.

“Sempre a velocidade pode atrapalhar a qualidade! Eu digo que nem vi coisas absurdas, eu mesmo já fiz coisas absurdas, pressionado pelo tempo e em grandes jornais diários. A apuração é ruim, a qualidade de texto é ruim. É impossível! Você tem etapas de produção. Você até pode ser mais rápido nessas etapas. Desde que comecei no jornalismo eu luto contra o tempo, mas de uma maneira civilizada e não como hoje!” (Rubem, jornalista, 48 anos)

Questionado sobre a diferença entre a cobrança em trabalhos para o impresso e os digitais, Rubem revela que o esquema antigo era bem mais programado. Era necessário ser rápido, mas não imediato.

“Há uma diferença entre rápido e imediato! Imediato compromete a qualidade. É um

vale tudo pela informação. E digo mais: hoje, 80 a 90% dos meios de comunicação, impresso, digital, televisão, eles vão pelo 'vale tudo imediato! ' Hoje o que se consome não é uma informação de qualidade. É sempre o tempo acima de tudo, a briga para ver quem é o mais rápido. Uma pressão muito grande no 'ser rápido''. (Rubem, jornalista, 48 anos)

Rubem exemplifica seu pensamento com situações do cotidiano, a partir do questionamento da natureza dos processos rápidos. Segundo ele, você pode ir rápido para não perder um avião. Ou, um médico deve ser rápido para salvar vidas e a velocidade já é a característica. No caso do jornalismo ele diz que a velocidade é cobrada sem levar em conta o consumidor, que irá ler os textos depois.

O esquema de trabalho de Mario gira em 80% de qualidade e 20% de velocidade, e ele lembra que fez valer esta escolha própria. Nos trabalhos com maior profundidade, como criação de conteúdos, reportagens e produção de entrevistas, preza-se muito a qualidade. Já para tarefas corriqueiras, como divulgar em redes, subir trabalhos prontos, a velocidade vem em primeiro lugar.

“Se impensada, se automática, se não focada em resultados longevos e sustentáveis, se não responsável, sim, a velocidade é um mal em si contra tudo e todos. Mas é necessária em alguns momentos e não pode ser descartada. A arte imita a vida, não o contrário. A pretensa arte sem eficiência não é vida. Daí, o equilíbrio e a inteligência humana precisam estar a serviço da solução, da eficiência.” (Mario, jornalista, 49 anos)

Em seus trabalhos pessoais, Cora centra o foco na qualidade, uma vez que seus prazos são na maioria das vezes longos. Seu esquema de trabalho é voltado ao máximo de concentração, para se evitar o retrabalho. Ao avaliar jornalistas, por exemplo, Cora mostra outra visão, devido à natureza do trabalho.

“Acho que quando a velocidade começa a ser uma exigência e não uma condição aí a coisa pode ficar feia. Para jornalista é fundamental. Se você não tem tempo de checar as fontes fica difícil. Atrapalha muito. Acho que a velocidade hoje em dia é uma condição, uma necessidade, porque as coisas estão acontecendo mais rápido, em tempo real, mas ela não é suficiente. Acho que temos que ter mais cuidado. Você pode dar uma nota e investigar a fundo depois. Eles têm a ideia de que estão dando notícias, mas ficam dizendo as mesmas coisas o dia todo. Tem muita farsa. É tudo desculpa, mentira, falta de ética, falta de bons profissionais. Mandam embora um jornalista experiente para contratar três estagiários. Fica complicado.” (Cora, publicitária, 51 anos)

João lamenta que infelizmente hoje a velocidade é preferida por todos, em detrimento da qualidade. Em seu modelo de trabalho ele atribui as porções de 70% para a velocidade e 30% para a qualidade.

“Com certeza, a velocidade pode sim atrapalhar a qualidade. No caso do jornalismo, antes de se publicar uma notícia há todo um trabalho de apuração a ser feito. É preciso checar os dados e informações, conferir se as fontes são confiáveis, ouvir todas as

partes envolvidas, transcrever as entrevistas, redigir o texto e revisá-lo. Todo este trabalho requer tempo para a sua execução.” (João, jornalista, 51 anos)

Da mesma forma que Rubem, ele compartilha do cuidado com a recolha e o cumprimento das etapas do processo de informação.

“Todo o material tem de ser colhido com cuidado. No entanto, o imediatismo dos dias atuais, em que a notícia precisa ser dada antes ou ao mesmo tempo do órgão de imprensa concorrente, compromete o trabalho. Faz com que muitas vezes etapas sejam simplesmente puladas, a fim de se cumprir prazos e horários, comprometendo a qualidade final do texto e da notícia. Publica-se às vezes material incompleto, com informações equivocadas ou inverídicas e até mesmo surgem erros grotescos de concordância e de grafia.” (João, jornalista, 51 anos)

Para Bourdieu (1997), “a concorrência pela prioridade atrai e favorece os agentes dotados de disposições profissionais que tendem a colocar toda a prática jornalística sob o signo da velocidade (ou da precipitação) e da renovação permanente.” (p. 107).

Em seu trabalho, Hilda diz que ela mesma se cobra pela qualidade, mas que ultimamente as pessoas a cobram muito mais pela velocidade. Segundo ela, o prazo ideal para a confecção de seu último livro seria cerca de seis meses, porém deram-lhe três meses. Em contrapartida, como será remunerada pela obra e não pelo tempo, finalizar o livro mais rápido representa ficar livre e receber o pagamento também. Com mais tempo livre é possível conseguir outros trabalhos.

Para Hilda, sem dúvida a velocidade pressiona a qualidade e também aliena o modo de pensar e de produzir.

“Eu acho que a velocidade do trabalho, do jeito que as pessoas buscam hoje atrapalha. É importante fazer as coisas de maneira rápida, mas isso corta a experiência, a maturidade das coisas, corta o desejo de você fazer algo com mais perfeição. Fica tudo sempre mais fútil, padronizado, estandarizado e acho ruim. Acho que pode ser rápido, mas não precisa ser medíocre, você tem que conciliar as coisas senão a gente vai chegar a que mundo? Fica tudo alienado.” (Hilda, jornalista, 51 anos)

Clarice levanta uma questão inerente à profissão do jornalista, relacionada com o fato de ter que correr, dar a notícia primeiro, o que poderia ser considerado como fator de qualidade. Porém, para os nossos dias, ela aponta uma degradação da profissão por conta da velocidade.

“O chegar primeiro hoje é chegar muito mais rápido do que chegar em 10, 20 e 30 anos atrás. Então o quanto que esse mais velozmente possível também não começou, de alguma forma, a desumanizar a profissão?” (Clarice, jornalista, 46 anos)

Para ela, a velocidade ajuda quando a urgência é a notícia e dela se fala. Mas, por outro lado, atrapalha quando a rapidez se torna obrigatória, como uma chancela de qualidade.

“Acho que a velocidade ajuda quando a gente precisa falar do urgente. E ela atrapalha quando se torna uma lógica inescapável, por exemplo, ‘tudo o que não é veloz é ruim’

e esse pensamento atrapalha.” (Clarice, jornalista, 46 anos)

Moretzsohn (2002) lembra que há diferenças de ritmo, conforme o tipo de veículo para o qual se trabalha. “Mas o importante será perceber como a lógica do ‘tempo real afeta a prática do jornalismo como um todo, radicalizando a ‘corrida contra o tempo’ que sempre marcou a profissão.” (p. 130).

Para Paulo, sem dúvida alguma, a velocidade está acima da qualidade assim como também para todo o mercado. De acordo com ele, é o tempo que pauta as relações do trabalho publicitário, sendo mais vantajoso correr e colocar peças na rua, ainda que não finalizadas.

“Hoje vale mais a pena você fazer um trabalho mediano que você consiga colocar mais coisa na rua do que você fazer um baita trabalho, mas só uma vez por ano. E isso é uma coisa do mercado! Todo mundo sabe disso e as empresas prefere adotar metodologias ágeis. Tanto que preferem lançar um projeto beta, sabendo que nada está pronto e que não é o melhor possível. E depois ir ajustando, conforme for rodando.” (Paulo, publicitário, 39 anos)

Questionado sobre a influência dessas peças velozes nos conceitos de qualidade, Paulo explica que muita coisa chega a sair para as ruas com 100% de erros, que serão corrigidos em seguida, no caminho.

“O importante é lançar e ver o que vai acontecer. Melhor do que ficar esperando para lançar. Senão a concorrência lança primeiro. Quem lança primeiro sai na frente. A maior parte dos meus clientes usa o digital, deixa rodar por 15, 20 dias, vê os resultados, altera o que tiver que alterar, e depois lança no outdoor, na TV e outros meios.” (Paulo, publicitário, 39 anos)

4.6 Transformação da profissão e futuro

As duas questões foram colocadas juntas no sentido de aliar uma corrente cronológica do tempo: passado, presente e futuro. Sobre o perfil da profissão, 100% (totalidade) relataram que sim, ocorreram mudanças. É inegável que a maioria delas está relacionada com as tecnologias. Sobre a perspectiva de o trabalho continuar acelerando, cerca de 67% (8) acredita que sim, 16,5% (2) não tem uma resposta e 16,5% (2) acham que não.

Fernando enfatiza que muita coisa mudou desde que começou na profissão, mas que o processo de se fazer o trabalho ainda conserva raízes que foram se adaptando à sociedade.

“A sociedade mudou também e tudo ficou mais rápido. O processo de se fazer o jornal é o mesmo, mas antes não havia e-mail, celular, internet. Hoje é tudo muito mais veloz, mas o processo de se fazer continua o mesmo. Errar tem a ver com a sua relação com o tempo, ser afobado, se precipitar, querer dar a notícia primeiro, e isso ocorre da mesma forma que antes.” (Fernando, jornalista, 47 anos)

Para ele, o trabalho vai acelerar mais por dois motivos: porque as pessoas tem necessidade, precisam das informações para conhecimento, checagem de fatos, cada vez mais rápido e a emissora irá ofertar. O outro motivo é que Fernando espera um avanço ainda maior das tecnologias, a impulsionar o formato que as notícias poderão chegar até os indivíduos.

“Antes havia uma revolução tecnologia a cada dez anos. videocassete, CD. Hoje meu celular é melhor que meu computador. Isso vai fazer acelerar. Você tem público demandando tudo mais rápido também pelo Twitter, por exemplo. O jornalismo ainda é um meio para saber a verdade do fato. A pessoa viu no Facebook e liga na TV para saber, ele vai na imprensa para conferir. A demanda é urgente e a gente precisa atender a todos. Isso vai alterar a forma de trabalhar. Eu acho que na próxima década a inteligência artificial vai substituir as pessoas na profissão.” (Fernando, jornalista, 47 anos)

Sobre o avanço da tecnologia, muitas experiências já foram realizadas com ferramentas como *Automated Insights*, que produz histórias a partir de dados (algoritmos). *CNN, Forbes e The Wall Street Journal* são algumas empresas que utilizam o método automatizado, com máquinas substituindo pessoas, diariamente.¹²

Manuel opina que trabalho e ócio são categorias complementares. Para ele, o homem tem que lidar de forma harmoniosa e plena em suas múltiplas dimensões: a dimensão laboral e cultural-cultural, social e pessoal, ativa e contemplativa, produtiva e artística, a dimensão do dever e a do desejo, a determinação e a liberdade.

“A vida dos seres humanos, seria semelhante ao trabalho de Sísifo, pois vivem para seguir uma rotina diária e repetitiva de atividades, normalmente sem um propósito concreto. Em contraponto, o ócio, como diz Platão, os filósofos “desfrutam do tempo livre e preparam os seus discursos em paz e em tempo de ócio. Apenas os preocupa alcançar a verdade”. Vemos aqui a síntese da importância que Platão atribuía ao ócio, vinculando-o à liberdade (ter tempo livre e ser livre), à verdade, que deve ser procurada sem a pressão do tempo, e à filosofia enquanto procura livre da verdade.” (Manuel, escritor, 55 anos)

Em sua experiência de vida, Manuel diz que conseguiu perceber que o tempo trouxe mais peso aos anos e que isso se reflete nas “juntas” e nos reflexos. Aparentemente, segundo ele, este peso deveria fazer com que as coisas acontecessem mais lentamente, mas, ocorre o inverso: o tempo acelera rumo a “bandeirada final.”

Sobre uma característica da sua profissão, Adélia enfatiza que tudo mudou muito, principalmente no formato de se trazer a notícia, captação de anúncios, participação do leitor. Para ela o jornalismo é uma prática das mais vulneráveis, como outras da modernidade.

“Essa vulnerabilidade passa pela formação de profissionais também, pela experiência

¹² A inteligência artificial também muda o jornalismo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591076-a-inteligencia-artificial-tambem-muda-o-jornalismo> Acessado em 10/10/2019

que o repórter tem. Por exemplo, repórter, na minha época de faculdade era o cargo mais desejado. Você saía a campo, ia para a rua buscar a notícia, checava os fatos, você voltava para a redação e formatava aquilo tudo. Eu acho que hoje repórter, repórter mesmo, não tem mais. Não tem esse elã. Você tem muito redator, muita gente que escreve e muita gente que nunca vai ao local, não sai da redação, não vai a lugar nenhum, tudo é virtual tudo 'pode ser'... então se perde um pouco essa experiência." (Adélia, jornalista, 60 anos)

Os processos de convergência já mencionados (Deuze & Witschge, 2016, pp. 7-20) têm influenciados na rotina dos jornalistas, uma vez que as conexões estabelecidas em rede o permitem acessar diversas informações. Ao mesmo tempo, são alvos da crítica, no sentido de coibir o profissional *in loco* como "testemunha ocular" dos fatos. Neveu (2005) utiliza o termo "jornalista sentado", para este profissional que não sai às ruas e trabalha sentado, beneficiando-se da internet e das redes.

Afora estar nos fatos ou não, em sua análise, Adélia, levanta também outra questão atual dos meios de comunicação: o predomínio da estética.

"Hoje a estética e o visual ficou mais importante. Antes o diagramador dava um jeito de colocar o texto na página. Hoje te dizem: são 16 caracteres para o título, se vire! Hoje é um tempo dinâmico." (Adélia, jornalista, 60 anos)

Correia (2006) sinaliza a valorização da imagem na imprensa (imposta pela publicidade e TV), que aumentou a importância da função do repórter fotográfico. "... a situação inverteu-se e passou a ser a prosa a acompanhar a fotografia" (p. 63).

Na continuação das transformações, Rubem declara que o jornalismo atravessa mudanças nunca vistas anteriormente e que até fica difícil tentar explicá-las.

"Num período de 20 anos houve uma transformação fundamental. Forçam que o impresso está perdendo a relevância, mas o impresso não morreu. Ele foi assassinado! Mataram o impresso. O impresso viveria permanentemente, de outra maneira, para outro público. Haveria uma informação de qualidade, uma informação 'gourmetizada'". (Rubem, jornalista, 48 anos)

Para Rubem, a questão da passagem do jornal impresso para o digital mudou também o hábito e o ritmo das pessoas como o de ler o jornal pela manhã, no café, conversar sobre os temas, ou ir à banca de jornal, encontrar as pessoas na rua. Em sua visão, ele menciona que a versão impressa é muito mais organizada e mais cômoda para ler, e faz críticas sobre a comunicação produzida atualmente.

"As pessoas não estão consumindo informação, estão consumindo comunicação digital. Questões industriais e econômicas alteram isso... o capitalismo. Hoje ganho mais do que antes, mas tudo mudou porque alguém disse que assim, nesse modelo é que é o bom. Mas na internet as pessoas não vão atrás de informações. Você tem muito mais acessos, mas isso não quer dizer que vão atrás de notícias. Hoje existe

tanta notícias como antes. O que existe agora é facilidade para veicular a notícia, mas para fazer é muito mais desgastante. Não dá para saber se é bom ou ruim, mas uma coisa a se pensar hoje é na vida que levamos.” (Rubem, jornalista, 48 anos)

“Observa-se hoje aqui o fenômeno mundial das fusões e parcerias entre os grandes grupos de produtores de conteúdos e os fornecedores de acesso. Muitos jornais, no entanto se enfraquecem neste jogo do mercado e sucumbem à lei do mais forte.” (Adghirni, 2001).

Mario acredita que nem todo trabalho pode ser acelerado, mas que todo trabalho precisa dar resultado em algum momento, ser útil, fazer sentido. Em sua visão a arte sempre imita a vida e não o contrário. Sobre a transformação na profissão, ele faz argumenta que o jornalismo não conseguiu evoluir no mesmo ritmo da sociedade, sobretudo a partir do ano 2000.

“Havia muitas coisas erradas a serem corrigidas na reconstrução da democracia brasileira, que trazia um período de ditadura de opressão ao debate e de guerras ideológicas. No mundo do pós-guerra fria, a polarização que separava mocinhos e bandidos não estava mais clara ante os novos desafios de recomposição geopolítica. Era preciso informar os erros com o tom grave da denúncia, coisa que o jornalismo fez e protagonizou com a liberdade que lhe deve ser sempre inerente. Bastava denunciar com competência, fosse o que fosse, e sua eficiência como um dos braços mais fortes da liberdade de expressão era reconhecida e legitimada pelo público. E assim foi por décadas.” (Mario, jornalista, 49 anos)

Em seguida, Mario descreve que houve melhorias no Brasil e no mundo, avanços, condutas e maior transparência, que permitiu ao país subir de estágio. Porém, explica ele, em determinado ponto este sistema parou de ser aperfeiçoado e desconectou-se do seu tempo.

“O jornalismo não reconheceu que o público, antes guiado por ideologias de várias matizes, transformou-se numa audiência de leitores, espectadores e ouvintes ou internautas ávidos por eficiência, avanços que lhe tragam bem-estar, e que ganhou autonomia de julgamento. Um aprendizado que teve com o próprio jornalismo, quando este era a vanguarda da sociedade. A denúncia pela denúncia não se faz mais suficiente, nos dias atuais. É preciso apontar caminhos, reconhecer o avanço do tempo advindo justamente das batalhas superadas pelo êxito nos anos 80, 90.” (Mario, jornalista, 49 anos)

Outro ponto que Mario coloca em de destaque em sua análise é a chegada das redes sociais e a anunciada proximidade do público em sua capacidade de opinar e julgar, de imediato, tanto governos como a própria imprensa.

“Junte-se a isso, o advento das redes sociais, da informação automática, que deu ao público a capacidade de julgar hoje o próprio jornalismo com o mesmo ímpeto com que aprendeu a julgar governos e outros organismos públicos. E esse público parece encontrar um jornalismo adepto e viciado neste denunciamento que se afasta de seu dever social, hoje cobrado com veemência pela sociedade, que é o de narrar o tempo social, com críticas e avaliações que contemplem igualmente a denúncia do erro como o reconhecimento do avanço, da melhora.” (Mario, jornalista, 49 anos)

Sobre as crises no interior do modelo jornalístico, Mario menciona certa desconexão entre o tempo da redação e o tempo do mundo. Para ele o problema é causado pela própria imprensa que não acompanhou o tempo presente.

“Digo que as crises nas redações pelo mundo são muito mais internas que externas. De concepção de modelo, de evolução da narrativa social que não veio em parte considerável e importante dos veículos de imprensa. Desatualizados, perderam anunciantes, mas sobretudo o interesse do público. Afinal, um jornal consegue até sobreviver sem dinheiro, não sem leitor. E o público, se sentindo órfão da imprensa, tem a considerado cada vez menos. O desafio é se reconectar com a sociedade, entender que estamos todos já na segunda década do século 21, indo para os novos anos e seus desafios contemporâneos. Vencem-se novos desafios com experiências passadas, não necessariamente com soluções do passado.” (Mario, jornalista, 49 anos)

O desafio do setor em acompanhar os avanços das sociedades também é relatado por Cora. Para ela a publicidade acabou, no formato que havia e que muitas empresas ainda insistem em usar. Principalmente pelo fato de estarem dessincronizadas de seu tempo, acabam incorporando o digital, como novidade, porém em uma estrutura ainda velha.

“Incorporaram o digital, mas a mentalidade ainda é velha. A forma de se remunerar ainda é antiga. Não estão só dessincronizadas com a tecnologia. Tentaram incorporar a tecnologia no jeito velho de fazer as coisas e não funcionou. É como fazer um carro elétrico funcionar com gasolina.” (Cora, publicitária, 51 anos)

Para Cora, as empresas foram se fundindo, se agrupando e hoje existem poucos grupos que são grandes. Ela exemplifica a questão e diz que seria como criar um velho com um cara de novo, mas que na verdade não é novo. Os modelos de negócios são outros e não podem ser reconfigurados, só se fossem destruídos e renascessem de outra forma.

“São velhos modelos tentando incorporar o digital, só porque contrataram um menino que entende de tecnologia. Mas a mesma configuração não se sustenta agora. Antes viviam com 20% de valor de veiculação e 15% do valor de produção. Mas hoje, o cliente mesmo contrata um menino pra fazer a divulgação e pronto, ele coloca o digital.” (Cora, publicitária, 51 anos)

Ao falar do futuro, Cora revela que tem não tem dúvidas sobre o avanço e permanência do mundo digital, mas reforça que nós não entendemos ainda a relação entre as tecnologias e as nossas emoções.

“Fazer upload de um monte de coisas não pode ser traduzido como um amadurecimento neuronal. Para muitas coisas nosso corpo é muito frágil. Não nós entendemos as nossas emoções. Existe uma coisa física ainda, precisamos trabalhar um amadurecimento. Você pode acelerar a experiência, mas você não pode acelerar como essa experiência impacta na sua humanidade.” (Cora, publicitária, 51 anos)

João menciona que trabalhos que se relacionem e dependam mais do intelecto ou de cuidados a terceiros, exigirão um prazo minimamente razoável para a execução de suas tarefas. Entre elas estariam: médicos, enfermeiros, psicólogos, psiquiatras, terapeutas, massagistas, escritores, jornalistas, professores, engenheiros, arquitetos, filósofos, historiadores, entre outros. Para outras funções sinaliza que talvez seja possível acelerar ainda mais, como acontece com trabalhos realizados em linhas de produção.

Sobre a transformação em sua profissão, João indica um salto tecnológico que permitiu agilizar e dinamizar exponencialmente as atividades. Porém, ele também enumera alguns pontos principais e transformadores, nos quais as inovações alteraram cargos em sua profissão. Nesse contexto menciona que hoje, um único jornalista, com acesso a um computador, consegue cobrir praticamente todas as funções que antes exigiam profissionais especializados nas redações.

“A chegada de novas tecnologias como o computador, por exemplo, proporcionou um enorme ganho de produtividade, mas também foi a responsável pela extinção de diversos cargos que antes existiam nas redações (copidesque, revisor de texto, diagramador, tipógrafo, linotipista, checador, pesquisador). Posteriormente, a chegada da internet revolucionou ainda mais a forma de se produzir e de se consumir conteúdo, revolução que continuou com a evolução dos celulares, que atualmente permitem filmar, fotografar, gravar e transmitir.” (João, jornalista, 51 anos)

Com o intuito de sintetizar o relacionamento do homem com os equipamentos, Marshall McLuhan afirmou que os homens criam as ferramentas e as ferramentas recriam os homens. O pensamento mostra-se muito atual no jornalismo e facilmente percebido após a chegada das tecnologias digitais. Muitos consideram que esta recriação não foi benéfica, devido ao modelo de uso que foi estabelecido.

Para João, se por um lado é fantástico o avanço da agilidade e produtividade, por outro existe uma precarização do trabalho. O jornalista sofre a sobreposição de funções, sem remuneração adequada para as tarefas, entre aumento de carga horária de trabalho e diminuição de prazos de entrega.

“Somados a isso tivemos ainda a deterioração da qualidade na formação dos novos profissionais, a desobrigatoriedade de diploma superior para exercício da profissão, a redução de vagas no mercado de trabalho, perda salarial e aumento da precariedade das condições profissionais. Resumindo, a qualidade técnica de produção evoluiu em detrimento da qualidade dos conteúdos.” (João, jornalista, 51 anos)

Na análise da transformação do segmento, Hilda aponta, pelo lado positivo, que hoje existe maior interação entre as pessoas, mídias e opiniões. Do lado negativo, ela cita uma superficialidade causada por alguns fatores.

“Acho que está tudo mais superficial, porque as equipes são menores, tem que fazer tudo mais corrido. O que se paga para eles é menos, então pegam o pessoal mais jovem e a qualidade não fica tão boa. Não valorizam tanto a maturidade, a experiência. Eu acho que a juventude é importante, eu adoro trabalhar com jovens, mas eu acho que o mercado precisava ter esse equilíbrio entre pessoas mais maduras e pessoal mais jovem. Acho importante trazer esse conhecimento, essa bagagem, coisas mais aprofundadas. Eu sinto falta dessa profundidade que muitas vezes havia nas revistas e hoje não temos mais.” (Hilda, jornalista, 51 anos)

Outra queixa de Hilda com relação ao setor são o uso de pautas mais fúteis, de assuntos banais gerando grande volume de informações que, segundo ela, não acrescentam em nada.

“Eu vejo também que tem sido dada importância na mídia para formadores de opinião que não tem um bom padrão de qualidade. Isso ocorre porque eles conseguem milhares de seguidores nas redes sociais. Ok! Mas que tipo de seguidores são esses? E as pessoas leem informações e gostam de coisas que não tem o mínimo valor. Às vezes vão ler fofoquinhas, notícias que não vão a lugar nenhum. Porque a matéria tem um toque, tem uma pegada. Claro, tem coisas boas, tem um pessoal bacana também, mas nesse muito de muito, se você filtrar sobra pouca coisa.” (Hilda, jornalista, 51 anos)

Sobre o panorama da aceleração no setor, Hilda menciona um ciclo que conjuga mais tecnologia e equipes menores, mas que resulta também em cobranças sistêmicas pelo aumento de velocidade e resultam em compressão do tempo.

“Ao mesmo tempo é engraçado. Aparentemente deveríamos estar em um momento que a gente conseguiria fazer muito mais coisas para nossa própria vida. Porque existe tanta tecnologia e aí sobraria mais tempo. Mas talvez hoje as equipes são menores, porque tem mais tecnologia, a exigência da velocidade é muito maior, ficamos escravos do tempo. Sinto que as empresas, o corporativo, eles exigem muito mais do que antes e sugam nosso tempo. Fica parecendo que a gente voltou para um passado distante, quando as pessoas eram servas, eram escravas... desculpe, mas ainda bem que você não vai me identificar! Eu prestei serviço para uma empresa e foi um tempo em que tinha que entregar coisas gigantes por semana, de uma forma tão rápido, mas tão rápido que eu não conseguia nem pensar, me sentia totalmente escrava.” (Hilda, jornalista, 51 anos)

Clarice considera que ganhamos muito quando aceleramos, como o progresso, a inovação. Por outro lado também perdemos outras coisas que são importantes. Ela cita a experiência “benjaminiana”, do “tempo preenchido”, que em sua visão, não ajuda na educação.

“Eu acho que o tempo da educação tem a ver com o tempo da reflexão e acho que o tempo da reflexão não pode ser o tempo do imediatismo. Eu não acredito em uma educação de fórmulas prontas, eu não acredito em um jornalismo de “como fazer”. Esse ponto que a gente chegou de *fake*, de *fast*, de hiper, no jornalismo, tem a ver com não respeitar um tempo de experiência do fazer jornalístico, mas mesmo assim ele tem lugar neste mundo onde a gente está. Por isso o movimento do slow veio contrabalancear.” (Clarice, jornalista, 46 anos)

Benjamim (1994) nos lembra que uma forma de miséria surgiu com o monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. Sua preocupação, sobre a riqueza de ideias que se difundiam, com efeito, pode ser a mesma da modernidade, que se esconde no tempo que nos é roubado pelas “técnicas” da modernidade. Neste sentido as experiências precisam fazer sentido. “Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (p. 115).

Neste contexto, da rica experiência, Clarice idealiza e participa de movimentos que vão contra a aceleração. E que também não reconhecem a imposição da velocidade como algo de valor para a educação ou alimentação, por exemplo. No caso do jornalismo, ela acredita que a velocidade possa fazer sentido em alguns pontos.

“A velocidade não é um valor para a educação. A velocidade não é um valor para alimentação. Na minha opinião o *fast education* faz muito mal. Mas no caso do jornalismo, o *fast journalism* faz sentido, porque é aquele “pá-pum”, aconteceu, vira notícia, dar a notícia em primeira-mão, o *hard news*. Ele tem o seu papel também, diferente desses outros campos (educação, alimentação...) no qual o *fast* nos traz algo de ruim, como a perda da experiência, por exemplo. Então no jornalismo existe uma experiência possível no *fast* porque a velocidade é um valor para nós.” (Clarice, jornalista, 46 anos)

Ainda sobre a experiência, na visão de Paulo, o profissional que conseguir fazer o melhor em menor tempo será o modelo do futuro. Para ele, a experiência conta bastante, pois é o conhecimento que permite maior velocidade.

“Um cara mais experiente resolve um problema muito mais rápido que um cara mais novo. Sem dúvida. Ele tem mais recurso, ferramenta para resolver. Pego por mim... hoje eu olho uma coisa e já acho o caminho, mas antigamente eu não conseguiria, ficaria patinando. Hoje eu sei ver os melhores caminhos. Eu erro também, como todo o mundo, mas acerto também em várias vezes. É melhor sair errando, mas sair.” (Paulo, publicitário, 39 anos)

No *modus operandi* de seu trabalho, Paulo aponta uma contradição pois, agora que existem tantas ferramentas para agilizar o trabalho, não há tanto tempo para fazê-lo. A escassez do tempo se dá, segundo ele, por conta da velocidade das mudanças do mundo e a organização dos clientes que, também sem tempo, buscam sempre campanhas emergenciais. Em confronto com a rapidez, para ele, a qualidade há 15 anos era melhor que a de hoje.

“É mais difícil encontrar o espaço para coisas mais criativas, porque não dá tempo. Eu não vou conseguir pensar em uma grande ideia em duas horas. E não é uma questão de dizer que seu time é ruim, mas é que se seu tempo eu esgotei todas as possibilidades, como não tenho, não fecha o processo, não dá tempo de esgotar.” (Paulo, publicitário, 39 anos)

Paulo também aponta como desafio algumas considerações sociais, que devem ser pensadas hoje nas campanhas, como evitar os conceitos de bullying, racismo, preconceitos. Além disso, o grande número de ferramentas e opções para a divulgação de peças publicitárias fez crescer o número de campanhas.

“Hoje temos muito mais campanhas em termos de números. Antigamente uma agência boa fazia quatro campanhas por ano. Hoje uma agência boa faz 20! Mas, também, faz 20 e com qual qualidade? Esta é a questão. Caiu a qualidade das coisas, sem dúvida. Antes você tinha muito mais tempo e cuidado.” (Paulo, publicitário, 39 anos)

4.7 Tempo, trabalho e saúde

É importante ressaltar que esta categoria não estava presente no questionário inicial. Como a metodologia utilizada era livre, no sentido de realmente conceder voz aos entrevistados, percebemos o termo “saúde”, em muitas respostas, na forma cruzada (aparecia em outras questões como rotina, trabalho, aceleração).

Apesar de não estar previsto, esta preocupação foi mencionada pela totalidade dos entrevistados, ainda que utilizada de forma sutil, psicológica, ou para justificar comportamentos de colegas e ilustrar as respostas de outras questões.

Fernando informou que teve crises de esgotamento em meados dos anos 90.

“O tempo influencia, mas não tem como não ser rápido e a gente aprende a lidar. Tem gente que não se adapta e precisa sair, fica doente, não aguenta.” (Fernando, jornalista, 47 anos)

Carlos indicou que teve muitas crises de bloqueio, que beiravam a depressão.

“O tempo gera ansiedade. Você tem horários, prazos, é cobrado. Ansiedade por ter que ser multitarefa. E ansiedade atrapalha a criatividade, traz depressão. Esse modo rápido da sociedade gera bloqueios criativos, doenças mentais. Já tive várias vezes bloqueios criativos!” (Carlos, ilustrador, 28 anos)

Cecília conviveu com pessoas depressivas no trabalho e já teve crises de ansiedade.

“Lembranças recentes não parecem mais tão recentes assim. Nas conversas com minha família é constante o assunto de que tudo está muito acelerado e que daqui a pouco já é Natal de novo”. (Cecília, escritora, 28 anos)

Manuel revela que o avanço da idade não lhe trouxe um tempo mais ameno.

“Na minha experiência de vida pude perceber que o tempo trouxe mais peso aos anos, refletindo nas juntas e nos reflexos. Aparentemente, esse peso deveria fazer que as coisas acontecessem mais lentamente mas, ocorre o inverso: o tempo acelera rumo a ‘bandeirada final’”. (Manuel, escritor, 55 anos)

Adélia já teve problemas graves de saúde e hoje tem o tempo como bem mais precioso. Em suas aulas relata que se prolongar a sua fala os alunos literalmente dormem.

“Eu já sei que não posso falar mais do que 40 minutos porque senão os alunos dormem. Dorme mesmo! Dormem de verdade!” (Adélia, jornalista, 60 anos)

Rubem já teve problemas com estresse, sente a idade e algumas condições ruins que influenciam o seu trabalho.

“Eu digo que nem vi coisas absurdas, eu mesmo já fiz coisas absurdas pressionado pelo tempo! É sacrificante, principalmente pelas horas de descanso. Porque a idade vai avançado e você vai sentindo isso no corpo”. (Rubem, jornalista, 48 anos)

Mario tem trabalhado muito, teve problemas de saúde e lhe faltam momentos de lazer. Ele conecta a precariedade da saúde com a escolha profissional e a remuneração financeira.

“Por outro lado, confesso, tenho lidado mal com o tempo para descanso e, sobretudo, lazer. Isso tem me causado problemas de saúde. É algo que preciso aprimorar, mas que os sobressaltos da economia brasileira e minhas escolhas profissionais de insistir em valores filosóficos de responsabilidade social não me deram o conforto financeiro para tanto.” (Mario, jornalista, 49 anos)

Cora não consegue se desconectar, é criticada pelos filhos e luta contra si mesma.

“Você se sente na obrigação de estar sempre disponível para responder. Isso eu acho que tenho que manejar. Estou sempre on-line. A gente sente no corpo, apesar de não entender. As máquinas são mais do que interação, a nossa memória é afetada por causa delas, a nossa cognição é afetada por causa delas. Sentimos no corpo, faz parte de nós, afeta a memória, o sentimento de angústia, de aceleração, de ansiedade, algo que não está dentro de nós, mas faz parte de nós.” (Cora, publicitária, 51 anos)

João sente a instabilidade no vai e vem dos trabalhos. Já vivenciou e destaca a agonia das cobranças fora do horário de expediente.

“Hoje infelizmente, com as novas tecnologias, não é raro as pessoas receberem mensagens de trabalho dos seus chefes fora do horário de expediente, fato que gera estresse e ansiedade, comprometendo os momentos de descanso, lazer e convivência com a família, já que muitas delas precisam ser respondidas imediatamente.” (João, jornalista, 51 anos)

Hilda explica que corre atrás do relógio, mas trabalha várias vezes até mais tarde, para aproveitar os fins de semana com a filha. Além disso, menciona o tempo da experiência e tenta arrumar espaço na agenda para fazer exercícios e para dormir bem (quando não dorme bem seu trabalho de escrita não rende tanto).

“Eu preciso dormir oito horas por dia, senão minha capacidade de trabalhar cai muito. Tem gente que precisa só de três horas e eu penso, puxa que bom. Tem o tempo da experiência também, do conhecimento, de ler um livro, cuidar da minha filha, dos amigos, ver um filme, um tempo de qualidade de vida também. Esse equilíbrio é muito importante. (Hilda, jornalista, 51 anos)

Clarice menciona que as doenças da modernidade são causadas pela forma de como as pessoas se relacionam com o tempo.

“As doenças da modernidade são todas causadas pelo nosso relacionamento com o tempo. Pessoas estressadas são pessoas que estão presas ao presente. Pessoas deprimidas estão presas ao passado e as pessoas que estão ansiosas, estão presas ao futuro. Depressão, ansiedade, burnout, tem tudo a ver com a forma de como a gente se relaciona com o tempo.” (Clarice, jornalista, 46 anos)

Paulo sofre de uma contradição da modernidade, descrita por Rosa (2019, p. 166) como uma categoria da inércia (a lentificação como efeito colateral disfuncional). Ele vive dias sempre acelerados, mas ao mesmo tempo muito lentos no trânsito. De sua casa ao trabalho são 15 km diários, mas os engarrafamentos de carros fazem parecer muito mais.

“Eu perco cerca de 1h20 para ir e mais 1h20 para voltar do trabalho. Eu moro longe e pego trânsito.” (Paulo, publicitário, 39 anos)

5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Rosa (2003) sinaliza que “somente o viés de uma perspectiva temporal possibilita uma análise adequada ao caráter da modernidade, seu desenvolvimento estrutural e cultural” (pp. 3-33). Da mesma forma, a partir das nossas entrevistas, nos debruçamos, sob a perspectiva do tempo, na análise dos depoimentos dos profissionais de comunicação.

Acrescentamos que a natureza do trabalho do jornalista é calibrada pelo tempo nas tarefas de medir, verificar, documentar, denunciar, registrar e informar fatos, ações e ideias. “A notícia é um dos sinais temporais utilizados pela sociedade para sua orientação. O jornalismo é uma dessas instituições sociais que atua como quadro de referência para constituir aquilo que se entende por tempo”. (Antunes, 2009, p. 85).

Contudo, a função jornalística, como quadro de referência ou mediadora entre poderes e os indivíduos, sofreu modificações e de forma geral e se enfraqueceu, junto ao âmbito das transformações do setor. Correia (2006, p. 13), por exemplo, ressalta um novo cenário para o segmento, apontando alterações que, em seu conjunto, mostraram que a realidade da mídia “tem pouco a ver com o que se passava a umas décadas”.

Por este caminho, o momento de transição que o segmento enfrenta atualmente, reforça a importância da nossa pesquisa. Estamos diante de um setor em pleno movimento, no qual poucos arriscam prever o futuro, mas muitos têm a certeza de que, ao menos, nada poderá ser como antes. “Ninguém tem a fórmula para o jornalismo no mundo conectado em que vivemos (...). O que virá? Duvido que alguém tenha a resposta” (Markun, 2015).

Portanto as entrevistas atuam como olhares da realidade, na tarefa de atualizar, junto ao referencial teórico, o contexto das transformações do setor e parte de seu quadro laboral. Neste sentido, entende-se que a “régua” temporal escolhida apresenta-se como um dos mais adequados dispositivos para medir diferentes ritmos e dinâmicas que compõem a profissão.

É o viés do tempo que se relaciona diretamente com as transformações do setor, aceleração de processos, criação de equipes, métodos de controle, além de ações vinculadas ao relógio, a todas as suas conotações e seus desdobramentos.

5.1 Cinco pontos principais revelados na pesquisa

No contexto das entrevistas e análises dos dados recolhidos vamos destacar alguns pontos

que nos ajudaram a cumprir o objetivo: verificar como as dinâmicas de tempo têm atuado e se relacionam com o setor. De início citaremos alguns pontos principais que delimitamos para, em seguida, descrever seus efeitos.

1. O primeiro deles é a constatação da primazia e aumento da velocidade nas tarefas, de forma nunca vista anteriormente. Significa que em muitas rotinas a rapidez se impõe como majoritária e molda, acima de todos os outros quesitos, boa parte dos trabalhos.
2. O segundo ponto, que se relaciona diretamente com o primeiro, é a chegada e ampliação dos meios digitais, provocando o redimensionamento temporal e cultural dos profissionais.
3. O terceiro indica que, de forma geral, o erro passa a fazer parte do processo de trabalho, mediante a adoção da velocidade como valor prioritário.
4. O quarto ponto é a percepção da instabilidade em relação ao futuro nas velozes transformações vivenciadas pelos entrevistados.
5. O quinto ponto, expressado de forma geral, foi a preocupação com problemas de saúde, estresse, cansaço, entre outros.

Destacamos que os cinco pontos citados compõem as respostas dos entrevistados sobre suas dinâmicas, ritmos e temporalidades. Cada um dos pontos foi verificado e classificado após a leitura e interpretação das entrevistas e compilação dos dados recolhidos.

É importante verificar que os pontos indicados sempre se relacionam com o tempo na expressão da velocidade, vista como fator que ajudam e/ou atrapalham a vida do profissional. Como a maioria dos entrevistados possuía mais de 20 anos de atuação foi possível perceber a evolução da aceleração social em suas temporalidades. A partir dela percebemos uma resignificação das ações de trabalho e a sobreposição de episódios de ação, descritas como característica da modernidade.

Ressaltamos também a verificação de um tempo subjetivo, já incorporado em diversos segmentos do jornalismo. Um modelo que muitas vezes baliza, condiciona e mantém dinâmicas próprias de aceleração e escassez de horários. Temporalidades que muitas vezes condicionam os indivíduos, em discursos de competitividade e produção, mas que se distanciam de direitos trabalhistas, convívio familiar e social.

Ilustram a sentença situações que não são únicas, mas são descritas no segmento,

assimiladas e encaradas muitas vezes até com normalidade. “Não é todo o dia, mas eu consigo jantar em 20 ou 25 minutos”, menciona o entrevistado Fernando. Ou então, como sinaliza Hilda: “eu me sentia uma escrava naquela empresa (*ainda bem que você não vai me identificar aqui na entrevista*)”.

A partir dos depoimentos torna-se fundamental refletir sobre um paradoxo da atualidade. Enquanto vivemos talvez a melhor época da humanidade (as pessoas vivem mais, existem curas para diversas doenças, há muito mais tecnologia e direitos e não estamos mergulhados em guerras mundiais) carecemos de tempo porque nos ocupamos cada vez mais.

De Masi (2019) sinaliza que hoje não vivemos no melhor mundo possível, mas “habitamos o melhor mundo que já existiu.” Ainda assim, ele critica as escolhas de tempo que temos feito, sobretudo no uso das tecnologias e formas de trabalho.

Existe em cada um de nós uma pessoa inteligente e um imbecil. Hoje vivemos o dobro do tempo dos nossos antepassados, e temos máquinas para enriquecer, poupar e estocar o tempo, mas a nossa sensação é de que temos menos tempo que os nossos antepassados. Isso significa que o imbecil que habita em nós ganhou. (De Masi, apud Bial, 2019).

Para Rosa, “quanto mais rápidas são essas tecnologias, quanto mais tempo conseguimos economizar, de menos tempo parecemos dispor.” (Rosa apud Tziminadis, 2017, pp. 365-383).

Neste ponto nossa pesquisa verifica que existe um desequilíbrio na forma com que os indivíduos lidam (ou são obrigados a lidar) com o tempo. A dinamização dos ritmos de trabalho cada vez mais leva em conta o tempo-relógio, segundo por segundo, mas por outro lado ignora o relógio interior e biológico de muitos trabalhadores, em ritmos alucinantes pautados por produção, audiência, exclusividade, concorrência. Como exemplo, o depoimento de João nos lembra que “temos reduzidos os nossos momentos de reflexão, de tranquilidade, nos colocando sempre em estado de alerta e aceleração. Ou seja, quanto menos tempo nos sobra maior é a sensação de que este mesmo tempo está passando mais rápido.”

Embora a natureza jornalística da grande imprensa seja pautada pela urgência do presente em tarefas velozes e peculiares, profissionais com mais de 25 anos de mercado pontuam um ritmo “irracional” de trabalho. Como exemplo, Rubem menciona que “há uma diferença entre o rápido e o imediato” ... ou então que “o ser humano não é preparado para ter tantas informações em tempo real, como acontece hoje.” Devemos lembrar que em sua atuação no governo paulistano, algumas solicitações são resolvidas em horas e as mais rápidas em menos de dois minutos. Fernando também compartilha dessa aceleração, quando menciona que “não existe

mais tempo para tomar uma decisão” ou “a equipe se organiza para que cada minuto seja mais produtivo”. Um tempo otimizado com vistas a produzir cada vez mais todos os dias.

A falta de tempo descrita na pesquisa atinge não só o jornalista das grandes redações ou noticiário diário. Profissionais que atuam em projetos mais longos, que necessitam de um conjunto de etapas diversas para a sua finalização, sinalizaram também a compressão do tempo no dimensionamento de seus projetos. O livro da entrevistada Hilda, necessitava cerca de seis meses de realização, mas recebeu a metade do prazo para seu desenvolvimento.

Nas dinâmicas dos entrevistados, a escassez do tempo na rotina de prazos mais longos é compensada pela soma de períodos maiores de trabalho em outros dias e finais de semana. Ou então é equilibrada pela diminuição ou sobreposição de outros episódios de ação da vida do profissional, como tempo de sono, períodos de lazer, entre outros. O artifício adotado para suprir a escassez de tempo é previsto por Rosa (2019, p. 157) na tentativa de adensar ou “reduzir o intervalo de tempo entre o término de uma atividade e o início de outra”.

Os dados da pesquisa não deixam dúvidas sobre o predomínio da velocidade acima de todas as outras características. Como já citado por Virilio (1996), “a própria velocidade é a notícia.” Ou como nos lembra Bauman (2000) “dominam os que são capazes de acelerar além da velocidade dos seus opositores”. No caso da mídia os “opositores” podem ser encarados como a concorrência (ou sobrevivência dos mais rápidos), na disputa acirrada e veloz da audiência e publicidade.

Portanto nos parece muito claro conceber que a velocidade passa a ser a condição principal para as tarefas de muitos profissionais. É a rapidez que molda o mercado e não é exagero afirmar que é a condição temporal que molda o escopo de muitos projetos. “Quanto tempo eu tenho?” é a primeira pergunta de Carlos, ao receber um novo trabalho. Para ele, é o tempo que vai determinar os traços, o método e até as cores que irá usar. Paulo também nos diz que “um trabalho com o prazo de um dia tem resultado diferente do trabalho que lhe permite cinco dias, pois não se esgotam as possibilidades de realização e experiência publicitárias”.

É importante lembrar que a velocidade é considerada um valor para o jornalismo, tendo um peso maior ou menor conforme o veículo de comunicação. Nesse sentido, seu uso é justificado na disputada acirrada para ver quem sai na frente, ou no chamado “furo” de notícia, principalmente nos veículos que oferecem notícias instantâneas. Portanto a rapidez em acompanhar (ou narrar) fatos superficiais que acabaram de acontecer sempre tiveram natureza veloz, como noticiar um atentado, ou a morte de alguém famoso, por exemplo. O problema, como

alguns jornalistas relatam, é usar a mesma medida para tudo, no “fetiche da notícia”.

Neste sentido, Moretzsohn (2002, p. 130) nota que há diferenças de ritmo, de acordo com o tipo de veículo para o qual se trabalha. “Mas o importante será perceber como a lógica do ‘tempo real afeta a prática do jornalismo como um todo, radicalizando a ‘corrida contra o tempo’ que sempre marcou a profissão.” Clarice comenta que “a velocidade ajuda quando a gente precisa falar do urgente. E ela atrapalha quando se torna uma lógica inescapável, quando tudo o que não é veloz torna-se ruim”.

Devemos sublinhar que o processo do aumento da velocidade foi incrementado pelo aparato técnico, motor impulsionado pela internet, redes sociais, desenvolvimentos de softwares e programas. As tecnologias fizeram nascer um novo e globalizado cenário, com muito mais interação, estética e velocidade. Sevckenko (2004, pp.16-17) expressa que a partir do ano 2000, nasceu um mundo cada vez mais “imprevisível, irresistível e incompreensível”. A tríade de seu pensamento também é verificada nas entrevistas.

Imprevisível como a rotina jornalística de notícia, de segmento, de futuro, na busca de tornar presente o passado e o futuro. Irresistível, pois as tecnologias noticiam o instante, mantêm os profissionais mais conectados do que imaginavam e ainda permitem interações imediatas. Incompreensível quando se trata de futuro, estabilidade ou mesmo nos tempos subjetivos como a ampliação da carga de trabalho escondida nestes aparatos.

Considerada o motor da velocidade as tecnologias permitiram que o tempo “aniquilasse o espaço” (Harvey, 2008, p. 180) e promovesse alcances inimagináveis e facilidades ao jornalista, como descritas por Fernando: “Hoje um vídeo do *WhatsApp* é editado em minutos e um drone substitui os custos e o tempo de saída de um helicóptero”. As entrevistas comprovam que é inegável o salto de qualidade e praticidade que tais aparatos proporcionaram.

Ao mesmo tempo, nos parece que esta relação entre os profissionais e meios digitais ainda não se apresenta estabilizada e também tem seu lado cruel e negativo. Apesar de todos os entrevistados utilizarem desses meios, suas ressalvas são unânimes. As primeiras no sentido de que as tecnologias ainda não atingiram um patamar considerado criativo para alguns processos de trabalho. Como lembra Carlos, para quem “as ferramentas tecnológicas são secundárias e a liberdade de escolha das técnicas para ilustrar deve sempre prevalecer.” Mario acredita que “as tecnologias devem imitar a vida e não o contrário”. João analisa que as novas tecnologias e redes sociais proporcionam a falsa sensação de que qualquer um está apto a exercer o jornalismo. “Como consequência hoje todos opinam sobre tudo, mesmo sem possuir qualquer embasamento

sobre o assunto, fazendo uso de dados e informações incorretas, falsas e até mesmo mal intencionadas”. Com efeito, podemos dizer então que a opinião de todos sobre tudo só faz sentido na velocidade dos meios tecnológicos?

Hall (1996, p. 147) apregoa que as extensões criadas pelos homens são um tipo de projeção particular e que, não apenas aceleram e facilitam o trabalho, mas também separam os indivíduos do seu trabalho. “Quando uma função se desenvolve através da produção de uma extensão, esta última começa, por um lado, a existir por si própria, e por outro lado, a confundir-se com a realidade a qual substitui.”

Tecnologias são descritas na entrevista como “extensões” ou instrumentos que auxiliam nas tarefas, mas ao mesmo tempo, aceleram em demasia o trabalho e as suas relações. Mais uma vez, a velocidade se impõe e vemos relatos nos quais “o imediato” não tem hora para acontecer. “Hoje você não desliga. Se você não é localizado vira um crime,” menciona Rubem.

A relação dos indivíduos com as tecnologias e empresas é descrita nas entrevistas como um campo em que a velocidade tem pautado os trabalhadores em seu formato tecnológico imediato, sem levar em conta tempo e espaço (horário ou lugar). Os trabalhadores foram moldados às tecnologias e não o oposto. “Quando o jornal digital chegou o fechamento de edições diárias passou a ser de hora em hora, com os mesmos textos que fazíamos para o impresso”, lembra Hilda.

A natureza instantânea de funcionamento dos equipamentos de certa forma se estende exigindo a mesma temporalidade ágil das pessoas. João comenta que “isso gera estresse e ansiedade, comprometendo os momentos de descanso, lazer e convivência com a família, já que é preciso responder imediatamente.”

Outra importante questão presente nas entrevistas abordava a relação entre a velocidade e a qualidade. Afinal, a pressa é realmente inimiga da perfeição? De forma geral o consenso apontou que não é preciso ser perfeito quando se é veloz, mas também apontou que quanto maior a velocidade maior a chance de errar. Rubem por exemplo confessou que já fez coisas absurdas sob a pressão da velocidade. João menciona que a rapidez encontra impulsiona “material incompleto, com informações equivocadas ou inverídicas e até mesmo surgem erros grotescos de concordância e de grafia”. E ele tem razão, principalmente quando falamos de jornais digitais e voltamos às pesquisas, que apontam, por exemplo, 1.392 lapsos em 468 matérias de um veículo. (Soster, 2003, pp. 353-363),

Novamente voltamos ao predomínio da velocidade e destacamos que de certa forma, o

erro, passa a fazer parte do processo de trabalho. A busca da rapidez, do chegar na frente, tem incorporado “defeitos” ao processo de trabalho. Sennett (2006, p. 118) reforça a importância em se aprender com os erros. Moretzsohn (2002, pp. 11-12) menciona que o interesse “não é a qualidade da informação, mas sim chegar mais rápido que o concorrente”. Portanto se o que importa é chegar na frente, os erros podem perder a sua importância. Paulo confirma que “muita coisa chega a sair para as ruas com 100% de erros, que serão corrigidos em seguida, no caminho”.

Marcondes (2000 p. 70) faz uma crítica a postura profissional dos jornalistas, lembrando que “eles nunca erram”, pois colocariam seu cargo em risco. E acrescenta que, quando repreendidos mencionam a lei de liberdade de imprensa (como se isso autorizasse o deslize). Nossa percepção é a de que realmente os jornalistas não gostam de falar de seus deslizes.

A prioridade pela velocidade, somada a tarefa de escrever um material que está sendo atualizado a todo o momento (portanto pode ser facilmente corrigido nas tecnologias digitais) estaria diluindo as responsabilidades jornalísticas? Acreditamos que sim e nas entrevistas ao menos João, Mario, Clarice, Cora comentaram sobre os erros jornalísticos que visualizam, mas, somente Rubem comentou seus próprios lapsos, criados, segundo ele, por tentar ser mais rápido.

Na corrida da notícia em “tempo real” a verdade costumeiramente se submete à necessidade de ser noticiada em primeira mão, por conta da concorrência, “trazendo como resultado frequentemente, a divulgação de informações falsas ou parcialmente verdadeiras, com consequências às vezes catastróficas” (Moretzsohn, 2002, p. 11).

Sublinha-se, portanto que a própria questão dos erros tem uma nova temporalidade nos meios digitais: podem ser alterados posteriormente, assim como podem permanecer nas redes indefinidamente, mesmo se forem apagados, depois de serem compartilhados.

Os dados da pesquisa nos revelaram que o futuro é não é visto com nitidez, no amplo presente dos entrevistados. Deuze & Witschge (2016, p. 8) propõem uma perspectiva diferente sobre a análise do setor e o vêem como um objeto em movimento, algo que definem como um “tornar-se”, em vez de “ser”. Este foi o mesmo contexto que encontramos nas entrevistas. A velocidade com que se modificam as tecnologias, sociedade e os modelos de consumo de notícias, demonstra um setor em plena transição. Fernando acredita que o processo de notícias vai acelerar mais, porque a sociedade vai exigir e que em breve ele e a sua equipe serão substituídos por sistemas de inteligência artificial. Adélia menciona uma vulnerabilidade e transformação de cargos. Menciona que antes o “repórter ostentava certo de brilho, de sair às ruas, colher informações, mas hoje não passa de um sujeito sentado que só fica na internet e no telefone.” Rubem aponta

que há uma facilidade para se veicular a notícia, mas para se fazer é bem mais desgastante. “Não dá para saber se é bom ou ruim, mas uma coisa a se pensar hoje é na vida que levamos”.

Deuze & Witschge (2016, p. 18) avaliam que a tarefa do jornalista é insegura, o seu salário limitado, a confiança do público precária e o seu tempo de trabalho se estende além do *deadline* e do cronograma previsto. Para eles, com as proteções institucionais e os privilégios da profissão limitados, isso significa que seu percurso se torna cada vez mais pessoal. Muitos entrevistados não possuem vínculos com empresas o que nos parece confirmar um caminho individual, como um prestador de serviços, no sentido de possuir trabalhos, mas não um emprego.

Para Neveu (2005, p.115), “os últimos tempos têm sido uma acumulação sem precedentes de desafios e crises para o jornalismo”. João avalia que houve um grande aprimoramento das tecnologias em detrimento da profissão. Cora opina pela renovação de modelos de trabalho, pois, acredita que não basta apenas migrar para o digital sem ter uma nova visão. “Seria como querer colocar gasolina em um carro elétrico”.

As diversas opiniões apresentadas nos parecem comprovar um retrato do setor que ainda vive a sua maior transformação e só permanece vivo em constante movimento. Dessa forma não há tempo para se debruçar em seus próprios problemas. Sobre o futuro, ninguém quer apostar no vem por aí, mas os entrevistados têm a certeza que nada será como antes.

Alguns autores, como Jorge (Jorge apud Pereira & Adghirni, 2011), propõe três hipóteses para o futuro: o fim do jornalismo; aproveitamento da potencialidade das mudanças do setor; introdução de novos gêneros e práticas profissionais.

No caminho das mudanças, Rubem indica que atualmente o que se consome não é uma informação de qualidade (ele nem considera como com informação). “Hoje, 80 a 90% dos meios de comunicação, impresso, digital, televisão, eles vão pelo ‘vale tudo imediato!’”, ou seja, a briga para ver quem chega mais rápido e isso não é jornalismo.

No cenário conturbado da atualidade, a constatação de Rubem levanta a discussão entre o termo “jornalista” ou “produtor de conteúdo”. Diante da variedade de instituições e atores sociais que impactam na produção, no conteúdo e no consumo de jornalismo Deuze & Witschge (2016, p.14) consideram que é preciso reconhecer a ampla gama de atores envolvidos, rompendo com a prática de jornalismo profissional que já foi considerada mais ou menos coerente. Para eles, a parede que separava o lado editorial do comercial caiu.

Nossa pesquisa levanta um ponto preocupante, que relaciona a dinâmica do tempo com a saúde dos entrevistados, principalmente na figura da velocidade. Esta relação profissional cada

vez mais próxima do presente e o “agora”, que se repete indefinidamente, tem causado afastamentos médicos, doenças psicológicas e outros problemas. Clarice menciona que os problemas de saúde da modernidade são criados pela forma como lidamos com o tempo. “Pessoas estressadas estão presas ao presente. Pessoas deprimidas estão presas ao passado e as pessoas ansiosas, estão presas ao futuro.” Rosa (2019, p. 166) menciona que pesquisas mais recentes encontram mais e mais evidências de que “adoecimentos depressivos podem ocorrer como uma reação patológica à pressão aceleratória social.”

Hall (1992, p. 148) cita que “a separação entre os nossos ritmos interiores e o relógio suspenso na parede explica em grande parte a tensão dos nossos contemporâneos.” Carlos revela que “o tempo gera ansiedade por ter que ser multitarefa e ansiedade atrapalha a criatividade, traz depressão. Esse modo rápido da sociedade gera bloqueios criativos, doenças mentais. Já tive várias vezes bloqueios criativos!”

Notadamente a cobrança pela velocidade tem exigido grandes esforços dos entrevistados. Nossa percepção indicou que esta pressão é maior naqueles profissionais que atuam com fechamentos diários e regulares, nos quais cada minuto é contabilizado (Fernando e Rubem, por exemplo). Acrescenta-se ao quadro o uso das ferramentas digitais, que não esperam ninguém, não param para almoçar e não dormem. Nas dinâmicas das redações, o aparato técnico abreviou o processo de transmissão de notícias e a tensão que havia para a criação de uma edição diária se diluiu em constantes “fechamentos” instantâneos.

Em sua pesquisa sobre estresse e a qualidade de vida do jornalista Heloani, (2006, pp. 171-198), verifica que o suposto bem-estar apregoado pelos entusiastas da tecnologia, “não foi apenas substituído por cargas de trabalho excessivas e invasão da vida pessoal dos executivos, mas também por desconfortos físicos”. Fernando mencionou o caso de uma estagiária que, cobrada exaustivamente, teve crise nervosa na redação, desmaiou e teve que ser socorrida. “Tem gente que não se adapta e precisa sair, fica doente, não aguenta.” Sua constatação nos lembra de um tempo subjetivo que permeia alguns setores da profissão, nos quais a adrenalina e a tensão são constantes, incorporados ao trabalho e vistos como um fator positivo de produção. Este perfil de trabalho compõe um grupo específico, muito comum nas ocupações da televisão, rádio ou jornais diários. Hilda, por exemplo, nunca se interessou nem quis trabalhar nesta área. “Fica tudo sempre mais fútil, padronizado, estandardizado e acho ruim.”

A falta de regulamentação da profissão, somada às grandes jornadas, ruins condições de trabalho, baixos salários e poucos benefícios tem gerado dúvidas sobre o futuro da profissão em

muitos países. Tanto que a pesquisa de carreiras do site americano CareerCast.com posicionou a profissão do repórter como a pior do mundo nos anos de 2015, 2016 e 2017. No último levantamento, em 2019, a profissão ficou como a terceira pior (perde apenas para lenhador e motorista de táxi).

“É preciso a elaboração de uma teoria crítica empenhada em reassumir o mundo como uma ‘tarefa’ humana” lembra Moretzsohn, (2002, p. 176). Wolton (2017) diz que é preciso dissociar a informação técnica da comunicação humana. Não existe outra rede: a rede humana é a mais importante. O mais complicado são os homens e a sociedade.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os múltiplos usos do tempo, inicialmente vistos como naturais, mostram-se cada vez mais inseridos nas esferas da vida pessoal, profissional e como valor fundamental para as sociedades. A dança do tempo nos envolve e nos move em direção às percepções e sentidos que vivenciamos em anos, dias, horas e segundos, os quais subjetivamente tentamos sincronizar em dinâmicas e temporalidades interiores, em busca de uma boa vida.

Neste cenário, nosso objetivo foi perceber o contexto do tempo entre um grupo de profissionais, essencialmente jornalistas, que atua em criações de texto (notícias, artigos, livros) e imagens (publicidade, ilustração). Por meio de entrevistas pessoais verificamos como cada um lida com a escassez de tempo, a aceleração social e a velocidade em suas vidas e no trabalho.

Acrescenta-se o cenário de que o jornalismo faz parte e ajuda a construir uma sociedade líquida-moderna (Bauman, 2000; Deuze & Witschge, 2016). Isto é, pertence a um quadro de mudanças, conflitos, fluxos, incertezas e revoluções, que sinalizam o desafio efêmero em pontuar conceitos e documentá-los. O jornalista sempre trabalhou com o tempo, na tentativa de representar o instante presente, mesmo quando lida com o passado e o futuro.

A nossa conclusão principal é que vivemos no contexto da velocidade (Virilio, 1996). Falamos do fetiche (ou ditadura) da velocidade (Moretzsohn, 2002; Trivinho, 2015), explorando o *modus operandi* de um sistema capitalista, que só se estabiliza no movimento, com a dinamização e aceleração social (Rosa, 2019).

De início a nossa pesquisa comprova a aceleração social em todos os seus eixos, assim como a compressão e escassez do tempo. Em seguida demonstra a tensão entre o uso das temporalidades aceleradas e velozes. Por um lado, são reconhecidas como certezas, pilares da inovação, progresso e avanços científicos. Por outro, a velocidade excessiva pressiona a qualidade de trabalhos aprofundados e reflexivos, depreciando setores, ocupações e condições de saúde. As noções de qualidade são moldadas a partir da rapidez, que tem promovido a ausência da experiência (Benjamin, 1994; Matos 2008).

A falta de valorização da experiência no campo jornalístico (conceito do jornalista sentado ou jornalismo de banca (Neveu, 2005 p. 12) foi expressa como fator de padronização das notícias e tratamento de informações prontas. Na impulsão da velocidade digital, tudo é permitido (desde que rápido) e quanto mais veloz, menos se pensa e mais se aliena: qualquer resposta serve e qualquer um pode emití-la. A experiência profissional foi descrita como uma das principais

estratégias para lidar com a aceleração social, no sentido de encurtar episódios e ações.

O erro (Bourdieu, 1997; Soster, 2003, Sennett, 2006; Correia, 2006) foi incorporado ao processo de trabalho, em nome da velocidade. A questão da saúde do profissional (Heloani, 2006; Deuze & Witschge, 2016; Wolton, 2017) surgiu como preocupação por todos, em várias respostas, mesmo sem apresentarmos uma pergunta específica sobre o tema.

A chegada dos dispositivos tecnológicos (computadores, internet, redes, celulares) também é um fator (motor) decisivo, que impulsiona a aceleração. Além de alterar definitivamente mercados, profissionais e processos de trabalho, as tecnologias moldam também a forma de atuação dos indivíduos (Castells, 2000; Harvey, 2008; Santaella, 2013; Virilio, 1996; Moretzsohn 2002). O testemunho é da maioria dos entrevistados (83,33%), que conviveu com o analógico e migrou para o digital.

A tecnologia mostrou na pesquisa dois lados distintos: um de herói e outro de vilão, alterado conforme o seu uso e aproveitamento. É importante sublinhar o papel peculiar da velocidade do aparato técnico, fator que impulsionou as inovações, desenvolvimento e o progresso que vivenciamos. A maioria dos entrevistados reconhecem que se utiliza de ferramentas digitais e que estas ampliam seus resultados, horizontes e potencializam o tempo. Por outro lado, processos digitais reconfiguram, sobretudo no jornalismo, outro modelo de trabalho, nova temporalização e estrutura. Demissões são relatadas, em novos desenhos de negócios que incorporam a publicidade, maior cobrança de velocidade, um tempo “presentificado” e reduzido ao instante, na produção on-line. Verifica-se ainda que o profissional se torna multitarefa, praticamente um empreendedor individual e tem sua atuação medida e nivelada pela corrida do “vale tudo para chegar primeiro”. Privilegia-se a filosofia do “tempo é dinheiro” em detrimento da subjetividade humana, nas cobranças de modelos velozes de trabalho a partir da simbiose homem-máquina.

O consenso moderno nos diz que a rapidez pode acelerar mais ainda. É importante pontuar que a velocidade não é uma inimiga e que nem tudo pode ser acelerado. No entanto o que busca são modelos de trabalho que façam sentido, sob o ônus de sua extinção. Contrários à corrida da atualidade encontramos movimentos (Trivinho, 2015; Caldas, 2014; Prazeres, 2017) que defendem maior qualidade e aprofundamento nas notícias como o *slow journalism*, *longform*, e a comunicação afetiva.

A prática nos mostra que o modelo atual de produção e trabalho dos nossos entrevistados tem custado muito caro para todos. Para eles, as condições e a pressão não são favoráveis. Para quem recebe a mensagem que eles produzem, chegam demasiadas críticas e desconfianças, a

ponto de um questionamento e até o enfraquecimento do setor.

As promessas de que as tecnologias viriam para facilitar os processos de trabalho, e, assim, conceder mais tempo aos indivíduos, não tem se concretizado. Pelo contrário. Diante da problemática, os autores consultados e a nossa pesquisa indicam a busca de mecanismos eficazes para o equilíbrio e a ressonância entre o uso do tempo. Modelos que privilegiem a qualidade de vida, do trabalho e da produção, assim como promovam uma velocidade que permita o raciocínio, o aprendizado e a reflexão.

Entre as possíveis soluções foram apontadas mudanças culturais e sociais, com o uso saudável das tecnologias, permitindo maior integração, funcionalidade e bom senso. Soma-se ao quadro, novos modelos de consumo e trabalho, a partir do reconhecimento dos diferentes tempos de ação (*slow* não é inimigo do *fast* e vice-versa), assim como a promoção de temporalidades criativas, voltadas também para o tempo interior e biológico, aprofundamento e satisfação laboral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adam, B. (1990). *Time and social theory*. Cambridge, United Kingdom: Polity Press.
- Agostinho. (2017). *Confissões*. Tradução: Lorenzo Mammi. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Adghirni, Z.L. & Ribeiro, G. de S.N. (2000). *Jornalismo on-line e identidade profissional do jornalista*. COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.
- Adghirni, Z. L. (2001). *Informação on-line: jornalista ou produtor de conteúdos?* Revista Contracampo. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-graduação em Comunicação. ISSN: 2238-2577
- Antheaume, A. (2019). *Jornalistas franceses: Quando a pressão se torna insuportável* - Observatório Europeu do Jornalismo – EJO. Disponível em: <https://pt.ejo.ch/jornalismo/jornalistas-franceses-quando-a-pressao-se-torna-insuportavel>. (acesso em 08/10/2019).
- Antunes, E. (2009). *Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, pp. 85-99, dez. 2009.
- Araújo, E. & Duque, E. (Eds.). (2012). *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas*. CECS. Centro de Investigação em Ciências Sociais Universidade do Minho Braga. Portugal <http://www.comunicacao.uminho.pt/cecs/>
- Bauman, Z. (2000). *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro (RJ), Brasil: Zahar Editora.
- Benjamin, W. (1994). *Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasil: Editora Brasiliense.

- Bergson, H. (2006). *O pensamento e o movente*. Tradução: Bento Prado Junior. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Bial, P. & De Mais, D. (entrevistado) (2019). *Conversa com o Bial*. Rede Globo de televisão/Globoplay. 29/07/2019. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7803037/>
- Bodenmüller, L., Fonseca, B. & Viana, N. (2013). *A pior profissão do mundo*. Agência Pública. Disponível em: <https://apublica.org/2013/06/pior-profissao-mundo/> Acessado em 07/10/19
- Bolaño, C. (2010). *Jornalismo on-line reflexões a partir da economia política da comunicação*. La comunicación mediatizada: hegemónias, alternativas, soberanías, pp. 71–81
- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão*. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro (RJ), Brasil: Jorge Zahar Editor.
- Caldas, D. (2014). *A reinvenção do tempo: Aceleração e desaceleração na sociedade e no consumo*. E-odes. Edição Kindle.
- Dalmonete, Edson Fernando (2010). Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos. *História (São Paulo)*, 29(1). ISSN: 0101-9074. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221018489019>
- Dastur, F. (1990). *Heidegger e a questão do tempo*. Tradução: João Paz. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- De Masi, M. (2000). *O ócio criativo*. Tradução: Léa Manzi (3ª. edição). Rio de Janeiro (RJ), Brasil: Sextante.
- Deuze, M. & Witschge, T. *O que o jornalismo está se tornando*. Parágrafo. Jul/Dez. 2016 V.4, N.2 (2016) - ISSN: 2317-4919

- Durkheim, E. (2009). *As formas elementares da vida religiosa* (4ª. Ed.). Tradução: Paulo Neves. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Einstein, A. (2003). *O significado da relatividade*. Tradução: Prof. Mário Silva. Lisboa, Portugal: Gradiva Publicações.
- Evans-Pritchard, E. E. (1978). *Os Nuer*. São Paulo, Brasil: Perspectiva.
- Ferraz, T. et al. Wolton, D. (entrevistado) (2017). *Dissociar a informação técnica da comunicação humana*. Compós 2017. Faculdade Cásper Líbero. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/compos_noticias/dominique-wolton-dissociar-a-informacao-tecnica-da-comunicacao-humana/
- Franciscato, C. E. *A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica*. 2003. 336 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Carlos-Eduardo-Franciscato.pdf>>. (acesso em 02/10/2019)
- Frezza, M., Grisci, C. L. I., & Kessler, C. K. (2009). Tempo e espaço na contemporaneidade: uma análise a partir de uma revista popular de negócios. *Revista de Administração Contemporânea*, 13 (3), 487–503. <https://doi.org/10.1590/s1415-65552009000300009>
- Gell, A. (2014). *A antropologia do tempo: Construções culturais de mapas e imagens temporais*. Tradução: Vera Joscelyne. Petrópolis (RJ), Brasil: Editora Vozes.
- Giannini, E. (2012). *Tempo, Trabalho e Subjetividade – Crises da Atualidade*. Série Audiovisual da Tese de doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/yTARiMPJYrg>
- Giddens, A. (2003). *A constituição da sociedade*. (2ª. edição). São Paulo, Brasil: Martins Fontes.

_____ (1991). *As consequências da modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo, Brasil: Editora Unesp.

Giddens, A. & Sutton, P.W. (2017). *Conceitos essenciais da sociologia*. (2ª. edição). Tradução: Claudia Freire. São Paulo, Brasil: Unesp Digital.

Guerra, I.C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – sentidos e formas de uso*. Cascais, Portugal: Principia.

Hall, E.T. (1996). *A dança da vida – a outra dimensão do tempo*. Tradução: Manuel Alberto. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores.

Harvey, D. (2008). *A condição pós-moderna*. (17ª. edição). Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo, Brasil: Edições Loyola.

Heidegger, M. (2014). *O ser e o tempo*. Tradução: Fausto Castilho. São Paulo, Brasil: Editora Vozes.

Heloani, R. (2006). *O trabalho do jornalista: estresse e qualidade de vida*. Interações, vol. XII, núm. 22, julho-dezembro, 2006, pp. 171-198. Universidade São Marcos. São Paulo, Brasil. ISSN: 1413-2907.

Jorge, T. (2009). Mcdonaldização no jornalismo, espetacularização da notícia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 5(1), 25-35. doi: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2008v5n1p25>

Kant, I. (1983). *A crítica da razão pura (I)* (2ª. edição). Tradução: Valério Rohden e Udo Balduer Moosburger. São Paulo, Brasil: Abril Cultural.

Kern, S. (2003). *The Culture of Time and Space, 1880-1918: With a New Preface*. Cambridge, United Kingdom: Harvard University Press.

- Kohan, A.S. (2013). *Os segredos da criatividade*. Tradução: Gabriel Perissé. São Paulo, Brasil: Editora Gutenberg.
- Lima, R. de M. (2010). *A Qualidade da Informação do Jornalismo On-line*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Labcom. ISSN: 1646-3137.
- Marcondes Filho, C. (2019). *O espelho e a máscara – o enigma da comunicação no caminho do meio*. 2ª. Edição. DOI 10.11606/9788572052511 São Paulo: ECA-USP 2019
- _____. (2000). *A saga dos cães perdidos*. São Paulo, Brasil: Hacker Editores.
- Marx, K. (2019). *O Capital - Parte I - Capítulo 1: A Mercadoria*. Domínio Público. Edição do Kindle.
- Matos, O. (2008). *O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo*. Revista do Serviço Público Brasília 59 (4): 455-468. Out/Dez 2008.
- Markun, P. (2015). O jornalismo acabou. Como profissão, não como ofício. LinkedIn. 05/08/2015. Disponível em <https://www.linkedin.com/pulse/o-jornalismo-acabou-como-profiss%C3%A3o-n%C3%A3o-of%C3%ADcio-paulo-markun/>. Acesso em 26/10/2019.
- Mays, L.W. (Org.). (2010). *Ancient water technologies*. London, England: Springer.
- Mead, G. H. (1932). *The philosophy of present*. London, England: The Open Court Company Publishers.
- Melo, J. M de (2009). *Jornalismo: compreensão e reinvenção*. São Paulo: Brasil. Editora Saraiva (livro eletrônico, paginação irregular).
- Neveu, E. (2005). *Sociologia do jornalismo*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Pereira, F. H. & Adghirni, Z.L. (2011). *O jornalismo em tempo de mudanças estruturais*. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, Janeiro-Junho, 2011.

Prazeres, M. (2017). *Comunicar devagar*. Como o ensino, a pesquisa e a prática de Jornalismo podem se inspirar no movimento slow para desacelerar. LÍBERO Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero ISSN 1517-3283 ANO XX - No 40 Julho-Dezembro, 2017.

_____ (2018). *Jornalismo lento* – Mapeando tensões entre velocidade e comunicação em ambientes digitais. PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM. Vol: 2 (4) pp: 125. DOI: 10.31657/rcp.v2i4.71 ISSN 2525-958X

Postone, M. (2014). *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*. Tradução: Paulo César Castanheira, Amilton Reis. São Paulo, Brasil: Boitempo Editorial.

Ribeiro, J.C. (1994). *Sempre Alerta*. Condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo, Brasil: Brasiliense/Olho D'água.

Rosa, H. (2019). *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na modernidade*. Tradução: Rafael H. Silveira. São Paulo, Brasil: Editora Unesp.

_____ (2003). *Social acceleration: Ethical and political consequences of a desynchronized high-speed society*. Constellations, 10 (1), 3-33. doi: 10.1111/1467-8675.00309

Soares, M. C. (2009). *Representações, jornalismo e a esfera pública democrática*. São Paulo, Brasil: Editora Unesp.

Soster, D. de A. (2003). *A Relação entre Velocidade e Precisão em Webjornalismo*. Em Questão (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 353-363, Julho-Dezembro, 2003. ISSN 1808-5245

Santaella, L. (2013). *Comunicação Ubíqua – Repercussões na Cultura e Educação*. São Paulo, Brasil: Paulus Editora (livro eletrônico, paginação irregular).

Sevcenko, N. (2004). *A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Soja, E. W. (1993). *Geografias pós-modernas – A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro (RJ), Brasil: Jorge Zahar Editor.

Thompson, E.P. (2005). *Costumes em comum*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Tonetti, M. (2015). *A ditadura da velocidade*. *Jornal de Debates*. Observatório da Imprensa. Edição 837 - Fevereiro - ISSN 1519-7670. Disponível em http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed837_a_ditadura_da_velocidade/ (acesso em 06/10/19).

Traquina, N. (2001). *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo (RS), Brasil: Unisinos.

_____ (2005). *Teorias do Jornalismo*. Volume I. Porque as notícias são como são. Florianópolis (SC), Brasil: Editora Insular.

Travancas, I., and Nogueira, S.G., (orgs). (2016). *Antropologia da comunicação de massa* [on-line]. Campina Grande: EDUEPB. Paradigmas da Comunicação collection, 307 p. ISBN 978-85-7879-332-6. Available from Scielo Books <<http://books.scielo.org>>.

Travancas, I. (1992). *O mundo dos jornalistas*. São Paulo, Brasil: Summus Editorial.

Tziminadis, J. L. F. (2017). Estudos de Sociologia. In *Estudos de Sociologia* (Vol. 22, pp. 365-383). ISSN:1414-0144. Retrieved from: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/10462>

Urry, J. (2002). *Sociologia do Tempo e do Espaço*. In Bryan S. Turner (org). *Teoria Social* (377-403). Lisboa, Portugal: Difel.

Venancio, R.D.O. (2017). *Cinco lições para o jornalismo do século XXI*. Uberlândia (MG), Brasil: Edição do Kindle.

Weber, M. (2007). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. (6ª. reimp.) Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Whitrow, G. J. (2013). *O que é tempo?* Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro (RJ), Brasil: Jorge Zahar Editor.